O · FLORESCE · A · LUZ

ARIA ACADÉMICA
EDES DA SILVA
Mártires da Liberdade, 12
0 — TELEFONE, 25988

AM178
NB 196851

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

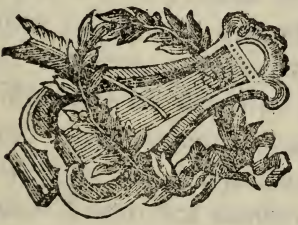
Professor

Ralph G. Stanton

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS.

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANO ERITHREO
DEDICADAS Á MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES.
TOMO TERCEIRO.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1783.
Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na loja da Impressão Regia á Real Praça do Commercio.

Louvado seja amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento.

CAMÕES. *Son. VII.*

PROLOGO.

JUDICIOSO Leitor, aqui te offereço o incansavel trabalho que tenho ido, ha annos, em ajuntar todas as Poezias, que restavão não impressas de JOÃO XAVIER DE MATOS. Não me foi possivel alcançar mais, posto que ainda em meu poder ficão algumas, em que Author está duvidoso de serem suas. Resta-me huma boa porção dellas, sefultadas nas mãos de hum sujeito, que em dellas se utiliza, nem utiliza a atria. Muita parte das que vão aqui rão feitas nos seus primeiros annos e Poeta; isto sirva de desculpa para o uthor, que com violencia consentio ie se escrevessem. O desejo de adianr este terceiro Tomo fez tambem com ie elle o não reviſſe, e emendasse. ceita benevolo estas satisfações, e fa- justiça.

Vale.

SO-

PROLOGO.

Vale.

SONETO

EMbora, de me ler, tende faſtio,
Bocas ſó feitas para hum vil dicterio:
Ladrai, mordei-vos, cães, que hum homem ſério
Não ſahe com Charlatões ao deſafio:

Do voſſo indigno proceder me rio;
Fundei nos corações meu vaſto Imperio,
Onde, em lugar do torpe vitúperio,
Vou deſfrutando o público elogío:

Não cuideis que o meu animo fluctúa
Em tão pequeno, e ſordido regato,
Que não ha tempeſtade que o deſtrua:

Lede pois os Emblemas de Alciato;
E achando hum cão, que eſtá ladrando á Lua,
Eſſe ſerá o voſſo, e o meu retrato.

SONETO

QUando eu naſci, hum funebre Agoureiro,
Que obſervou meu horoſcopo malino,
Diſſe logo a meus Pais: Eſte menino
Nunca ha de ter ſaude, nem dinheiro.

Entra a gente de caſa n'um berreiro;
Acode a vizinhança ao deſatino;
E conſultando ſobre o meu deſtino,
Tratão de me engeitar por derradeiro.

Fica em pé a queſtão; e a profecia
De nunca ter ſaude, nem real,
Bemdito Deos! não tem falhado hum dia.

Reſta-me ſó, já agora, por mais mal,
Ir comer as raçoes á portaria,
Ir morrer nas coxias do Hoſpital.

SONETO

PIzando andei da mocidade as flores,
Onde eſcondidos Aſpides ſe gerão,
Que pouco a pouco o incauto pé mordêrão,
De que inda ſinto, envenenado, as dores.

Das bellas Graças, dos gentis Amores
Eſcrevi, tudo quanto me diſſerão;
E enfileirado, as Parcas me fizerão
Marchar ao ſom de bellicos tambores.

Depois vi revolver na cryſtallina
Urna o fertil Mondego, e da Sciencia,
Em vão, ſaudei as ſabias Leis, que enſina:

Desfez-ſe eſta quimera, eſta apparencia,
E fiquei, como vês, meu bom Medina,
Tudo argumento, e nada conſequencia.

SONETO

LUctando Albano no seu barco andava,
Contra alto mar, que o vento revolvia:
Hum furacão a vela lhe rompia,
Hum rolo de agua o léme lhe levava.

Já de salvar a vida não tratava,
Perdella, sem ver Laura, he que temia;
E co's olhos no Ceo, ao Ceo pedia,
Que lha deixasse ver, que isto bastava.

Eis-que nos hombros de hum Delfim boiando,
De longe, a sua Laura lhe apparece,
Com doce rizo as ondas bafejando:

Direito o barco, Albano convalesce,
Torna-se o mar sereno, o vento brando,
Que em rindo Laura, tudo lhe obedece.

SONETO

JÁ enfadado Amor de ſer fréxeiro,
As armas pendurou, e co'a expriencia
De quanto póde a Magica ſciencia,
Mudou de vida, e poz-ſe a feiticeiro.

Não tem, para ligar o mundo inteiro,
Da virtude das hervas dependencia,
Nem dentro de Agoural circumferencia,
Tres vezes fére o chão com o pé ligeiro.

Sem outra imprecação, ſem mais conjuro,
Do que invocar de Maura os olhos bellos,
Torna de cêra o coração mais duro:

Amor, para encantar, baſta movellos;
E não ſei ſe elle meſmo eſtá ſeguro
De enfeitiçar-ſe, ſem fugir de vellos.

SONETO

MEu coração de tempera tão dura,
Que póde ver a minha Marcia bella,
Sem que no peito a palpitar por ella,
Morra de amor, ſuſpire de ternura.

Não baixe ás ſombras da Região eſcura,
Nem a indomitos ventos dando á véla,
Os rumos fórce de contraria Eſtrella,
Se Heroe quer ſer, ſem recear ventura.

Deixe as frentes cingir de invictas ramas
Todos eſſes Heroes conquiſtadores,
Rompendo os mares, reſiſtindo ás chammas:

Que inda de Heroes tem creditos maiores,
Que Almeidas, Caſtros, Albuquerques, Gamas,
Quem póde vella, ſem morrer de amores.

SONETO

HE tempo, Marcia, de chegar o dia,
Em que venhas, qual Sol, quando amanhece,
Romper a nuvem negra, que escurece
Nestes meus olhos tristes a alegria.

Vem arrancar das mãos da Morte fria,
Quem por ti chora, quem por ti padece;
E o mar, que nestas praias se enfurece,
Fazer que torne a pôr-se em calmaria.

Vem pois já com teu rosto alvo, e córado,
Que a rosa torna branca, e a neve escura,
Reduzir tudo ao seu antigo estado:

Que assim mesmo, cruel, ingrata, e dura,
Anda a teu lindo gésto vinculado,
Quanto he capaz de dar-nos a ventura.

SONETO

Maura gentil, pede a razão que sintas,
Mas sem que faças á razão violencia:
Não creias que ha Fortuna, ha Providencia,
Representada com diversas tintas:

Que a tua dor te vença, não consintas;
Perca-se tudo, menos a paciencia;
E da tua alma a heroica resistencia,
Tantas vezes provada, não desmintas:

Tu, inda podes, inclinando o rosto
Sobre a materna mão, misturar nella
Bejos de amor, com lagrimas de gosto;

Mas se for tão contraria a tua Estrella,
Que obre por modo a teu allivio opposto,
Que remedio? Adorar a causa della.

SONETO

INda não creio que de Amor vingado,
Torno livre a correr, como algum dia,
Sem tropeçar nos ferros que trazia,
Humas vezes por gosto, outras forçado:

Vendo o roxo vergão assinalado
Da cadêa, que o passo me tolhia;
Já por ver se me engana a fantasia,
Inda, incredulo, apalpo o pé magoado.

Qual, depois de sahir de algum medonho
Lethargo, e fica ainda mal disposto,
Cuidando que he verdade, o que foi sonho:

Tal, eu duvido, se o meu caso he certo;
Mas, se verdade for, como eu supponho,
Que dirá Marcia, vendo-me liberto?

SONETO

INda a minha feliz puerilidade
Não he capaz de produzir louvores;
Inda não sei pintar com vivas cores
A santa Imagem da immortal verdade.

São de outros frutos da madura idade
Dignos os voſſos annos, são crédores
De mil capellas, de incorruptas flores,
Tecidas pelas mãos da Eternidade:

Mas ſe de Filha, amor, e obediencia
Podem ſervir-vos de elogio, e gloria,
Tudo achareis em mim, ſem reſiſtencia.

O dia he de perdão, e de victoria;
Tem meus annos deſculpa, na innocencia,
Como Altar, voſſos annos, na memoria.

SONETO

Cansado de cuidar nesta cansada
Vida, se he vida, cheio de tristeza,
Adormeci, sonhando co' a despeza
Que tinha de fazer com a jornada:

De capa e volta, e branca vara alçada,
No meio da Vereança, e da Nobreza,
Meirinho á porta, livros sobre a meza,
Me vi feito Ministro de pancada:

Presentinho daqui, dalli cortejo,
Já levando Doutor, já Senhoria,
Era hum Jurisconsulto do Além-Téjo:

Eis-que sobre questões, que a Lei movia,
Dando hum murro na banca, acórdo, e vejo
Que foi hum sonho a tal Ouvedoria.

SONETO

Prevendo Jove na ſua alta idéa
Que o Herdeiro feliz do Illuſtre Gama
Lhe havia ſuceder tambem na fama,
Que o fará digno Heroe de outra Epopéa:

Junta no Sacro Olimpo huma Aſſemblea
Dos Deoſes todos, que a conſelho chama:
Propõe, reſolve, e o grande Niza acclama
Hum dos Heroes, cujas acções premèa:

Promette, que inda em honra deſte dia,
O voraz Tempo, que a ninguem perdoa,
Huma Eſtatua no mundo lhe ergueria:

E terá (diz a Fama, que o pregoa)
Sceptros na mão, que offreça á Monarquia,
Mundos por baſe, Eſtrellas por Coroa.

SONETO

EU já diſſe, Senhor, que a Fidalguia,
Não ſendo da virtude acompanhada,
Era hum fantaſma da grandeza herdada,
A quem os Reis não podem dar valia:

Mas quem ſubindo a huma alta Jerarquia,
Dos ſeus merecimentos faz eſcada,
Eſte caminha por ſegura eſtrada
Ao Templo da immortal Nobiliarquia:

Tal teu ſyſtema ſolido, e prudente
Te fará reſiſtir, qual forte eſcudo,
Aos golpes de algum zoilo maldizente:

Es Fidalgo por genio, e por eſtudo;
E ſe o não foſſes na mercê preſente,
Eras digno de o ſer, que he mais que tudo.

SONETO

LI huma vez em certa obra impreſſa,
Que havia no Parnaſo hum grão theſouro;
Eu, que ha tempo, por dinheiro eſtouro,
Para lá fiz jornada a toda a preſſa:

Mas como toleirão, cahi na peça;
Pois por mais que cavei, não achei ouro:
Vim peior do que fui, pois nem de louro
Truxe hum ramo, ſe quer, para a cabeça:

Aſſim eſtou, ſem real, o anno inteiro;
E ainda ha louco tal, que affirmaria,
Que hum Poeta he mais rico que hum Mineiro!

Mas eu digo, que o éſtro da Poezia,
Se pudeſſe comprar-ſe por dinheiro,
Por dezeſeis toſtões o venderia.

SONETO

PAra traçar a Imagem da triſteza,
Sei que ſe convidárão dous Pintores:
Moêrão tintas, miſturárão cores;
E tomando os pinceis, entrão na empreza:

Qual imitou melhor a Natureza
Não ſei, porque eu não vi os ſeus primores;
Sei que são Meſtres, ſei que são Authores
De mil pinturas, de outra igual deſtreza;

Mas ſe negros cypreſtes retratárão;
Se gemêrão, qual paſſaro agoureiro,
E de indigeſta ſombra os Ceos toldárão,

Ficou-lhes a melhor couſa no tinteiro,
Se no meio de tudo não pintárão
Qualquer homem de bem, ſem ter dinheiro.

SONETO

SE o cantor Grego, se o cantor Latino
Sustentar o caracter não souberão
Dos dous grandes Poemas que fizerão,
De que tu foste imitador indino:

Se o grande Tasso, se o Camões Divino,
Milton, Wolter, e os que depois vierão,
Réos do mesmo delicto se fizerão
No Tribunal de hum critico malino:

Se Pina foi pedante, se antiquario
Garção, e Quita, dize-nos, responde,
Que Poeta nos dás por formulario?

Ora, de envergonhado, o rosto esconde:
Ou he o teu Poeta imaginario,
Ou, se existe, declara-nos, aonde?

SONETO

A' Luz do cirio Nupcial, que ardia
Junto das Aras de Hymeneo ſagrado,
De folhas de carvalho coroado
Amor, caſtos aromas derretia:

Co' a máo na chamma, ao Numen promettia
De fazer teu conſorcio affortunado;
E ora ao lado da Eſpoſa, ora ao teu lado,
Ser da fé conjugal huma valia:

Alli aſſegura, alli te diz, que eſperes
Gentis herdeiros, que dos teus maiores
Hão de igualar as honras, e os poderes:

Voou, cantando Amor eſtes louvores;
E ſobre o doce Altar dos teus prazeres
Foi derramar deſconhecidas flores.

SO-

SONETO

Porque o dar he de amor prova a mais certa,
Dar quiz Marcia a seu Tio, a quem amava,
E fez-lhe, do que mais necessitava,
Huma excellente, e generosa offerta:

Não sómente andou fina, andou discreta,
Pois nas acções do Pai, que respeitava,
Para imitallas bem, mostrou que achava
O genio liberal, a mão aberta;

Mas se o Leão magnanimo não gera
Senão outro Leão, do bom Limano,
Que Filha menos liberal nascêra?

Tudo isto quer dizer, se não me engano,
Que obrando, como Filha de quem era,
Deo Marcia huns punhos a seu Tio Albano.

SONETO

MEu amigo Doutor, mil conjecturas
Se fazem contra vós, por modos varios;
Dizem, que empobreceis os Boticarios,
Que o patrimonio detreorais dos Curas:

Que estão vasias muitas sepulturas,
Que não se ouvem dobrar os campanarios;
Porque inimigo dos receituarios,
Sem que mateis, abbreviais as curas:

Assim a gente barbara se explica;
Mas de tapar-lhe a boca o modo seja,
Receitar muito, ou seja pobre, ou rica:

E o mesmo, de tal modo em mim se veja,
Fazendo tal empenho na botica,
Que me enterrem, por pobre, nessa Igreja.

Convidando ao Author para ir á Feira da Golegã.

SONETO

EU não compro, nem vendo, o meu cuidado
Não tem por fim avanços duvidoſos;
E ſe dei alguns paſſos proveitoſos,
Foi para eſtar tão bem acompanhado:

Não ſou taful, que em jogo arrebatado
Fazer eſpere ganhos vantajoſos,
Nem buſco entre cavallos generoſos,
Silva na teſta, eſquerdo pé calçado:

Vil Gigante, comedia impertinente,
Inſipida marmota, he tudo aſneira,
Que a razão, e a vontade não conſente;

Vim triſte, e inda eſtou triſte, de maneira,
Que, quando daqui for, á minha gente
Nem dizer poſſo, que fui rir á Feira.

SONETO

VEr premiado o teu merecimento,
Não só fora justiça, mas ventura;
Porém, quanto mais tarda, mais se apura
Em ti a gloria de hum devido aumento:

Ensae-se o valor no soffrimento,
Que ha de servir-te para a guerra dura;
E sejas, muito embora, huma figura,
Posta no frio Altar do esquecimento:

Ninguem, que es benemerito, duvida;
Recebe tu, por premio, esta certeza,
Que outra não ha, que mais nos honre a vida:

Catão teve mais gloria na estranheza
De lhe faltar a Estatua merecida,
Que no Colosso da maior grandeza.

SONETO

Mal haja aquelle dia, aquelle inſtante,
Que o chão pizei da perigoſa Almada:
Triſte função! Maldita maſcarada!
Permitta Amor, que nunca vás ávante:

Maldita a força do meu genio amante,
Que he, mais que tudo, no meu mal, culpada;
Maldita ſeja aquella encruzilhada,
Que faz perder o tino a hum caminhante:

Maldito ſeja, quanto cauſa ha ſido,
De ver a formoſura, por quem venho,
Para em quanto viver, de Amor ferido:

Mas ninguem culpa tem do meu deſpenho,
Eu ſó tenho eſtas pragas merecido;
Maldito eu ſó, que eu ſó a culpa tenho.

SONETO

MEu bom Franciſco, eu te agradeço agrato
Conſolador da ſequioſa gente:
Quero dizer, o Bacanal preſente,
Prazer da viſta, encanto do palato:

O licor ſanto de Liêo extracto,
Que, em quanto me durou, bebi contente:
Chypre, Phalerno, Candia, certamente,
Nunca o derão melhor, nem mais barato:

Permittira a Divina Providencia,
Que tornaſſe a vir mais pelo caminho:
Não he remoque, em minha conſciencia:

Pois he tão generoſo o licorzinho,
Que ſó dou ao teu genio preferencia,
Por ſer mais generoſo que o teu vinho.

SO-

SONETO

TOrna a vir, bella Jonia, o ſuſpirado
Dia dos teus bons annos; torna a gloria
Deſta recordação, deſta memoria
A fazer noſſo tempo affortunado:

Elle, para teus pés, torna humilhado,
Torna a ceder-te o campo da victoria;
E hum novo aſſumpto á Portugueza Hiſtoria
Torna a dar-lhe o teu nome acreditado:

Mais outra vez, dos corações humanos
Tornas, entre riſonhas alegrias,
A receber triunfos ſoberanos:

Finalmente, por certas ſympatias,
Eu torno a ter, no dia dos teus annos,
Nova conſolação para os meus dias.

SONETO

SAhio hoje de Phebo a luz dourada,
Não sei que nova gala dando ás flores:
Exhalão outro cheiro, de outras cores
Vai ficando a campina matizada:

A agua das fontes, até aqui gellada,
Murmura, burbulhando entre os verdores:
Não se vio tal em nossos arredores,
Desde que houve no mundo madrugada:

Sobre nós voa a candida Alegria,
Batendo as azas, affugenta os danos,
Que até aqui nos fizerão companhia:

Mas como não será para os humanos
Cheio de taes venturas este dia,
Se he, este dia, o dia dos teus annos?

Tomando posse da sua casa a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Marqueza de Niza.

SONETO

VEm, amavel, bellissima Pastora,
Ver os grossos rebanhos, que dominas:
Honra os grandes casaes, piza as campinas,
De quem tu es a Tutelar Senhora:

Vem, assim como géra a mão creadora
Em tosco chão, papoulas, e boninas,
Com teu exemplo semear doutrinas
Nos corações de quem te serve, e adora:

Pelo caminho te derramem flores
As Virtudes gentis: sacros loureiros
Sombras te dem, por onde quer que fores:

Assim vejas crescer os teus cordeiros;
E para bem de todos os Pastores,
Dês cedo a Unhão legitimos herdeiros.

Aos annos da dita Illustrissima, e Excellentissima Senhora.

SONETO

NAõ são de flores, mil festões pendentes,
Das portas dos casaes, de que es Senhora;
Nem vans ostentações, que o mundo adora,
Cousas sem ser, virtudes apparentes:

Não he dos teus Heroicos Ascendentes
Hoje a recordação; nem serve agora,
Entre vivas de Musica sonora,
Sobre fino manjar, brindes contentes:

Os pállidos enfermos, os clamores,
De mal cubertos, miseros humanos,
Que em ti achão remedio, em ti favores:

Estes são os triunfos soberanos,
Os ornatos, os vivas, os louvores,
Com que ha de ornar-se o dia dos teus annos.

A' meſma Senhora.

SONETO

NAõ he com meus louvores, que eu podia
Fazer teus annos mais aſſignalados;
Raras virtudes com que eſtão marcados,
He quem honra a memoria deſte dia:

Por mais que erga figuras a Poeſia,
Que invente a Proſa termos levantados,
Serão, por mim, teus Dons repreſentados
Da verdade, huma ſombra, inerte, e fria:

Só déſtra mão de ſabios Eſcritores
Poſsão pintar tão ſantos exemplares;
Porque eu não tenho nem pinceis, nem cores:

Amo os teus dias: Dias ſingulares!
E para os não manchar com teus louvores,
Adorei, em ſilencio, os teus Altares.

SO-

A' meſma Senhora.

SONETO

OS joelhos no chão, as mãos alçadas,
Fazendo ao Ceo mil ſúpplicas ardentes,
Vejo, Senhora, agradecidas gentes,
No dia dos teus annos, empenhadas:

Cantão á ſombra delles amparadas,
Hymnos devotos, Pſalmos reverentes;
E os écos deſtas vozes innocentes
Soão aſſim nos ares eſpalhadas.

Ouvi, ó grande Deos, as repetidas
Noſſas deprecações, que ſó pertendem
Ser, para bem de tantos, deferidas:

Conſervai-nos Nicea, a quem defendem;
Pois primeiro ſe acabem noſſas vidas,
Do que huma vida, de que as noſſas pendem.

A' meſma Senhora.

SONETO

QUando fogem do monte as neves frias,
E debaixo dos pés rebentão flores;
Quando de Phebo os raios creadores
Enchendo vem a terra de alegrias:

Quando por entre as arvores ſombrias
Sahem, brincando, as Graças c'os Amores,
Vens tu, enchendo a todos de favores,
Com teus annos dourar os noſſos dias:

Recebem, com te ver, hum novo alento
O monte, o valle, o racional, as féras,
Olha o noſſo geral contentamento!

Só tu, Dama gentil, fazer puderas
Com teu abençoado naſcimento
Haver no anno duas Primaveras.

Naſcendo a primeira Filha dos Excellentiſſimos Marquezes de Niza.

SONETO

OU ſeja precurſora, ou fique herdeira,
Senhora, a tua Próle abençoada,
Nella a gloria verás repreſentada
Do grande Unhão, da antiga Vidigueira:

As Almas não tem ſexo, e a verdadeira
Gloria de huma Alma não depende nada
De eſtar a hum corpo varonil ligada,
Para ſer ſábia, para ſer guerreira.

Eſta permiſſa do teu caſto affecto
Goſtoſa offrece, e põe nas máos Divinas,
Para encher a extensão do teu projecto;

Porque mais altos bens, couſas mais dinas,
Verás nella brilhar, que inda incompleto
O catalogo eſtá das Heroinas.

SO-

SONETO

FAzer annos, Senhor, fera ventura,
Porque dilata a duração da vida;
Mas he huma ventura tão fubida,
Que a logra a féra, o tronco, e a pedra dura:

Só quem fegue a razão, fó quem procura,
Como tú, outra gloria mais fubida;
Eſſa fama immortal, que te he dévida,
He que faz annos, he que vive, e dura:

Se o dia he de perdão, e de favores,
Perdão te peço, fe em conceitos rudes
Mancho o teu nome, offendo os teus louvores:

E favor, em que fempre alegre eſtudes,
Ser fó na imitação dos teus maiores,
Mais que dos bens, herdeiro das virtudes.

SONETO

DEzoito vezes, Phebo, a grão carreira
Pelo ardente Zodiaco tem dado,
Depois que no Oriente levantado
Ao mundo trouxe a tua luz primeira:

Desde então foi luzindo de maneira,
Que o deixou muitas vezes eclipsado;
E neste dia, a quem respeita o Fado,
Assim o diz a Fama pregoeira.

Hoje o Tempo, que a nada em fim respeita,
Respeita aquelles Dotes soberanos,
Com que o Ceo te honra a ti, e a nós deleita:

Vive pois para gloria dos humanos;
Que huma obra do Ceo, que he tão perfeita,
Dura, a pezar do vil poder dos annos.

SONETO

A Minha natural melancolia,
As negras azas ſobre mim batendo,
Não me deixa cantar, como pertendo,
As fauſtiſſimas glorias deſte dia:

Com minha Muſa pállida, e ſombria,
Eu julgo, Anarda, que o teu nome offendo;
Vai mais altos favores recebendo
Da boca de ouro da immortal Thalia:

O velho Tempo, que as acções conſome,
Reſpeitando teus Dotes ſoberanos,
Eternizallos á ſua conta tome:

Eſte aſſumpto não he para os Albanos,
He na boca de todos, o teu nome,
O maior elogio dos teus annos.

SONETO

O Tempo, que de nós foge apreſſado,
Que não foge de ti, Marcia, parece;
Sempre no meſmo ſer ſe te conhece
Géſto formoſo em roſto delicado:

Cuido que o meſmo tempo namorado
Da luz, que nos teus olhos reſplandece,
Para que nelles, ſem ceſſar, ardeſſe,
As azas encolhendo, eſtá parado:

Vê que farão os corações humanos,
Se chega a ter comtigo eſta equidade,
O mais cruel de todos os tyrannos:

Quiz honrar o teu ſexo, e a noſſa idade,
E dos teus bellos, virtuoſos annos,
Fingir huma ſegunda Eternidade.

SONETO

NAõ ſei, Marcia formoſa, que exquiſito
Louvor deſcubra, por louvar teus annos:
Para fallar dos ſeculos tyrannos,
Iſſo já anda a cada canto eſcrito:

Pois dizer, que o teu roſto he mui bonito,
Que os teus olhos gentis são dous maganos;
Ainda mal, que os corações humanos
O tem, com bem razão, mil vezes dito:

Tu, de mim, eſtas couſas não eſperes:
Sou exquiſito, quando dou louvores:
Fallo verdade a homens, e a mulheres:

Digo ſó, que por ti morro de amores,
E que vivas os annos que quizeres
Em companhia deſtes meus ſenhores.

SONETO

HOntem, Senhora Laura, caſualmente
Ouvi dizer, e fez-me novidade,
Que fazieis, não ſei quantos de idade,
Que iſſo não he ao caſo pertencente:

Como obrigado, e como bom parente
Que ſou, depois de certa ſociedade,
Quiz, mas não deo lugar a brevidade,
Em verſo, os parabens, dar-vos contente:

Agora vo-los dou, porque os Albanos
Só iſto tem que dar. Porém ſe affectos
Valém mais que preſentes ſoberanos,

Cá rogarei a Deos, nos meus Sonetos,
Que inda poſſais, vivendo muitos annos,
Netos abençoar dos voſſos Netos.

SONETO

O Patrio Téjo, fóra da agua, hum dia
Pára, a chamar todas as Ninfas bellas;
Manda mil flores apanhar por ellas,
Das mais mimoſas que a ſua margem cria:

Em verde junco entretecer fazia,
Brancas, azues, vermelhas, e amarellas;
E alçando a grave voz, do meio dellas
Vendo-as ir trabalhando, aſſim dizia:

Fazei ſinco grinaldas ſupriores;
E áquellas ſinco Ninfas, que amo tanto,
Por cantarem tão bem, croai de flores:

Pois não ha (ſó ſe for no Coro ſanto)
Louvor mais digno, deſde que ha louvores,
Canto mais ſingular, deſde que ha canto.

SONETO

A Os louvores de tanta ſuavidade,
Que principio darei! Que nova idéa!
Que não ſeja, ou do Ciſne, ou da Serêa,
Couſas, com que ſonhou a antiguidade.

Dizer, que edificar huma Cidade
Póde a tua voz, quem haverá que o crea?
A huma alma grande, que louvor recrea
Se não tem por eſpirito a verdade?

Mais diſto tudo, a tua melodia
Obrou comigo, ſuſpendendo hum tanto
A minha natural melancolia:

Tirou, para te ouvir, o negro manto;
Deixou-me ver o roſto da alegria;
Não ha louvor mais digno do teu canto.

SONETO

FAz o Sol, com perenne actividade,
Hum dia, mais que os outros, vagaroſo,
Porque huma vez, no gyro luminoſo,
Suſtente por mais tempo a claridade:

Aſſim neſte, Senhor, que á voſſa idade,
Augmenta mais hum circulo glorioſo,
Fazendo hum Solſticio milagroſo,
Reſume nelle a voſſa eternidade:

O dia, que o Sol faz entre os humanos,
He grande, e ſó vencello poderia
A luz dos voſſos raios ſoberanos:

Novo poder! Eſtranha primazia!
De quem, melhor que o Sol, ſabe em ſeus annos
Vencer hum Aſtro, e eternizar hum dia!

A' morte do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo D. Franciſco Xavier Telles, Protector da Academia dos Domeſticos.

SONETO

Irou-ſe Marte, e c'hum pelouro ardente,
Trovejando Vulcano affogueado,
Tirou a Heſpanha hum inimigo ouſado,
E a Portugal hum Capitão valente:

Era, de Heroes, Franciſco, Deſcendente,
De quem tinha o valor c'o ſangue herdado,
E obrando extremos de gentil Soldado,
Morre na cama dos Heroes contente:

A tomallo ſahio da funda arêa
Em ſeus ceruleos braços, Thetis fria,
Que nelles o levou, de mágoa cheia:

Raſgue as ceſsões a orfa Academia;
E as pennas, que guardou para a Epopéa,
Bem as póde aparar para a Elegîa.

Ao Doutor Jeronymo Esluquete, defendendo huma cauſa do Author.

SONETO

CRia Apollo, ſegundo affirma a gente,
Nas entranhas da terra o metal louro;
Mas no Parnaſo, huma ſó mina de ouro,
Não produzio té agora certamente:

Sou Poeta, e Poeta negligente,
Pois, nem ſe quer, meus verſos entheſouro:
Muſas não tem que dar, e ſó de louro
He que poſſo fazer algum preſente:

Delle hum ramo cortei, dei-o a Thalia,
Que te fica tecendo huma capella,
Porque eu a tanto não me atreveria:

Entra no Templo ſeu, vem recebella:
Deve-ſe aos Protectores da Poeſia;
Tu a deſaggravaſte, es digno della.

SO-

No dia dos Despoforios dos Excellentiſſimos Marquezes de Niza pede hum mulato a ſua alforria.

SONETO

NEſta, ſem crime, accidental vileza,
Herdado abuſo da coacção tyranna,
Não me faz apartar da eſpecie humana,
Por me tingir de preto a Natureza:

Livrar, quem tem a liberdade preza,
Com os dictames da razão ſe humana;
E da voſſa piedade ſoberana
He juſta acção, he generoſa empreza:

Por ver ſe poſſo reſpirar goſtoſo,
Intercedei por mim, ſede valia
Para o Irmão do voſſo amado Eſpoſo:

Fazei que em liberdade, e em alegria
Poſſa, c'os meus iguaes, tambem goſtoſo,
Accreſcentar as glorias deſte dia.

SONETO

Cheguei ao Porto, e fui para a eſtalagem,
Deſpi-me, em quanto a cama ſe fazia:
Ceei, deitei-me, e logo no outro dia
Quiz viſitar as Freiras de paſſagem:

Puz-me na rua de bengala, e pagem,
Moſtrou-ſe quanto pode a Fidalguia:
Vi na terra infinita porcaria,
E pelas ruas della muita lagem:

Eſta gente de cá he muito attenta;
De Senhorias já eu vivo abſorto;
Falta o dinheiro, o gaſto ſe accreſcenta;

Com que em fim, brevemente me tranſporto,
Que, como a bolſa aqui corre tormenta,
Não me dou por ſeguro neſte Porto.

SONETO

MEu Limano gentil, meu bom Limano,
Já que todos levárão seu Soneto,
Tu, que de muitos es mui digno objecto,
Escura agora o que te faz Albano:

Senão sahir bem feito, para o anno,
Se puder, farei outro mais seleto;
Que esta parede azul, este alvo teto,
Me traz fóra de mim, se não me engano:

As máos, e os olhos para o Ceo levanto:
Dou-lhe graças a elle, e a ti dou graças;
Mas não sei reduzillas a alto canto:

Só sei pedir, te livre de desgraças;
Assim succeda: Deos te faça hum Santo,
E te dê muito, com que bem me faças.

SONETO

EM quanto de solícitos criados
Servido á lauta meza em rico Algano,
Trincha, e offrece o rico prato Indiano
O cevado Perû aos convidados:

Em quanto come, e bebe, sem cuidados,
Do vinho engarrafado ha mais de hum anno,
E curvando-se hum pouco, alegre, e ufano,
Faz hum brinde, a virar, dos costumados:

Sobre a suja toalha desta meza
Como, e bebo; e puchando dos meus cobres,
Faço cento e sincoenta de despeza:

Que bemaventurados são os pobres,
Se com tão pouco, co' a barriga teza,
Desprezão ricos, não lhes importa os nobres!

SO-

SONETO

VA de furia, Senhores, vá de feſta,
A' manhã vamos todos a Oeyras;
Quem tem feito até aqui tantas aſneiras,
Que importa, amigos, ir fazer mais eſta?

Das Damas, que ha por cá, nenhuma preſta,
Feias, tolas, venaes, e chichileiras:
Vamos ver deſſas Ninfas mangadeiras
O collo de cryſtal, a branca teſta:

O amigo Frondelio irá co' Lima,
Eu com Anfriſo irei, Lesbio co' Coſta:
Que funçáo não ſerá! Depreſſa, arrima:

E ſe ella feita aſſim vos não deſgoſta,
Governe a embarcação quem vai de ſima,
Mandem-ſe vir as ſeges pela poſta.

SONETO

Dizemos nós, os Socios da Assemblea,
Assignados abaixo, sem mentira,
Que quem for tangedor, tempere a Lyra;
Quem fizer versos, que prepare a vêa:

Item, que ponha prompta huma bolêa,
Em que hão de ir dous a dous, sem que refira
Hum ao outro, a razão por que suspira,
Que he (já se sabe) por ficar sem ceia:

Item, que ha de fazer huma promessa;
E vem a ser, que a Dama mais formosa
Póde louvar, mas não fazer cabeça:

E mandamos, em fim, por lei forçosa,
A quem faz versos, que seus motes peça;
E quem os não fizer, que arme de prosa.

SONETO

EU parto, a Deos, cruel, e desterrado;
Por mais que ausente pize a terra estranha,
Sempre a memoria tua me acompanha
Da fortuna, em qualquer infausto estado:

Em paz te deixo; fica sem cuidado,
Em quanto o mar navego, ando a montanha;
Que dor nenhuma sentirei tamanha,
A que tu me não tenhas costumado:

Lá te deixo de amor triunfo tanto;
Já livre zombarás, fica-te embora,
De ouvir o meu clamor, de ver meu pranto;

E se mais me não vires, desde agora,
Para sempre, este – a Deos – recebe, em quanto
Pelo mundo a minha alma afflicta mora.

SONETO

MUdar de terra não pertendo, amigo,
Para ver se se muda a sorte escura,
Pois já por expriencia da ventura
Sei que não posso achar no mundo abrigo:

Como em mim trago occulto o meu perigo,
Aonde hei de escapar da desventura?
Na Patria não, que ainda escassa, e dura
Terra me negará para jazigo:

Leva-me o genio, ou me chama o Fado:
E pouco importará que se erre o meio
Deste pequeno allivio imaginado.

Pois quando assim succeda, mais receio
Viver na propria terra desgraçado,
Que acabar desterrado em clima alheio.

SONETO

ORa diga-me cá, Senhor Marquez,
E o tal mercadorinho fica assim?
Olhe, a desfeita não foi feita a mim;
Elle, a vossa Excellencia he só que a fez:

Supponha que á parede arrima os pés,
E que jóga de lombo este rocim;
Então, nunca a jornada ha de ter fim,
Para eu ficar Ministro de Entremez?

Quanto mais: cem mil reis contra hum toſtão
Ha quem aposte, se eu daqui me for:
E quer que eu dê á gente este alegrão?

Ora seja esta vez meu Ouvidor,
Não se diga, que á minha petição
Fez ouvidos tambem de mercador.

SONETO

DEbaixo deſta pedra fria, e dura
Jaz a mais ajuſtada, e doce vida,
Que pelas máos da Morte, em flor colhida,
Fez deſta terra honroſa ſepultura:

Vamos chorar ſobre ella a deſventura,
Que ficou por nós toda repartida:
Vamos chorar, de hum golpe ſó perdida,
A graça, a diſcrição, e a formoſura:

Façamos-lhe eſte obſequio derradeiro;
Mil ais ſoltemos, ſuſpiremos tanto,
Que nos não fique o coração inteiro:

Cheios ſempre de dor, cheios de eſpanto,
Em lugar de magnifico letreiro,
Sirva-lhe de Epitafio o noſſo pranto.

SONETO

Tem-me posto a Fortuna em tal estado,
Que aborreço, por triste, a toda a gente,
Pois nenhuma alegria, inda apparente;
Me permitte a razão do meu cuidado:

Mas por mais que o discurso envergonhado
Abrir-me os olhos de huma vez intente,
Desfaz logo a memoria de repente,
Quanto tinha a razão determinado:

Em quanto a Morte não decide o pleito,
Já que debalde contra a causa insisto,
Serei accusador do meu defeito:

Porque ser impossivel tenho visto
Achar em meu favor algum sujeito,
Se até comigo mesmo me malquisto.

SONETO

Mil vezes vou ao rio, e não te achando,
Os montes ſubo, os valles atraveço;
De novo cada dia me entriſteço,
Por ti ás mais Paſtoras perguntando:

Huma faz que não me ouve, e vai-ſe andando
Outra ſurriſſe do meu louco exceſſo;
Porque julgão talvez que eu não mereço
Nem o trabalho de te andar buſcando:

Deſgoſtoſo da minha deſventura,
Vou parar no lugar mais deſabrido,
Contemplando na tua formoſura:

Se te encontro, he ſómente no ſentido;
E buſcando-te em fim neſta eſpeſſura,
Depois que te não acho, ando perdido.

SONETO

Contão-se por exemplo da amizade
As finezas de Eurialo, e de Nizo;
Vem tambem neſtes lances a juizo
De Oreſtes, e de Pilades a idade:

Mas iſto foi ficção, não foi verdade;
urallo-hei, ſe acaſo for preciſo:
Por certo, meus amigos, que faz riſo
As couſas, que inventou a antiguidade:

Já me não enganais com praſenteiros
Roſtos, cheios de hum brando acolhimnto,
Que eu conheço mui bem os liſongeiros:

Tenho expriencia, e tenho entendimento;
E ſe ha no mundo amigos verdadeiros,
Será ſó no Paiz do fingimento.

SONETO

PAſtora, neſta noſſa deſpedida
Não haja choro, a Deos, fica-te embora:
Buſca algum paſſeante, que namora,
Sem que a moça o entenda toda a vida:

As idades são curtas, e perdida
Acho que he já comtigo qualquer hora:
Tórce o focinho, faze-te Senhora;
Que o es do teu nariz, não ſe duvida:

Cuidas que da paxorra has de tirar-me,
Que herdei de meus Avós? Eu tanto a prézo
Que val mais que o favor que podes dar-me:

E ſe não (olha como as couſas pézo)
Cuidas que fazes muito em deſprezar-me?
Mais faço eu: deſprézo o teu deſprezo.

Ao Doutor Ignacio Alvarenga, lendo no Desembargo do Paço.

SONETO

Vai, ó fabio Alvarenga, expende ouſado,
Para o ponto, as doutrinas terminantes,
Que a vencer em batalhas ſimilhantes
Já vens do campo dellas coſtumado:

Vai, que Minerva o dom te ha preparado,
Que ſó concede aos ſeus Heroes Athlantes;
Pois que quer que entre todos te levantes
Com a coroa Civica adornado:

No Templo da immortal ſabedoria,
Onde eſtão os Pomponios, e os Trebacios,
Des de hoje, a Deoſa, pela mão te guia:

E aſſim como os Acureios, os Cujacios,
Veremos, entre nós, inda algum dia
Igualmente citarem-ſe os Ignacios.

SONETO

NAs margens de hum ribeiro conversando
Hião, Albano, e Silvio, em seus amores;
Hum sitio alli buscárão dos melhores,
Que a tristeza estivesse convidando:

Oh que sitio! (diz Silvio suspirando)
Pois me lembra de Altéa os desfavores;
Quantas vezes aqui me deo penhores
Nas brancas máos, amante fé jurando:

Ai, Silvio amigo (disse então Albano)
Historia similhante n'alma escrito
O tempo me deixou; Deos sabe o dano:

E, ausentando-se ambos do districto,
Disse hum para o outro: Deste engano
Não ha mais que dizer, tudo está dito.

SONETO

QUe terna commoção! Que grato effeito
Me eſtá fazendo n'alma eſta harmonia!
Em tão nobre, tão doce ſympatia,
Que ſuſtos agradaveis ſente o peito!

Palpita o coração; mas tão desfeito
Se revolve em ſi meſmo, e ſe avalia,
Que para a percepção da melodia,
Parece todo o eſpirito conceito.

Oh doce turbação do alento eſcaſſo!
A que ternas ſaudades me condemna
O teu ſonóro muſico compaſſo!

Como no acorde a confuſão ſe ordena!
Fazendo-te a lembrança ao meſmo paſſo
Cópia da gloria original da pena.

SONETO

SOlitaria ſe vê eſta eſpeſſura!
Eſte arvoredo funebre ſe admira!
Parece que de horrores ſó reſpira
O vegetante mappa da verdura!

Das fantaſmas, que moſtra a ſombra eſcura,
Até a luz medroſa ſe retira!
O vento melancolico ſuſpira!
Ave não canta! Fonte não murmura!

Mas que todo eſte horror não ſatisfaça
A innata propensão da natureza,
Que produzio em mim, triſte, a deſgraça!

Deſconhecido impulſo! Eſtranha empreza!
De hum genio tão afflicto, que a ſer paſſa,
Triſte, ainda mais triſte, que a triſteza!

SONETO

MAis depreſſa que o lume fuzilado
Paſſou o meu feliz contentamento;
Teve a declinação antes do augmento,
Foi verdadeiro, e pareceo ſonhado.

Tão debil ſer, tão liſongeiro agrado,
Que mais durar podia, que hum momento?
Mas ſeria apprehensão do entendimento,
Que ás vezes tambem ſonha hum deſgraçado.

Mas ſe do tempo foi toda a victoria,
Que pertende? Que aguarda a ſimilhança,
Perdido o Campo, deſpojada a gloria?

Deſengane-ſe pois, que nada alcança,
Mais que infamar o Templo da Memoria,
Pondo nelle o cadaver da Eſperança.

SONETO

Mil dias ha, cruel, que vivo expoſto
Aos teus deſprezos, ſem que poſſa a idade,
Se quer dos ſentimentos da piedade,
Moſtrar hum leve indicio no teu roſto.

Quando eſperas, cruel, fartar o goſto
Deſſa tyranna hydropica vontade?
Cuidarás que tem fim a Eternidade,
Para então pores termo a meu deſgoſto?

Igual vai ſendo ao tempo a deſventura:
Não tu cedes, nem eu; teima, e fineza
Em ti parece, quando em mim loucura:

Nem ha da ſorte mais cruel deſtreza!
Que ir pôr nas tuas mãos minha ventura,
Por fazer immortal minha triſteza.

SONETO

Esse de hum rogo inutil a porfia;
De hum amor cale os votos a assistencia;
E ha de encontrar na tua resistencia
Desfigurada a graça em rebeldia:

Das semrazões da tua tyrannia
Principie a vingança pela ausencia;
Porque póde ser culto a desistencia,
Onde foi sacrilegio a idolatria.

Mas ah, Divina Marcia, doce objecto!
Que me he mais impossivel, que forçoso
Severo sustentar quanto prometto:

Brando, ou forte, teu genio rigoroso,
Constante ha de soffrer o meu affecto,
Que eu aprendi comtigo a ser teimoso.

SO-

SONETO

TUdo quanto eſperei, tenho perdido;
Quanto não quiz, já vejo executado;
Dos mais amigos fui ſempre enganado,
E de amores fui mal correſpondido.

Se me queixo, reputão-me atrevido;
Se me deſculpo, julgão-me culpado;
Dos parentes me vejo abandonado,
Dos eſtranhos em nada ſoccorrido.

Se alguma vez me rio, he ſó negaça;
Se muitas me entriſteço, he mágoa pura:
O bem não chega, o damno nunca paſſa:

E a não ſer, lá depois da ſepultura,
Não tenho que temer mais da deſgraça,
Nem tenho que eſperar mais da ventura.

Aos annos da Illustrissima, e Excellentissima Marqueza de Niza.

SONETO

TOrna, Excelsa Marqueza, o suspirado
Dia dos teus bons annos: Torna a gloria
Desta recordação, desta memoria
A fazer nosso tempo affortunado:

A teus mimosos pés, Amor, curvado
Torna a ceder-te o campo da victoria;
E hum novo assumpto á Portugueza Historia
Torna a dar-lhe, o teu nome, acreditado:

Torna a arder em teus cultos soberanos
Devoto incenso, que perfuma os ares,
Prova fiel de corações humanos:

E pois inda te dignas de me honrares,
Torne eu tambem no dia dos teus annos
A pôr meus versos sobre os teus Altares.

SO-

A' meſma Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora.

SONETO

NAõ ſei ſe ſerá bem que em verſo eſcrito
De teus bons annos o triunfo cante,
Sem licença do meu Capitulante,
Que tem, o fazer verſos, por delicto:

Porém elle com ter tão baixo eſprito,
Por mais que a voz nos Tribunaes levante,
Lendo o teu nome aqui, ſerá baſtante
Para ſe deſdizer do que tem dito.

Com tudo, ſe teimar, c'os ſeus perverſos
Sequazes, para urdir-me novos damnos,
Teimaremos por modos bem diverſos:

Pois á poſta andarei co' eſtes maganos;
Elles a fazer mófa dos meus verſos,
E eu a fazer verſos aos teus annos.

SONETO

Olto o cabello, o roſto abraſeado,
em ſaber a que parte os pés movia,
afflicta Venus douda parecia,
hamando por ſeu filho idolatrado.

Tenho hum brilhante premio deſtinado
quem mo deparar (Venus dizia)
u, que onde eſtava Amor mui bem ſabia,
uiz ver ſe era huma vez affortunado.

Nos braços de Filena eſtá Cupido,
he diſſe; que a ſeus annos reverente
he foi beijar a mão agradecido:

He formoſa, he diſcreta; e juſtamente
enho o teu premio, ó Deoſa, merecido;
à-ma por premio, e ficarei contente.

SO-

SONETO

JÁ vencedor tributo em teus Altares,
O' Sacro Templo, as miseras cadêas,
Que em sangue tinto das rasgadas vêas
Cégo arrastei, soffrendo mil pezares:

Por longas terras, dilatados mares
Com esperanças vans, frageis idéas
O tempo consumi: Oh quanto enleas
Mundo, que só cuidaste em me enganares!

Feliz a santa facè da verdade
Bejo, e em puro voto, não profano,
Respirar sinto o peito em liberdade:

Rompeo-se o véo, em fim, do antigo engano;
Entreguei á razão toda a vontade,
Seja gloria ao triunfo todo o damno.

SONETO

Sonhando eſtava agora, que a ventura
Tinha, Anarda, de ver teu géſto lindo,
A quem mil doces queixas repetindo,
Toquei da face a nitida candura:

E tu, entre huma timida ternura,
Meus agrados pagando, e conſentindo,
Me foſte honeſtamente permittindo
Quantos cabem no amor de huma alma pura.

Acórdo, e vejo então que te arrependes
De huma devida fé, que tão mal pagas,
Porque ſonhar com outro amor pertendes.

Ora vê como o meu ſocego eſtragas;
Acordado, he verdade que me offendes;
E dormindo, he mentira, ſe me affagas.

SO-

SONETO

N'Um valle de boninas matizado
Chorar pertende Anarda eternamente;
E qual manhã saudosa, e refulgente,
O campo deixa em lagrimas banhado:

Da triste sem-razão do seu cuidado
Deve aquella campina estar contente,
Pois lucra, em quanto Anarda tem presente,
Que lhe engrosse a corrente, e orvalhe o prado:

Com ella brilha mais a verde esféra;
Porque quando suspira, e quando chóra,
A flor se alenta, o rio se prospéra:

Pois peça o campo alviçaras a Flora,
Que será permanente a Primavera,
Onde estão sempre as lagrimas da Aurora.

SONETO

Esse suspiro, ó Nize, que animado
Do teu peito sahio, desfello o vento;
Que amor, que tem por base o fingimento,
Quanto produz, he fogo imaginado.

Hum peito a suspirar acostumado,
Se algum suspiro dá, não lhe he violento:
Logo porque razão tanto tormento
Te ha de custar hum só suspiro dado?

Eu sou quem suspirando de offendido
A paixão, que me deves, anteponho
Ao teu genio, mil vezes desabrido:

Da causa de meus zelos me envergonho;
Porém sou tal, que em vez de arrependido,
Ainda por ti a suspirar me ponho.

SO-

SONETO

A Onde aquelle amor, que promettias,
Exiſte no teu peito? Onde, inconſtante,
Aquelle voto, que juraſte amante?
Onde aquellas promeſſas que fazias?

Serem baixos os Ceos, negros os dias,
A terra movediça, o mar conſtante,
Primeiro ſe verá, do que hum inſtante
Deixar firme eu de ſer: Tu não dizias?

Pois falſa, ſe obrigar-te alheio rogo
Havia, em algum tempo, outro cuidado,
Porque da empreza não mudaſte logo?

Ora deixo-te o crime perdoado;
Que eu não quero mais nobre deſaffogo,
Que chamar-te mulher, e eſtou vingado.

SONETO

NO tempo que aos deſgoſtos offerecido
á de mui longos annos tinha o peito,
Me appareceo Amor tão contrafeito,
Que me enganou, depois de conhecido:

Parece que hum de nós inadvertido
Tinha o proprio coſtume já desfeito;
Ou elle de meus males ſatisfeito,
Ou eu de ſeus enganos eſquecido:

Mas nem deſcuido foi, nem foi engano:
Em mim, porque mui bem o conhecia;
Nelle, porque me déra o deſengano.

Pois donde tal deſordem naſceria?
Da fraqueza naſceo de hum peito humano,
Que do meſmo que teme, deſconfia.

SO-

SONETO

Essas prizões indignas, que a vontade
Prizioneira arrojou em sacrificio,
Desatadas no ardente precipicio,
De troféos vão servir á liberdade:

Da Memoria, no Templo, á falsidade,
Risque-se a imagem, caia o edificio;
E não fique no estrago hum breve indicio,
Que seja testemunha da piedade:

Consuma-se no ardor toda a esperança,
Por mais que na memoria arder pertenda
Reliquias para nova confiança:

E antes que no peito outro se accenda,
Acabe-se a inconstancia na mudança,
Principie o castigo pela emenda.

SONETO

Aceita, e piza, ó bella encantadora,
Essas cadeias, já por mim quebradas,
Destroço vil de humas prizões passadas,
Que eu tanto aborreci, que as lancei fóra:

Mas estas que me deitas, desde agora,
Mais mimosas, mais doces, mais douradas,
Mostrão, no gosto com que são levadas,
Que es da minha alma a unica senhora:

Comigo andárão sempre em toda a idade;
Porque forças nem minhas, nem alhêas
Não de quebrar os laços da vontade:

Por ti o juro, peço-te que o crêas:
Se houver quem possa tanto, a liberdade,
Não ha de consentir outras cadêas.

SONETO

IR visitar inhospitos lugares
Por descubrir metaes resplandecentes,
Em dura escravidão, por varias gentes,
Arabes, Persas, Chinas, Malavares:

Por novos climas, por estranhos mares
Ir formar tropas de nações diffrentes,
Ganhar no Mundo a fama dos valentes
A' custa dos perigos singulares;

Acções grandes serão para os que ignorão
O verdadeiro fim das almas nobres,
Que estes sómente o que he virtude adorão:

Vê pois, meu Conde, qual ser mais descobres
Se Pai da Patria, como alguns já forão,
Ou se ser (como tu) o Pai dos pobres?

SONETO

NAõ sei o que acho em ti, que tão distante
Do ser humano estás! Não sei, Senhora,
Não sei que força, que virtude móra
Nessa tua alma, nesse teu semblante!

Mas que digo? Já sei: Acho hum constante
Parecer, innocente, a qualquer hora:
Hum mover de olhos, que capaz só fora
De derreter hum peito de diamante:

Acho huma alma de certa qualidade,
Tão fóra do commum, que não parece
Que a fez, sem se empenhar, a Divindade:

Assim eu, ah Senhora, achar pudesse
Nos teus formosos olhos a piedade,
Que este meu triste coração merece.

SONETO

FOge o cervo, ferido na montanha,
A's mãos do caçador; mas deſta ſorte,
Como em ſi leva a ſetta aguda, e forte,
Por mais que corra, ſempre a morte o apanha

Pela boca do golpe, á força eſtranha,
Lhe vaï ſahindo a vida, e entrando a morte,
Remedio algum não acha que o conforte,
Porque em fim de ſi meſmo ſe acompanha:

Aſſim de balde fujo ás mãos daquella
Cruel, mas juſta lei do meu caſtigo,
Inficionado pela cauſa della:

Que he tal eſta deſgraça, eſte perigo,
Que onde quer que me eſconda, dou com ella
Para onde quer que fuja, vai comigo.

MOTE

A tenra filha, a delicada Esposa.

SONETO

CAmpos, reverdecei: rebentai, flores,
Que vos torna a pizar quem vos domina:
Os grandes Pais da melindrosa Eugina,
Vossos claros, legitimos Senhores:

Ide colher, Serranas, e Pastores,
Rubra papoula, candida bonina,
Para enfeitar tão singular menina,
Fruto gentil de seus fieis amores:

Fujão do redor della agudos frios,
E do supremo Ceo a mão piedosa
Dilate, e doure da sua vida os fios,

Em quanto eu canto em verso, e louvo em pro-
O Illustre Pai, os generosos Tios, (sa
A tenra filha, a delicada Esposa.

MO-

MOTE

Em chammas de Amor arde o meu peito.

SONETO

E Sse fogo de amor, em que alguma hora
Ardeo, por lenha, o coração magoado,
A cinzas reduzido, em pó tornado,
Por huma vez de todo lancei fóra.

Que Medéa, que Cyrce encantadora
(Dizia eu no meu tranquillo eſtado)
Por mais laços que tenhão preparado,
Podem prender-me o coração já agora?

Mas, que valeo a ſolta liberdade,
Se ſó dos olhos teus hum brando geito
Vence o mais alto imperio da vontade?

Só tu fazer podias tanto effeito;
Que a pezar da ſoberba, e da vaidade,
Em chammas de Amor arde o meu peito.

OITAVAS

Recitadas na Academia dos Conformes.

I

SAbes quem he o Rei ſabio, e conſtante,
Que Pio, e Juſto a hum tempo faz temer-ſe,
E do mundo, na parte mais diſtante,
Seu magnanimo eſpirito eſtender-ſe?
Mas eſte informe lhe ſerá baſtante,
Para, ſem nomeallo, conhecer-ſe:
Que hum Rei, Sabio, Conſtante, Pio, Inteiro,
Quem póde ſer, ſenão Joſé Primeiro?

II

Eſte Monarca Invicto, cuja mente
Sempre de altas idéas fecundada,
Dotou de huma virtude intelligente,
Eſſa Deoſa ſem Mái, do Pai gerada:
Vio os torpes deſcuidos de huma gente,
Que foi mais que a da Grecia celebrada,
A quem o molle ſono da ignorancia
Converteo em lethargo a vigilancia.

III

III

Vio mudas as Eſcolas, ſolitarias
As inſtructivas magiſtraes Cadeiras;
E para mil victorias literarias,
Viçoſos louros, inclytas Palmeiras:
Vio os progreſſos de outras Nações varias,
Que em vão querem nas letras ſer primeiras;
E neſta Literaria Monarquia,
Sem governo, ſem prática, ſem guia:

IV

Tudo iſto vio, com ſabia vigilancia,
Lá do Throno, onde rege por clemencia
As redeas do Governo, ſem jactancia
A norma dos eſtudos com prudencia:
De quem fiar procura em tal diſtancia
O goſto, a direcção, a permanencia,
Com que nas letras quer que aos Luſitanos
Outra vez cedão Gregos, e Romanos.

V

Quando neſſe aureo tecto, em que deſcança
Mais o vulto Real, que a mente Auguſta,
Das fadigas da próvida lembrança:
Socega hum pouco, em fim, bem que lhe cuſta
Então a Deoſa, que dos Ceos alcança
Ser igualmente ſabia, que robuſta,
Logo que o Rei Magnanimo adormece,
Por ſonho, ante ſeus olhos lhe apparece.

VI

Armada vem por modo, que accommette
Algum contrario seu, de genio duro;
Lança na mão, seguro o capacete,
No esquerdo braço o reforçado escudo:
Para o Rei, de vagar passos repete,
Que para ella olhando está sizudo:
Chega; e antes que falle, alli descança
Airosamente o corpo sobre a lança.

VII

E diz: Eu sou Minerva, ó Rei prudente,
Nobre extracção do cerebro Divino,
Com que meu Padre, Jupiter potente,
A todos manda incognito destino:
Este desejo teu me fez patente;
E tanto me agradou, que determino,
Com assombro de toda a redondeza,
Favorecer-te em tão discreta empreza:

VIII

Sei que o teu grande espirito se applica
A regular as letras, como tudo;
E querer-te ajudar, bem se amplifica
Na defeza que trago neste escudo:
Não cuide algum estolido, que implica
Ao manejo da espada, a lei do estudo;
Que quem seguir a bellica influencia,
Deve estudar as regras da prudencia.

IX

Sei tambem que procuras deſvelado
Quem ſeja a tanta fabrica inſtrumento;
E porque o teu deſignio bem logrado
Tenha immortal ſeguro fundamento,
Moſtrar-te quero, quem determinado
Pelos Deoſes eſtá deſſe alto aſſento;
Para que conſeguindo eſta victoria,
Tenha comtigo huma porção de gloria.

X

Acompanha-me, ó Rei: E iſto dizendo,
Dá com elle huma eſplendida carreira,
Atraveſſando os Ceos, onde vai vendo
Os caminhos da gloria verdadeira:
Solto nectar ſobre elle eſtá chovendo,
Que vê cahir da eſféra derradeira,
E aſſim entrão com ſumma brevidade
No Templo da ſuprema Heroicidade.

XI

Oh Muſa mais ſagrada, Urania, digo,
Que quantas o alto monte em ſi deſcreve,
Como ſem teu favor, ſem teu abrigo,
Tanto o meu fraco eſpirito ſe atreve?
Eu te prometto, ó Deoſa, ſe conſigo,
Tal ſucceſſo pintar em mappa breve,
Em quanto teu favor me conſervares,
De eſtar beijando ſempre os teus Altares.

XII

Tinha o Templo do portico a fachada
De reluzentes jaſpes guarnecida
De huma preciosa tarja rematada
De materia até agora nunca ouvida:
Nella, com aureas letras debuxada,
Se via a ſanta lei da heroica vida;
As portas de diamante claro, e puro,
Com quem não tem poder, poder futuro.

XIII

As paredes, o tecto, o pavimento
Tudo de eburnea fábrica he diſpoſto;
De huma lampada eterna o luzimento,
De raios banha todo eſte compoſto:
Povoão-no de Heroes o ajuntamento,
Cada hum no lugar devido poſto,
Com algumas Eſtatuas já famoſas
Eregidas em baſes mageſtoſas.

XIV

Já a ſabia Deoſa pelo Templo entrava,
Melhor que o que fez grande o Palatino;
Então ao Rei magnanimo explicava
Dos celeſtes varões o alto deſtino:
Eſtes, que empunhão valeroſa clava,
São aquelles (lhe diz) que com Divino
Esforço ſuſtentárão contra a inveja
No bem da Patria, a gloria da peleja.

XV

Eſtes, que agora vês mais levantados,
Que as frentes cingem de immortaes letreiros;
São os que na eſcritura aſſignalados
Deixárão viva a fama dos primeiros:
Os outros, que alli vês, Reinos, e Eſtados,
Como heroicos Patricios verdadeiros,
Defendêrão com maximas prudentes
De Cathelinas máos inconfidentes.

XVI

Eſte, que vês aqui entre os Auguſtos
Reis, que forão do mundo mais famoſos,
He o grande teu Pai, que até deo ſuſtos
A quantos tem havido poderoſos:
Aquelles todos são agora os juſtos
Predeceſſores teus, ſempre glorioſos
Nos eſtudos, nas armas, na policia,
Porque gozando eſtão tanta delicia.

XVII

Eſſa eſtatua, que vês de ouro radiante,
Que tem na dextra a grande palma erguida,
E com ſereno, e placido ſemblante
De hum ſoberbo Dragão eſtá defendido:
Mandou meu Padre Jupiter conſtante
Que foſſe em teus obſequios erigida;
Só porque neſta acção, que alta emprehendeſte,
Hum dos ſeus attributos eſtendeſte.

XVIII

As mais, que abaixo vês, são dos que a Fama
Seus nomes trouxe aqui por mil motivos;
É bem que Heroes, á Eternidade os chama,
Não podem nella entrar, em quanto vivos:
Mas porque sei que o peito se te inflamma
Nos desejos, que trazes excessivos;
Dizer-te quero já da alta grandeza
Quem ha de ser o Heroe da tua empreza.

XIX

Em fim, aquella Estatua, cuja frente
De aureo Diadema agora vês cingida,
Abrindo nas Reaes mãos o providente
Volume dos soccorros á tua vida:
He daquelle Ministro mais prudente,
Mais sabio, e de piedade mais crescida,
Na tua Monarquia Lusitana,
Que Catão na Republica Romana.

XX

O douto Sebastião, de alta constancia,
A quem eu soube dar tanta influencia,
Que na Aurora feliz da sua infancia
Já madrugava a luz da intelligencia:
He o sabio, por quem, sem repugnancia,
Na direcção da próvida sciencia
Podes dar a beber as letras bellas,
Pois elle a chave tem da fonte dellas.

XXI

Elle ha de ſer o público inſtrumento,
Com que facilitando o teu diſcurſo
Diſtribua os caminhos do talento
Das minhas aulas no immortal recurſo:
Baſtará ſó o ſeu entendimento,
Que com mui docil, e eſpecial concurſo,
Qual o ſabio cultor da fertil herva,
Fará creſcer os frutos de Minerva.

XXII

Iſto dizendo ao Rei, que attento eſtava,
Sahe com elle do Templo, e o leva aonde
Aquella vez primeira ſe moſtrava,
A que o Rei ſoberano correſponde:
A Deoſa, que a propoſta lhe acabava,
Subitamente a grave fórma eſconde,
E o Rei acorda do extaſe glorioſo,
Suſpenſo hum pouco eſtá, porém goſtoſo.

XXIII

Argumentos comſigo eſtá fazendo,
Sem poder reſolvellos, duvidando
Se eſtas couſas de perto eſtava vendo,
Ou ſe com ellas inda eſtá ſonhando;
Porém, ter ſido ſonho, conhecendo,
Por myſterioſo o vai já contemplando;
A tua idéa, ó grande Rei, conforta,
Que eſte não veio pela eburnea porta.

XXIV

Reſolve o Rei prudente, e logo chama
A ſeu conſelho o tal Miniſtro activo,
A quem para eſta juſta empreza acclama
Então por Director executivo:
Mas ah! Que já do Ceo nos trouxe a Fama
Por occulto myſterio, alto motivo
Hum perfeito Miniſtro, que acordado
Deſempenha o caracter do ſonhado!

XXV

Em prática põe logo os fundamentos
Para a eſtabilidade dos eſtudos;
E conferindo deſiguaes talentos,
Adianta os claros, deſengana os rudos:
Já tudo em Portugal são documentos
Diſcretos, ſcientificos, ſizudos;
Só tu podias, Rei, que o Ceo penetras,
Reſuſcitar as apagadas letras.

XXVI

Só tu podias, Rei de alta grandeza,
A que a Fama tem dado igual memoria,
Com tão juſto eſplendor, tanta eſtranheza,
Do noſſo Imperio dilatar a gloria:
Oh como he digna eſta diſcreta empreza
De accreſcentar-ſe á Portugueza Hiſtoria!
Porque em tua Real Academia
O mundo lêa, o que até aqui não lia.

XXVII

Agora fim, agora he que de véras
Decantado ſerás ſem deſvarios,
Que para o teu louvor ſó tu puderas
Aſſignar proporção aos elogios:
Agora fim, agora he que as eſferas
Dos homens, ſendo grandes, ſem deſvios,
Sabem, quando o teu nome aſſim deſcreve
Pagar-te em diſcrição, quanto te devem.

XXVIII

Eſta grata porção do noſſo affecto
Pio acceita, inclinando a Mageſtade,
Que na Divina elevação do objecto
Só aſſim podes ver noſſa humildade:
Em quanto por juſtiſſimo decreto
Ao Templo não póde ir da Eternidade
Collocar-te Minerva, pois te move
Debaixo do docel, que urdio a Jove.

XXIX

E vós, ſabia, e diſcreta Sociedade,
Que provais o feliz engenho voſſo,
Cantareis com mais alta ſuavidade
Os louvores de hum Rei, que eu ſó não poſſ
Falta-me huma Divina actividade,
Que ao peito accenda o metrico alvoroço;
Só me não falta aquelle são deſejo
De o louvar como vós, que iſto he que inve

XXX

Louvai-o assim com plectro mais profundo;
Louvai-o assim, que a vossa Academia
Só então poderá entre as do mundo
Disputar immortal a primazia:
Pois como elle he primeiro, sem segundo,
A' vossa póde dar tanta valia,
Que assim, por consequencia verdadeira,
Só por mais o louvar, seja a primeira.

XXXI

Mas quem duvidará, que ella, e só ella,
Nos seus justos obsequios empenhada,
Quando assim tão conforme se desvela,
Ha de a Fama trazer sempre occupada?
Triunfando pois, sem timida cautela,
Seja mais do que todas celebrada;
Porque possa, em final desta victoria,
Levantar o pendão, cantar a gloria.

EGLOGA
DE
DURINDO, E FLORO.

I

A' Freſca ſombra de hum frondoſo outeiro,
Em que humas aves cantão, outras voão,
As cryſtallinas aguas de hum ribeiro
Por entre pedras murmurando ſoão:
Alli repouſo o laſſo paſſageiro
Tem, entre as flores, que o lugar povoão;
Onde eu chegando de affrontado, hum dia,
No ardor da ſeſta, deſcançar queria.

II

Eis-que ouvindo fallar confuſamente,
Vejo no boſque, áquella parte olhando,
Dous Paſtores de aſpecto deſcontente,
Que eſtavão entre ſi de amor tratando:
Buſco hum lugar occulto, em que me aſſente,
Em quanto paſſa a calma; e alli notando
Os géſtos, e as palavras que diſſerão,
Conheci logo, a meu pezar, quem erão.

III

Erão Durindo, e Floro, os dous Paſtores,
Ambos mancebos, ambos abaſtados,
Queixoſo cada qual dos ſeus amores,
De quem ficárão ſempre maltratados:
Durindo, que inda freſcos os rigores
Sente por Sylvia, ſem razão cauſados,
A Floro novamente os repetia;
Eu os tomei de cór, e aſſim dizia:

IV

Eis-aqui, Floro meu, o que homem tira
Deſta céga paixão, que amor ſe chama;
Tudo huma falſidade, huma mentira,
Para enganar o peito de quem ama:
Quem tal nome lhe põe, erra, ou delira,
Ou nunca ſe queimou de amor na chamma:
He ſem razão, amor, amor chamado,
Tão doce ouvido, tão cruel tratado.

V

Sylvia, Sylvia, por quem morri de amores,
E a quem unicamente amei devéras,
Em roſto mais formoſa do que as flores,
Em coração mais dura do que as féras;
Propoz-me os juſtos Ceos por fiadores
De vans palavras, que eu julguei ſinceras;
Diſſe, que outra paixão de amor não tinha,
E por elles jurou que era ſó minha.

VI

Eu neſtas falſas moſtras elevado,
Cri facilmente o que lhe tinha ouvido;
Pois qual he o ſujeito namorado,
Que ſabe conhecer amor fingido?
Pouco importa a expriencia do paſſado
A quem já tem o coração rendido;
Que ou já não lembra a dor, como acontece,
Ou ſe alguma vez lembra, logo eſquece.

VII

Eu bem ſabía a pouca ſegurança
Que em Fortuna, e mulher fazer devia;
Tão natural em ambas a mudança,
Como o fogo ſer quente, e a neve fria:
Que era o meſmo pôr nellas a eſperança,
Que ſemear ſem fruto, me dizia
O noſſo Albano, de experiencias cheio,
Em quem mil caſos, mil exemplos leio.

VIII

Mas elle meſmo, que de ter ſe préza
Dos corações hum tal conhecimento,
Que já não crê, que poſſa haver firmeza
Em peito feminil; ſe o juramento
Viſſe, que Sylvia fez, dou-te a certeza,
Que tudo crêra, ſem lhe ſer violento;
Pois deſde que ha enganos neſta vida,
Nunca a verdade foi tão bem fingida.

IX

Mas, Floro amigo, tudo vai da hora.
Que homem haverá, de tempera tão dura,
Que ſe não renda, quando huma Paſtora
Une á belleza a força com que jura?
Ella ſuſpira; e ſe he preciſo, chora:
Ella pragueja, e dá-ſe á má ventura;
Finge ſentir paixões, que não padece,
E ainda em ſima hum homem lho agradece.

X

Tal foi Sylvia comigo, Sylvia, aquella,
Que huma vez, entre mil, que a amor faltára
Arrepelou a trança loura, e bella,
Só por eu lhe dizer que me enganára:
Quiz-lhe pegar na mão, fugio com ella:
Fui para lhe fallar, voltou-me a cara:
Dei-lhe ſatisfações, como tu vias,
Não as ouvio, nem me fallou tres dias.

XI

Era o motivo do meu justo enfado,
Lelio, Pastor, que mora nesse outeiro,
E de quem sempre andei desconfiado,
Desde que foi no baile seu parceiro:
Presumido de ser o mais prendado,
Não se tirou do campo o dia inteiro;
Dei a Sylvia hum remoque brandamente,
Que disfarçou; mas não ficou contente.

XII

Passárão-se alguns dias, sem que a minha
Desconfiança cá de mim passasse;
Porque o meu coração como adivinha,
Nunca me prometteo que me faltasse:
Sylvia, huma tarde, que da fonte vinha,
Quiz a fortuna então que eu a encontrasse:
Perguntei-lhe por Lelio, e perturbada,
Fez-se vermelha, sem responder nada.

XIII

Lembra-me que lhe disse: Por ventura
Eu sou Tigre, ou Leão, que assuste a gente?
Usei de alguma mágica figura
Para tolher-te a falla de repente?
Molles palavras, cheias de ternura,
Quaes costumão sahir de alma innocente,
Em resposta me deo, chorando tanto,
Que a vi de todo soffocada em pranto.

XIV

Soluçando, parece que exhalava
Em hora extrema, de repente a vida:
Chamei por ella; mas em vão chamava,
Que em meus braços cahio amortecida:
O frio peito apenas lhe arquejava,
Por final só de que inda está com vida:
Agua lhe dei, que em casos taes conforta;
E a si tornou, a que eu julguei por morta.

XV

Abrindo os olhos foi; e levantando
De meus braços a languida cabeça,
Com suspiros, palavras misturando,
Com que melhor os seus enganos teça,
Por tal arte de novo me foi dando
O veneno a beber, sem que o conheça,
Que inda não satisfeita esta tyrana
De me enganar, terceira vez me engana.

XVI

No refalsado peito a mão formosa,
No Ceo os olhos arrazados de agua,
C'hum géstо triste, c'huma voz piedosa,
Capaz de encher mil corações de mágoa:
Entre outras cousas, que fallou chorosa,
Fingindo arder-lhe o peito em viva fragoa,
Delle tirou, e fez, sem que eu lho pessa,
Esta, de amor, fantastica promessa.

XVII

Durindo meu, o Sol me não aquente,
Senão he leve ſonho o teu ciume;
E quando amanhecer para a mais gente,
Noite me ſeja, contra o ſeu coſtume:
Senão eſtá o meu animo innocente,
Os vizinhos caſaes me neguem lume;
O ar me falte, e a terra me falleça,
Primeiro que o teu nome, e amor me eſqueça.

XVIII

Mais quiz dizer a falſa; mas tremia
O chão com juras: moſtro-lhe que eſtava
Com tal ſatisfação do que lhe ouvia,
Que já da ſua fé não duvidava:
Nas alvas mãos mil beijos lhe imprimia;
E onde eu lhe punha a boca, ella as beijava.
Doce artificio! Delicado engano!
Para mover hum fraco peito humano.

XIX

Vinhão as aves já buſcar ſeu ninho,
E nos curraes ſe recolhia o gado:
Della me deſpedi, e alli ſózinho,
Em quanto a pude ver, fiquei parado:
Tomei, como coſtumo, outro caminho,
Entregue, como ſempre, a meu cuidado;
Porém de tanto goſto ſatisfeito,
Não me cabia o coração no peito.

XX

Inda não são quatorze Soes paſſados,
Que ouvíra o Ceo aquelles fingimentos,
De que inda os valles concavos lembrados
Repetem hoje os ultimos accentos:
Inda por eſtes troncos, entalhados
De freſco, eſtão de amor os juramentos:
Delles ſe lembra o valle, e o monte rudo;
Sómente Sylvia ſe eſqueceo de tudo.

XXI

Lelio he que lembra; Lelio, ſem valia,
Lugar de novo em ſeu favor merece:
Acabárão memorias de algum dia;
Lelio he que lembra; ſó Durindo eſquece
Já para o ſeu caſal, como ſohia,
Não vou pelos ſeróes; e ſe acontece
Lá ir alguma vez, pois vou comtigo,
Bem ſabes ſe he verdade o que te digo.

XXII

Oxalá, meu Durindo, que o não fora!
Floro lhe diſſe, que até alli calado,
Ouvindo eſteve da infiel Paſtora
O vil procedimento em vão contado:
Triſte, o que crè nas lagrimas que chora
Peito, ſempre a chorar acoſtumado:
Lagrimas de mulheres ſempre forão
Lagrimas, que de Inverno as pedras chorão.

XXIII

XXIII

Que o Lobo enganador mate á traição
A inculta ovelha dentro em seu curral;
Que a hum Leão faça guerra outro Leão;
Hum Tigre a outro Tigre, he natural:
Mas que a mulher, dotada de razão,
Seja o nosso inimigo capital!
Parece isto castigo, que nos vem
Da culpa só de lhe querermos bem.

XXIV

Sylvia, se bem te lembra, eu sempre disse,
Que não era capaz de ser constante;
Não porque eu o soubesse, ou porque o visse,
Mas por certo final do seu semblante:
Não he ella mulher, que me enfeitice,
Que eu ouvi huma vez a hum caminhante,
Que mulher presumida, inda que bella,
Ha de ser falsa, e que fugissem della.

XXV

Quanto mais, não tem Sylvia formosura,
Que nos faça espantar. A minha Altêa,
Assim ella guardasse fé mais pura,
Foi a melhor que passeou na Aldêa:
Amor he como o medo, que figura
Maior a cousa, que nos vem á idéa;
Deixa de amar a Sylvia rigorosa,
Que te ha de parecer menos formosa.

XXVI

Paſtora loura, de jaſmins toucada,
Olhos da côr do Ceo, carão de neve,
Nem ſempre he para mim a mais prezada;
Buſco outras couſas, em que mais me eleve:
He a graça que tem, graça empreſtada;
Que lha póde tirar, porque lha deve,
Com qualquer accidente, a Natureza;
E eu, ſem virtude, nunca achei belleza.

XXVII

Seja a Paſtora de ordinario géſto,
Ou baile mal, ou bem; cante, ou não cante,
Com tanto que me inculque hum ar modeſto,
Huma alma pura, hum coração conſtante:
Dá-ma cá tu aſſim, que eu te proteſto,
Que outras deſpreze de gentil ſemblante,
Que ſó trabalhe por ſervilla, e vella;
Mas com tão raras condições, que he della?

XXVIII

Já ouvia o Paſtor de má vontade
Eſtas ſabias razões; porque he bem certo
Que nem ſempre os dictames da verdade
Achão n'um coração caminho aberto.
Quão facil he tomarmos liberdade
Para notar alheio deſconcerto!
Não he aſſim, ſe por acaſo erramos,
Que mil deſculpas promptamente achamos.

XXIX

Lança Durindo mão do seu cajado,
Quer levantar-se; e no surrão lhe péga
Floro, que estava junto do seu lado,
Que com estas palavras o socega:
Aonde vás, Pastor desatinado?
Tu tens razão, ninguem razão te nega;
Pois quando a dor he grande, a queixa he justa;
E eu soube, quando amei, o que amar custa.

XXX

Se estas minhas palavras te offendêrão,
Crê-me, Pastor, que eu tal tenção não tinha:
Teus amargos queixumes me fizerão
Dar-te aqui mais razões do que convinha:
Tyrannias de amor me endurecêrão
O peito, á custa da desgraça minha:
E oxalá, que inda o tempo calejasse
De fórma o teu, que nunca mais amasse.

XXXI

Traz-me de dor o coração cortado,
Ver-te andar cheio de hum pezar interno;
A's penas de hum ciume condemnado,
Que são cá nesta vida hum vivo inferno:
No calmoso Verão, do Sol queimado,
Roxo de frio no rigor do Inverno,
Tudo para servir huma Pastora,
Que sabes, inda mal, que te he traidora.

XXXII

Em Lelio, eſta tyranna, que acharia,
Que tu não poſſas dar com mais fartura?
Se ella grandes ſearas pertendia,
Quem lança á terra tanta ſemeadura?
Se muito gado, quem mais groſſo o cria?
Se mel, quem mais colmeias? Se eſpeſſura,
Quem mais campos áquem, e além do Téjo,
Que tu, para fartar-lhe o ſeu deſejo?

XXXIII

Senão ſogigas touros, ſenão lutas,
Prendas mais racionaveis exercitas:
Tenha Lelio tão barbaras diſputas,
Que tu de moderado te acreditas:
Feitos de huma alma grande he que executas,
Nem de fazer apoſtas neceſſitas;
E ſe vês dar a Lelio hum grande ſalto,
Não tens deſejos de ſubir mais alto.

XXXIV

Quem ſobre os noſſos miſeros Serranos
Mercês eſpalha de maior valia?
Que dará Lelio a Sylvia em muitos annos,
Que tu não poſſas dar-lhe em hum ſó dia?
Quem mais que tu, lhe perdoára enganos,
Se enganos ſe perdoão? Quem feria
Mais capaz de paſſar, por ſeu mandado,
Altos montes a pé, rios a nado?

XXXV

Pois a querer fallar em gerações,
Posto que amor a todos faça iguaes,
Mais de trinta cajados, e furrões
Podias pendurar nos teus casaes;
Todos, como legitimos brazões
De teus Avós, antigos Maioraes,
Que os formosos rebanhos que creárão,
Nestas longas campinas te deixárão.

XXXVI

Mas foi, Durindo, amor comtigo escaço,
A'quelle o premio dá, que este merece;
Desordem tal, que della já não faço
Reparo algum maior, quando acontece.
Assim Floro fallou; e hum grande espaço
Correo, sem que Durindo respondesse;
Que pensativo, sobre o seu desgosto,
Disse depois, alevantando o rosto.

XXXVII

Cada vez que revolvo na cansada
Memoria minha, os males que hei soffrido
Por Sylvia, tanta noite mal gastada,
Tanto tempo, por Sylvia, em vão perdido:
Ora de pó cuberto pela estrada,
Ora tão mal dos ares defendido;
E isto tudo por quem? Por huma féra,
A quem amára mais, se mais pudera.

XXXVIII

Cuſta-me eſta lembrança tal tormento,
Que eu de boa vontade trocaria
Por cada inſtante ſó de eſquecimento,
Mil horas de prazer, e de alegria:
Mas eſte meu teimoſo penſamento,
De noite em ſonhos, em viſões de dia,
Qual de enfermo já fraco, e delirante,
Couſas que nunca vi, me põe diante.

XXXIX

Ir pôr noutra Paſtora meu ſentido
Já quiz, ſó para ver ſe eſta me eſquece;
Porém o coração de perſentido,
Para logo eſte engano em mim conhece:
Deixa-me da eleição arrependido,
Pois nenhuma com Sylvia ſe parece:
Aſſim me anda dizendo a toda a hora,
Que já não póde ſer de outra Paſtora.

XL

Bem ſei que á minha fé tão limpa, e pura
Deo tão máo galardão, qual eu te digo;
Mas quem razão, e amor juntar procura,
Quer ver o lobo do cordeiro amigo:
Só ſe governa amor pela ventura:
Vê, que contrarios tem guerra comigo?
Que levão ambos a ſeu jugo atados,
Baſtões, e Sceptros, quanto mais cajados.

XLI

Fallem, digão de mim os mais Paſtores,
Que me fez Sylvia a fabula da gente;
Que ſou de pedra, pois não ſinto as dores,
Que talvez inda hum bruto animal ſente.
Mas, torne ella a chamar-me os ſeus amores,
Ponha-me os olhos outra vez contente,
Diga que he minha, ainda que a não crea,
Que eu me rirei de que murmure a Aldea.

XLII

Inda produziráõ o campo, e o monte
Lindas, e freſcas flores abundantes,
Para enfeitar-lhe a delicada fronte
A toda a hora, a todos os inſtantes:
Levar-lhe-hei a beber o gado á fonte,
Como lhe coſtumava fazer d'antes;
E da mais fina lã dos meus cordeiros
Dar-lhe-hei para veſtir trinta roupeiros.

XLIII

Eu ſoube, ha pouco tempo, onde ha dous ninhos
De pardas rolas, ambos ſerão della;
Carpindo achei ſem pena inda os filhinhos,
Sinal lhes puz para maior cautella:
Ficão aqui de nós muito vizinhos:
Olha, repara bem: vês tu aquella
Moita de eſtevas, de alecrim cercada?
Pois eſtão logo ao pé; não digas nada.

XLIV

Ella bem ſabe as vezes que trepado
Por eſtas altas arvores, colhia,
Para lhe dar do fruto ſazonado
Nos ceſtinhos de junco que eu tecia:
Que ſe andava no ſouto, ou no montado,
As azinhas bolotas lhe trazia,
Com as longaes caſtanhas miſturadas,
A tres e tres no ramo ſeu pegadas.

XLV

Sabe, que a minha vaca côr de ferro,
Mais valente que as outras da charrua,
Anda prenhe; e ſe as contas lhe não érro,
Talvez que ſeja o parto inda eſta Lua:
Ou ſeja de novilha, ou de bezerro,
A cria que parir, ha de ſer ſua:
A Sylvia a prometti; hei de eu levalla;
E ſe ella a não quizer, hei de matalla.

XLVI

Inda não eſtou de amar arrependido,
Tenho maiores couſas que lhe offreça,
Se ella mas merecer; porém duvido
Que inda eſtas tão pequenas me mereça.
Iſto he que trago ſempre no ſentido,
Sem ſer poſſivel que eſta dor me eſqueça;
Frio de ſuſto, e de temores cheio,
Humas vezes confio, outras receio.

XLVII

Nada te conto que o não saiba a gente,
Quanto mais tu, de meus particulares
Guarda fiel, depoſito innocente,
Deſde que herdei eſtes paternos lares:
Fallo ſó por fallar; não porque intente
Achar algum allivio a meus pezares;
Que eu ſei que a cauſa delles he tão forte,
Que ſó tivera por allivio a morte.

XLVIII

He natural deſejo de quem pena
Contar ſeus males, como eu fiz tégora;
Não porque fique a mágoa mais pequena,
Mas por hum não ſei que, que a gente ignora:
Antes, talvez, hum homem ſe condemna
A ſentir mais, quando ſeus males chora;
Tão cuſtoſa experiencia anda comigo,
Que os meus renóvo cada vez que os digo.

XLIX

Saião deſta alma triſte os magoados
Suſpiros, que de amor forão naſcidos;
E por aquella por quem são cauſados
Sejão de novo por meu mal ouvidos:
Vão, de os ouvir, attonitos os gados,
Correndo ſem Paſtor, como perdidos:
O rio ſeque, as aves emmudeção;
Todos os males com meus males creſção.

L

Ah Durindo, Durindo! (meneando
A cabeça, o bom Floro, lhe tornava)
Sei o que paſſa hum coração amando;
Que eu paſſei pelo meſmo quando amava:
Depois que ha tempos para o Ceo voando
Fugio o ſanto amor, que aqui reinava,
Entrou a falſa fé; e o ſeu veneno
Foi corrompendo tão feliz terreno.

LI

Ditoſos tempos, em que os homens vinhão
Da Corte para os campos que lavravão;
E a fé, que os corações de lá não tinhão,
Nos noſſos limpos corações achavão:
Dando huma vez palavra, a fé mantinhão
A's ſingelas Paſtoras, quando amavão;
Mas hoje, deſta candida innocencia
Não ha mais que huma caſca, huma apparencia.

LII

Em fim, contaminárão-ſe os Paſtores,
Eſtendeo-ſe eſte mal por toda a terra;
Nem val fugir, que aonde quer que fores,
Mil dobradas tenções te farão guerra.
Não tem mais ſegurança em ſeus amores
As Paſtoras do valle, que as da ſerra;
Nem são eſtas peiores do que aquellas,
Que para mim são Sylvias todas ellas.

LIII

Tu verás, ſe mais hora, menos hora,
Não he Lelio parceiro em teu deſgoſto;
Pois já ouvi dizer, que eſta Paſtora,
Se algum favor lhe faz, lho lança em roſto:
Que dentro em pouco tempo lhe he traidora,
Quarenta cabras contra huma apoſto;
Mas fica Lelio aſſim deſenganado,
Sylvia mais conhecida, e tu vingado.

LIV

Deſta ſorte a fallar continuavão
Nas ſemrazões de amor; eis-que latião
Annelantes podengos, que buſcavão
Mal feridos coelhos, que fugião:
Pelos vizinhos valles reſoavão
As vozes dos monteiros que os ſeguião;
E aſſim ſe interrompeo nos dous Paſtores
O fio á narração dos ſeus amores.

LV

Já declinava o Sol, e do Horizonte
Huma ſonora viração corria,
Que pelos ramos do eſcaldado monte
De folha em folha murmurar ſe ouvia:
Elles forão paſſar do rio a ponte;
Eu tomei o caminho que ſeguia,
Pedindo ao Ceo, que amor me deparaſſe
Melhor eſtrêa, ſe algum dia amaſſe.

ODE

LIII

Te verás, de mais hora, menor hora,
Nas he Leito parecerão mas tem desgosto;
Pois já o vás dizer, que esta Pastora,
Se alguma favor lhe faz, lhe lança ery rosto;
Que dentro em pouco tempo lhe he Pedera,
Quarenta cobras cobra huma opalha;
Mas fica Leito assim desengenado,
Sylvia mais conhecida, e eu vingado.

LIV

Desta sorte a Fallas continuavão
Nas semanas de amor, tra-que ladão
Anoctecia pedengos, que huns avão
Mal sentidos coelhos, que fugião:
Pelos vaidosos cabellos [illegible]
As vozes dos mesmos que os [illegible];
A alhos já interrompe mais dous Pastores
Dão a outra pin dos [illegible].

LV

Já declinava o Sol, e do Horizonte
Huma senera vitação [illegible],
Que pelos tentos do cicaldado mon-
Se falta cantolha mu[illegible] [illegible]
Mas tocão [illegible] [illegible] [illegible];
Ou [illegible] o caminho que [illegible],
[illegible] [illegible], que [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible], [illegible] [illegible] [illegible].

O D E.

COmpõe, ó Musa, a desgrenhada testa,
Das cultas flores do sagrado Pindo;
Haja hum dia de festa,
Se quer no anno, em que te vejão rindo:

Em poder do tyranno esquecimento,
Que as grandes obras dos Varões consome,
Inda hoje, sem alento,
Estarião teus versos, e o meu nome:

Quando voára a tão remotos climas
O baixo, e triste som do pobre Albano,
Em tão diversas rimas,
Senão fora o pregão do bom Limano?

Hum pequeno louvor, Muſa, lhe teça
A grata recompenſa do teu canto,
Inda que mal pareça
Pagar tão pouco, a quem ſe deve tanto:

Vê, ó caro Limano, vê contente
Correr teus annos, ſem quebrar-ſe o fio;
Qual a groſſa corrente
Do perennal, do caudaloſo rio:

Vê como alegre o Sol pela alta eſfera
Acaba de correr as doze Caſas;
Vê com que goſto géra;
Vê com que goſto bate o Tempo as azas:

Das Eſtações do anno rodeado,
Com que enche o mundo todo de alegria,
Eſtá hoje a teu lado
Aſſignalando as horas deſte dia.

A Santa Gertrudes.

ODE.

LOnge de mim, as fabulosas Filhas,
Que no Pindo cantárão
Barbaras maravilhas:
De outro Coro mais santo me chamárão
As virginaes virtudes
Da sempre magna, singular Gertrudes.

Eu te estou vendo, ó Alma pura, e santa,
De Palmas coroada:
De ti a Igreja canta;
Tu es, por ella, ao alto Ceo levada:
De lá, de lá me envia
Luz, que me sirva em teu louvor de guia.

Mas eu que hei de dizer? Eu por ventura
Sou o grande Psalmista?
Tenho a sua doçura?
São os meus olhos de Aquilinea vista,
Que sem temer desmaios
Posão do Sol examinar os raios?

Em teu illuſtre, e raro naſcimento,
Em teu coſtume, e vida,
Em teu entendimento,
Farei a boca baſe corrompida?
Abrir tão grão theſouro,
Póde eſta minha mão, ſem chave de ouro?

Da Graça Baptiſmal, intacta, e pura,
Té á morte conſervada,
Das viſões, e figura
De Chriſto tantas vezes reſpeitada,
Poſſo eu ſer Chroniſta,
Sem que hum Divino Eſpirito me aſſiſta?

Prática de virtudes tão ſublimes
Na formoſa innocencia,
Sem ter que expiar crimes,
Qual a rigoroſiſſima abſtinencia,
Que guarde huma Menina,
Cabe no verſo de huma Muſa indina?

A conſtancia, o ſilencio, a humildade,
Hum, e outro ſuſpiro,
De ardente caridade,
A Oração, o extaſe, o retiro
Do baixo trato humano,
Cabem na penna de eſcritor profano?

Não, Gertrudes, Gertrudes preciosa,
Não he de teus louvores
Digno meu verso, ou prosa;
Eu já escuto Celestiaes Cantores,
Elles he que são dignos
De devotas Canções, de excelsos Hymnos.

Tu só, ó Filha de Sião, festeja
De Gertrudes o dia,
Santa, e formosa Igreja:
Banha hoje a tua face de alegria:
Dá, pois eu não me atrevo,
A Gertrudes o culto que lhe devo.

Ergue, á vista de todos, a enfeitada,
E triunfante cabeça,
De nós tão respeitada,
Nella, qual Lirio candido, floreça
Gertrudes virtuosa,
Fará tua Coroa mais formosa.

Os Altares perfuma, adorna o Templo,
Teus Ministros inflamma,
De Gertrudes exemplo;
Arda em teu candelabro nova chamma:
Sem cessar o teu canto,
Repita o nome do tres vezes Santo.

Virgem, que a par do Throno do alto Nume;
De quem só foste Esposa,
Abrazada em seu lume,
De eternas Bodas a tua Alma goza:
Faze que os peccadores
Não só te imitem, mas te dem louvores.

ODE

Recitada na Academia de Sacavem no dia dos Annos de S. Magestade o Senhor Rei D. Pedro III.

EU vejo em altos mares engolfado,
De hum, e outro escarcéo,
O meu pobre batel quasi alagado:
Ora co'a excelsa grimpa toco o Ceo,
Ora do mar aberto
Revolvo o centro temeroso, e incerto.

No meio delle, o musico instrumento,
Apenas sustentando
Na debil mão, quasi perdido o alento,
Soccorro aos Ceos, debalde estou clamando;
A huma, e outra parte
Olho, sem ver esforço, engenho, e arte.

Oh se eu aos Astros merecesse tanto,
Que em virtude do objecto
Que tomei para assumpto do meu canto,
Tivesse, no alto mar, em que me metto,
Para me abrir caminho,
Algum piedoso, nadador Golfinho!

Mas eu não sou Orion, da minha boca
Não corre o doce, e louro
Mel, que sómente ao grande Homero toca:
Não sou Cysne, nem tenho a lingua de ouro:
Por isso, ó Rei Augusto,
Misturarei, com teu louvor, meu susto.

Do forte Velho, a longa barba, alveja
Sobre o peito estendida,
Que posto em campo contra nós peleja
Com bruta mão, de torta fouce armada,
E entre aligeros annos,
Vai indo apôs dos miseros humanos.

Monstro devorador, Tempo inconstante,
A rápida carreira,
Que te accelera as rodas de diamante,
Fuzile embora em circulo ligeiro,
Que a tua fouce rude
Não vence o gyro da immortal virtude.

Este que vês no Regio Solio posto,
Da serpentina inveja
Piza triunfante o desmedrado rosto:
Tu, que lhe dás a mão para a peleja,
Como não desesperas?
De huma tal vida, de hum tal Rei, que esperas

Co-

Como o febrecitante, que na idéa
Eſtragada, e confuſa
De mil visões, de mil fantaſmas cheia,
C'os mal cerrados olhos não eſcuſa
Crer tudo que lhe pinta
O poder da illusão, do ſonho a tinta.

Aſſim, ó novo Rei, ſe me figura,
Que teus ſublimes Fados,
Trajando reſplandor por veſtidura,
Ao redor do teu Throno ajoelhados,
Nas azas te levantão,
E apar do Tempo taes prodigios cantão.

Não vivem ſó aquelles, que reſpirão
A debil aura humana:
Os que no trato embaraçado gyrão,
Ou ſeja na Tribuna, ou na choupana,
Não são os que ſómente
Entrão no grande numero da gente.

Não cuide o Tempo, que ſe o paſſo evita
Dos Heroes, na carreira,
Que nas ſombras da morte os precipita:
A pura, a ſanta, a recta, a verdadeira
Vida do homem grande;
Nunca póde acabar, por mais que o mande.

Tal he do noſſo Auguſto Pedro a vida;
A quem no aureo berço
Lhe foi, por nós, a Coroa promettida:
Logo dos vates foi cantado em verſo,
De outro Imperio mais forte,
A quem céde a Fortuna, o Tempo, a Morte

Quando raſgar o ſeio a Providencia,
E vier trasluzindo
Pouco a pouco a Famoſa Deſcendencia
De hum novo Heroe, que vem das máos ſahindo
Da bella Natureza,
Para ſer das ſuas obras alta empreza:

Quando virem da ſeara floreſcente
Rebentar novo trigo,
Mandado pela mão do Providente
Regio Cultor dos noſſos bens, amigo,
Já de ſizania iſento,
Que lhe uſurpava o radical ſuſtento:

Quando no Eſcudo das ſagradas Quinas,
Em lugar da Serpente,
Que ſybilou no meio das ruinas,
Aonde o ſangue inda burbulha quente,
A pezar da lealdade,
Se abraçar a Juſtiça co' a Piedade:

Quando.... Porém aqui os altos Fados,
Do voraz Tempo, forão
Com festivos clamores atalhados:
Felices povoações, que á sombra morão
Do Pavilhão dourado,
De hum Throno feito para tal Reinado.

Se com virtudes se fizesse a guerra,
Só tu, Senhor, podias
Os Reinos conquistar de toda a terra:
Ah nunca a luz dos teus brilhantes dias,
Da negra mão da Inveja,
Em nosso damno marear se veja.

Aos Desposorios dos Excellentissimos Condes da Vidigueira.

ODE.

O Cioſos amores
Suſtentados na frivola eſperança
De ideados favores,
Que pinta hum vão deſejo na lembrança;
Longe dos noſſos goſtos;
Cubri, co' as azas, de vergonha os roſtos.

Tu, que do Ceo vieſte
Reinar, ſó para bem das gerações,
Virtude, que fizeſte
A Porcia maſtigar igneos carvões,
E o ferro introduziſte
No honrado peito de Lucrecia triſte.

Tu dirijas meu canto,
Affecto conjugal, porque levado,
A' ſombra do teu manto,
Poſſa ſoar, no Pavilhão dourado
De hum Thalamo fecundo,
De altos Varões, que inda preciſa o mundo.

Da

Da Portugueza Hiſtoria,
Eu vejo o grande Corpo rodeado
De ſucceſſos de gloria,
Que lhe tem o Deſtino revelado,
Para eſcrever daquelles,
Nova extracção de Silvas, e de Telles.

Inda a Africana praia
Neceſſita de freio: Aſia inquieta,
De Coifa, e de Cambaia
Curvo alfange levanta, aponta a ſetta;
Ainda injuſtas guerras
Ha por vingar, por deſcubrir mais terras.

Felices os devotos
Boſques de Mafra, que eſcutar puderão
De amor, os ſantos votos,
Que ſobre as azas de Hymineo fizerão:
E mais feliz agora,
Tu, Vidigueira, que já tens Senhora.

Qual Hera trepadora,
Que em amiga união o tronco abraça,
E com elle creſce, e mora:
Tal, para ſempre, o coração enlaça
Marianna, e Rodrigo,
Que Pais ſerão deſtes Heroes, que digo.

Deſta noticia, o goſto,
Que nas azas do Tempo, Amor te leva,
Eſcrito no ſeu roſto,
Nunca, a riſcallo, negra mão ſe atreva:
Com vivas, fere os ares,
Luzes accende, incenſa-lhe os Altares.

Famintas eſperanças,
Já, Illuſtre Condeſſa, não conſomem
Tuas caſtas lembranças:
Em ti, de amar, hum novo exemplo tomem
Corações deſcontentes,
Que não cabem no peito de imprudentes.

As ſettas, que ferirão
O teu formoſo, delicado peito,
Da aljava não ſahirão
Daquelle Amor, a fabulas ſujeito:
Foi virtude, e razão
Quem abalou teu grande coração.

Nelle, campo não tenha,
Onde ſemee vís diſcordias, Marte:
Santa Paz do Ceo venha
Cubrir-te com ſeu candido Eſtendarte:
Quem de inveja ſuſpira,
Os cabellos arranque, o peito fira.

ODE.

QUe importa que amanheça,
Se para os triſtes nunca naſce o dia?
Que importa que floreça
A planta, ſe a não colhe a mão que a cria?
Triſte vida, que importa,
Se ſó he vida para os goſtos morta?

De que ſerve o dinheiro,
A quem ſó eſtá de guarda ao ſeu theſouro?
Que vale ao prizioneiro
Que as cadeias, que arraſtra, ſejão de ouro?
E a mim, que me aproveita,
Vir ſer Senhora, ſe hei de eſtar ſujeita?

Vós, Patricias, que vedes
A lauta meza, o chão alcatifado,
As veſtidas paredes,
O brando leito, o pavilhão dourado;
Tudo, amadas Patricias,
São para vós, não para mim, delicias.

Quanto me era melhor
Ter por Patria huma Aldêa, e por marido
Hum ruſtico Paſtor,
Não de brucado, de burel veſtido,
Do que naſcer na Corte,
Do que ter hum tyranno por conſorte.

Mais alegre a Paſtora,
De quem foi no conſorcio Amor Padrinho,
Co' a mão trabalhadora
Ceifa o maduro pão, arranca o linho,
E os filhos veſte, e cria
C' o meſmo linho, e pão, que amaſſa, e fia.

Que lei tão temeraria!
Alma, que he livre, arder contra ſeu goſto
N'uma chamma contraria,
Ver que a devora, ſem voltar-lhe o roſto!
Se homens taes leis fizerão,
Não tinhão peito, ou nunca amor tiverão.

Livremente, e ſem mágoa,
Eſcolhe a ſimples ave idoneo eſpoſo:
O mudo peixe na agua
De outro peixe não quer amor forçoſo;
E ha de em mim ſer gerado
Hum doce amor, de hum violento eſtado?

Ah

Ah nunca vos corrompa,
Meu fragil ſexo, ſacra fome de ouro:
Ah não vejais a pompa,
Com que vos cega hum liberal theſouro;
Que hum coração liberto
He o dom mais rico, o cabedal mais certo.

Não ſe mede a ventura
Pelos altos degráos da vá riqueza:
Do Palacio a eſtructura
Tambem ſe orna de imagens de triſteza:
Do eſprito a paz ſómente,
Conſtitue o feliz, faz o innocente.

CNRS

Aos annos do Excellentiſſimo Conde da Vidigueira.

CANÇÃO.

PErdoem-me eſta vez as Muſas bellas,
Senão vou arrancar do Pindo as flores,
Para os meus verſos enfeitar com ellas:
Aqui, de outras melhores,
Hei de tecer ao meu Heroe capellas,
Não de mirrho, ou de louro,
Mas das virtudes, de que faz theſouro.

Perdoem-me eſta vez, ſe lhes não peço
Favor para cantar como até agora,
Que eu tenho Muſa de mais alto preço:
Tu me inſpira, Senhora,
Sê meu Aſtro, ſe tanto em fim mereço;
Teu ſemblante me influa;
Que inda que a empreza he minha, a cauſa he tua.

Sól-

Sólta dos olhos teus huma das ſettas,
Que ferem ſem doer, cuja virtude
Póde influir, póde fazer Poetas:
Forja em meu peito rude
Altas razões, em meu favor diſcretas;
Melhor que a Cabalina,
De couſas grandes a fallar me enſina.

Eu vou rompendo de diamante os muros,
Abrir a porta a myſterioſos Fados,
Correr o véo a incognitos futuros:
Nos Orbes eſtrellados
Já leio eſcrito em caracteres puros
A ventura de hum dia,
Que nunca mais anoitecer devia.

Que brilhantes, que próvidos ſucceſſos
Vejo encher de teus annos a carreira,
Illuſtre Conde, em teu Deſtino impreſſos!
Ditoſa Vidigueira,
Ditoſo Unhão, que inda ha de ver progreſſos,
Claros imitadores
Das obras immortaes de ſeus Senhores.

Vejo lavrar de marmores balizas,
Que hão de pôr termo a dilatadas terras,
Que inda has de accreſcentar ás mais que pizas:
Vejo de accezas guerras
A teu Eſcudo accreſcentar diviſas:
Vejo premios, e famas,
De novas Indias, para novos Gamas.

Eſ-

Eſtes ſerão teus copioſos Netos,
Que hão de formar na Portugueza Hiſtoria
Serie interrupta de Varões completos:
Em ſeu Templo, a Memoria
Recebe tão magnificos projectos,
Com que em ti diſpoz tantas
Nobres ſementes de fecundas Plantas.

Eſſe que vês creſcer, primeiro fruto
De hum caſto amor, e que inda paga, e rende
A' natureza, em lagrimas, tributo;
Celeſte mão defende,
Para que poſſa, já com roſto enxuto,
Por nova maravilha,
Ser Mái de Heroes, já que de Heroes he Filha.

Ainda em teu horoſcopo affamado,
De novo a viſta por hum campo eſtendo
De eſtranhas glorias, que me moſtra o Fado:
Cheio de aſſombro pendo!
Das visões ſantas, de que eſtou cercado,
Que mortal póde vellas,
Sem ter por guia o lume das Eſtrellas?

Rápida luz de reſplandor volante
Deixa, qual não deixou já mais Planeta,
Raſtos do fogo pelo Ceo brilhante,
Transformado em Cometa:
Não he do grande Julio a ſombra errante;
He teu berço dourado,
Nova conſtellação, ao Ceo levado.

As

As virtudes, que nelle te embalárão,
A sá doutrina ao redor delle cantão,
Com que o bom coração te alimentárão;
Nas azas o levantão,
Já com elle ao Zodiaco chegárão:
Ha de influir portentos
Na conjunção de grandes naſcimentos.

Sonoros golpes de martello ſoão,
Que ſobre ardentes barras, indo, e vindo,
A immunda forja de Vulcano atroão:
Em torno eſtão ſahindo
Igneas centelhas, que todo o ar povoão
Da bigorna, em que malhão
Brontes, que duros, ſem ceſſar trabalhão.

Obras são, que a Ventura a ti dedica,
Para dar-te em depoſito ſeguro
Tudo quanto Amalthea fructifica:
Cofres, que inda o futuro
Ha de ver cheios de materia rica,
Sem que poder alhêo
Ponha a teu eſplendor limite, e frêo.

Eſtas, que vejo levantar figuras,
São recompenſas, que te o Ceo deſtina,
Não illuſões de aerias conjecturas:
Só tua mão he dina
De abrir theſouros, de eſpalhar venturas;
Se ella ſó faz contentes,
Dizei-o vós, ó miſeraveis gentes.

Vós,

Vós, miseraveis gentes, a quem falta
O metal, que a Fortuna a tantos nega,
E a tantos, sem razão, com elle esmalta:
Quem vos demora, e péga,
Que não vindes beijar a mão, que exalta,
E favorece tanta
Fraca pobreza, que do chão levanta?

Nascer sómente para ser levado
Em ligeira carroça, atropelando
Os que não devem outro tanto ao Fado:
Por vicio bocejando
Em molles canapés sempre encostado,
Seja viver embora,
Mas hum viver, de racional bem fóra.

Não basta nascer grande, este destino
Constitue venturoso nascimento;
Mas depois a virtude he que o faz dino.
O teu merecimento
Te deo a conhecer, desde Menino,
Que o nascer não he gloria,
Se senão honra a vida co' a memoria.

Dos negros dedos de Atropos, primeiro
Salte fóra a mortifera tizoura,
Que delles córte o fio derradeiro:
A alta mão, que o doura,
Tão longe o faça, e o conserve inteiro,
Que aos Astros soberanos
Subas no fim de innumeraveis annos.

Vá embora c'os annaes da impura Fama
De mil ſucceſſos barbaros, a gloria,
Talvez, de algum cruel, que Heroe ſe acclama:
Fique o dia em memoria
Dos eſtragos que fez o ferro, e a chamma:
Dias, que a ſcena viſtes,
Servi ſó de cantar Epocas triſtes.

Dias, que vírão ſó quanto eſta alma encerra,
Que honrárão para ſempre a noſſa idade,
Dias, que enchêrão de eſperança a terra,
Dias de claridade,
Contra quem nuvem negra não faz guerra,
São teus dias, ó Conde,
A quem ſó Fama eterna correſponde.

Canção, parto de vibora pareces,
Pois quaſi a vida, a quem ta deo, tiraſte,
Quando ſahiſte á luz, que mal mereces:
Dize, que me deixaſte
C'um pé na ſepultura:
Mas que em quanto de todo a noite eſcura
Da luz me não privar, ha de eſte goſto
Encher-me o coração, banhar-me o roſto.

CANÇÃO.

JAzia recostado
No tronco d'hum Cypreste, Amor, chorando;
Sentidissimas queixas derramando
Ao vento, ao Ceo, ao prado.

Qual destro caçador,
Por não ser persentido da avezinha,
Curvando o corpo, de vagar caminha
Para dar-lhe melhor.

Assim eu encuberto
C'os verdes ramos, que o lugar me offrece;
Pouco a pouco cheguei, porque pudesse
Ouvillo de mais perto.

Se desta novidade,
Marcia gentil, a causa saber queres,
Que he natural em todas as mulheres
A ardente crusidade;

Sabe, que na memoria
Recolhi, quanto disse o Deos Cupido:
Senão tens que fazer, toma sentido,
Pois te pertence a historia.

Tu,

Tu, que deſſas alturas
(Dizia Amor, c'o roſto ao Ceo alçado)
Jove, dos outros Deoſes tens cuidado,
Como de mim não curas?

Que de Marcia querida
A negra mão da pállida doença
Os olhos aſſombraſſe, e que eſta offença
Fique ſem ſer punida?

Olhos, em cujas viſtas,
Mais que nas minhas armas confiado,
Tinha já mil deſpojos pendurado
Na frente das Conquiſtas?

Olhos, onde eu podia,
Para ſer caſto, para ſer modeſto,
Tomar huma lição em cada géſto,
Quando volvellos via?

Olhos, com que eu na terra
Tão facilmente as almas ſujeitava,
Que hum ſó paſtenejar delles baſtava
Para fazer-lhe guerra?

Pois como aſſim permittes,
Que trocando o reſpeito em vituperio,
Haja quem poſſa do meu vaſto Imperio
Eſtreitar os limites?

Ti-

Tinhão mais Divindade
D'Europa, e Leda os olhos por ventura?
Era maior a sua formosura,
A sua actividade?

Não ha olhos malinos,
A quem sempre molestias maltratassem,
Senão aquelles olhos, donde nascem
Effeitos tão beninos?

Faltão olhos tão fóra
De ter graça, que foge a graça delles?
Logo havia ferir o raio aquelles,
Aonde a graça mora?

Ou faze que reluzão
De Marcia os claros olhos, como d'antes;
Ou dessa dextra os raios coruscantes
A cinza os meus reduzão.

Disse: E co'a tenra mão
Que levantou, sem escutar mais nada,
Ferio raivoso a terra; e da pancada
Tremeo em roda o chão.

Aqui bem se conhece
A quanto chega o seu poder Divino,
E de quanto he capaz, inda menino,
Hum Deos, que se enfurece.

Soffrer não pude mais:
Subito a ſeus olhos me apreſento:
E do meu intrior contentamento
Tirei palavras taes.

Junto de Marcia bella
Com roſado, e benefico ſemblante,
De gentil robuſtez, Ninfa preſtante,
Baixou do Ceo a vella.

Deo-lhe hum ramo de Lyrios,
Onde traz ſabiamente preparados,
No antigo Templo de Eſcolapio achados,
Medicinaes Colyrios.

Logo á boca os applica;
Chega-ſe a Marcia, os olhos lhe bafeja,
Piedoſa os abençoa, e grata os beija,
Já delles melhor fica.

Nelles, as penetrantes
Settas, pódes forjar, como até agora:
Nelles, a chamma tremola, vapora
Tão viva, como d'antes.

Teu pranto, Amor, ſuſpende;
Teu agitado eſpirito deſcança....
Não acabava; quando a mim ſe lança,
E em ſeus braços me prende.

Neſtes meus o levanto;
Com o ſeu roſto, eſte meu roſto apérto:
Por final (bem o vês) olha ſe he certo,
Molhado de ſeu pranto.

Então, por diligentes
Miniſtros, de ſeu goſto executores,
Ordenar manda a todos os Páſtores,
Que lhe ſejão preſentes.

Aos de groſſa manada
Manda trazer a melhor rez, que ha nella:
Já vem huma, vem outra; eſta, e aquella
De flores enfeitada.

Amor, hum ſacrificio
Fazer procura a Jupiter potente,
Para lhe agradecer publicamente
Tão prompto beneficio.

He hum Touro immolado
De negra cor, que a Jupiter empenha;
He de jaſpe o Altar, de cedro a lenha,
Tudo eſtá preparado.

O ſacrificador
Elle meſmo quiz ſer (não ſem myſterio)
Que de tão ineffavel miniſterio,
Só era digno Amor.

Já o braço levanta:
Já pelos golpes, que o cutello abria,
Adusto sangue em borbulhões sahia
Da Bovina garganta.

Subio ao Ceo direito
A victima abrazada, o fumo santo;
Cantárão todos, e dizia o canto:
He sacrificio acceito.

Quiz, Cupido, que eu visse
Tudo para contar-te: Assim o faço;
E dando-me hum abraço, e outro abraço,
Surrindo-se, me disse:

Albano, se tens sido
Sempre comigo mal affortunado,
Des d' hoje, pelo gosto que me has dado,
Serás o meu valido.

Brindou-me com promessas;
Brilhantes sim, porém mais falsas que elle,
Pois já sei (inda mal) que tudo nelle
He hum mundo ás avéssas.

Cançáo, basta, descança;
E em cego Amor, Fortuna simulada,
Ah! não, não creias nada,
Que fortuna he mulher, e Amor criança.

CAN-

CANÇÃO.

TOrna, Marilia, faze que estes prados
Produzão flores em lugar d'abrolhos:
Vem alegrar meus olhos,
Meus tristes olhos d'esperar cançados:
Vê que em tão longa ausencia
Já vai faltando a vida, e a paciencia.

Enterneça-te esta alma consumida
No lento ardor d'huma esperança vã;
De manhã em manhã:
Bem basta ser naturalmente a vida
De duração tão leve;
Não a faça a saudade inda mais breve.

Vem pizar outra vez estas arêas,
Que em lugar das conchinhas prateadas,
De que erão semeadas,
Estão de tristes lagrimas só chêas.
Ah! Quantas se choravão
Sobre os vestigios, que teus pés deixárão!

Cho-

Chorão por ti as Musas, e os Poetas;
Já não tem quem lhe inspire altos furores:
Já não tem os Amores
Quem lhe arme os laços, quem lhe doure as settas:
As Graças ou fugirão,
Ou, se ficárão, nunca mais se rirão.

Depois que as Ninfas, sem te ver, ficárão
Tristes, desconsoladas, e saudosas,
De lyrios, nem de rosas
Nunca mais os cabellos enfeitárão;
Nas grutas se escondêrão,
Súpplicas tristes, queixas mil fizerão.

Assim as tristes horas vão passando
A suspirarem por teu gésto lindo:
E tu ficas-te rindo
De ver, que ha tanto tempo andão voando
As nossas esperanças
Nas froxas azas de crueis tardanças.

Torna a trazer, Marilia, como d'antes,
Nossos passados dias venturosos:
Bastará que piedosos
Teus claros olhos para nós levantes:
Vem derreter as fontes,
De dor geladas, no interior dos montes.

Sem

Sem ti os noſſos gados emmagrecem,
Turvou o Téjo as ſuas aguas claras,
Não vingão as ſearas;
E os ramos deſtas arvores parecem
Tão ſeccos, tão mirrados,
Quaes pela mão de Jupiter queimados.

Murchárão-ſe as campinas, já não temos
Flores com que enfeitar os teus Altares;
E por eſtes lugares,
Que tão outros eſtão, já paſſar vemos
Mais triſte o caminhante,
Do que á viſta de Troia o navegante.

Tronco não ha, que o nome teu não tenha
D'algum de nós, para memoria eſcrito:
Dos males, que repito,
Não ha concavo valle, ou rota penha,
Aonde não ouçamos
Os écos triſtes deſtes ais, que damos.

Ouve-os, Marilia, baſta de violencia:
Vem já, como ao mortal febricitante,
Cópo refrigerante,
Matar a ſede da ſequioſa auſencia.
Mas aonde te eſcondes?
Que por mais que chamamos, não reſpondes.

Inda que venhas ſuſpirar d'amor
Nos braços outra vez do meu Rival,
Vem, Marilia, que o mal
De te não ver, ainda he mal maior:
Torna, Marilia, vem
Ser cauſa do meu mal, e do meu bem.

O que tem grandes erros commettido
Em offenſa das Leis, que o Rei mais ama,
Não o devore a chamma:
Não ſeja em duro carcere mettido,
Nem ás feras lançado:
Deixe de ver-te, e fica caſtigado.

A' feliz Acclamação da Rainha Noſſa Senhora.

CANÇÃO.

Ditoſa geração, que vê contente
O verdadeiro ſeculo chegado,
Que andou fingindo, ha tanto tempo, a gente:
O Seculo dourado,
Seculo ſabio, e juſto,
Qual nunca vio, qual nunca teve Auguſto!

A Soberana, a ſingular Maria,
Succeſſora legitima do Imperio,
Que vê no berço, e no ſepulchro o dia:
Já do Luſo Hemiſferio
Formou, em noſſo abono,
A Regia plânta nos degráos do Throno.

Ditoſos Portuguezes, Povo amante,
Vinde beijar-lhe a mão agradecidos,
A mão, digna de Sceptro de Diamante:
E por quem defendidos
Serão voſſos direitos,
A voſſa liberdade, os voſſos pleitos.

Não

Não he da segurança, he do costume
A lei, que hoje o confirma, e a mão lhe estende
Sobre o santo Evangelico volume.
Rainha, a mão suspende,
Que em ti o juramento
He sacrificio sem merecimento.

Aquelle amor, que ás santas leis professas,
Basta: Fiquem as nossas esperanças
Por fiadoras das Reaes promessas:
Mais altas seguranças
Portugal não deseja;
A nossa fé, o nosso amor sobeja.

Tu não deves os creditos d' Augusta
Ao suffragio dos votos: Não te acclama
A força d' armas entre guerra injusta:
Melhor Direito, e Fama
Tens, que te justifique
Nas sabias leis do Santo Affonso Henrique.

Das frias sombras, onde jaz, parece
Que o vejo resurgir, por quem de novo
Se assombra Hespanha, Africa estremece;
E que sobre o teu Povo,
Alçando a voz pezada,
Lhe diz *Com esta*, pondo a mão na espada.

om eſta, ſe entre vós, profano vulgo
ouver, que nègue o teſtemunho antigo
as Leis, que em Corte fiz, o que eu não julgo,
Nelle farei caſtigo,
Como réo da maldade,
' alta traição, de leſa Mageſtade.

quella ſó, que a leda fronte alçando
ai por ſima d' hum Rei, que de Bragança
oi o primeiro em nome, e o quinto em mando,
A legitima herança
Do ſeu Imperio obteve,
ue a Deos, e a mim, e a ſi meſma a deve.

rimeiro os pés eſcorregar ſe vejão,
No proprio ſangue, em Praças, Arraiaes,
nde acabadas voſſas vidas ſejão,
Que em ſeus Patrios curraes
O Portuguez rebanho
offra Dominios de cajado eſtranho.

Bravo Conquiſtador, que ao Ceo voaſte
A receber a incorruptivel croa,
Premio de quantas pela Fé ganhaſte;
O teu Reino abençoa,
Que para defendello
Temos promptos o braço, o amor, o zelo.

Os Portuguezes, que tão longe andárão
Trabalhando, e vencendo, e que atrevidos
Mais longe forão, se mais mundo achárão;
Que a morrer offrecidos
Forão por toda a parte
Em sacrificio de Neptuno, e Marte:

Que podres mantimentos engolirão,
E a prumo sobre si as trovoadas
Tão espantosas, estalar ouvirão;
Que as curvas enseadas
Demandárão por féias
Barbaras costas, férvidas areias.

Que improvisos tufões, torridas calmas
Soffrendo, nas Gangeticas ribeiras,
Forão cortar para o triunfo as palmas!
Que Arabicas bandeiras
A seus pés submettêrão,
Onde outras tantas o seu nome erguêrão!

Portuguezes, que tanto então fazião,
Se vivessem no seculo d'agora,
Por tal Rainha, quanto mais farião!
E qual seu gosto fora,
Se para ti souberão,
Que as descubertas, que as conquistas erão!

Mas tu não queres recamar sómente
O teu Manto Real da pedraria,
Que o Levante produz, clara, e luzente:
Da tua Monarquia
Já he o Sceptro d'ouro,
Queres juntar-lhe da virtude o louro.

Tu não esperas, que importantes Frotas
Dem fundo no teu Porto, para seres
Respeitada das gentes mais remotas:
Sabemos que só queres
Ricos os teus Estados,
Para fazer-nos bemaventurados.

Ditosos tempos, tempos, que inda estavão
Guardados, para ver no Throno aquella,
Que em nosso bem os justos Ceos guardavão:
Nova, benigna Estrella,
A' Não da Monarquia
Norte vem ser, vem-lhe servir de guia.

Não, que sólta, em teu nome, ao vento as vélas
Não vai roubar dourados Velocinos,
Para ser collocada entre as Estrellas:
D'outro rumo os destinos,
Inda verão seus mastros
Rompendo as nuvens, topetar c' os Astros.

La-

Lamente embora o Capitão Troiano
Cahir-lhe ao mar o déstro Palinuro,
Que não dorme o Piloto Luſitano:
Piloto achou ſeguro,
Cuja alta mão encerra
Táo bom governo, que já vemos terra.

D'amigas praias, na piedoſa arêa,
Que já vamos beijar, eu vejo, eu vejo
Vir eſperar-nos huma nova Aſtréa:
Eu ouço as leis, que ao Téjo
Sobre as enxutas praias
Eſcreve á ſombra de alteroſas faias.

Sim, amavel Rainha, o Ceo te inſpira
Brandos dictames, cheios de piedade,
Que o teu Reino não he hum Reino de ira:
Serás em toda a idade
A regra da Prudencia,
A Mái da Patria, a Meſtra da Clemencia.

A's Waldemares a reinar enſina:
Saibão que he a tua alma generoſa,
Alma Real de mil Imperios dina:
Rainha Virtuoſa,
Rainha, táo brilhante
He a tua alma, como o teu ſemblante.

Só de vello, o ferino author da guerra
Deixou cahir, desfalecido o braço,
Com que vinha ameaçando o mar, e a terra:
E o duro peito d'aço,
A pezar de Vulcano,
Derreteo-lho o teu géſto Soberano.

Tu formoſa, tu inclyta Maria,
Com prateada mão, do mar puzeſte
As ondas outra vez em calmaria:
Foſte o Iris Celeſte,
Foſte a Pomba innocente,
Sinal de Paz, á Luſitana gente.

Raivoſas Furias já de ti fugirão,
E dos cabellos, que arrancar quizerão,
Mortas ſerpentes a teus pés cahirão;
Serpentes, que fizerão
Rugir o Leão de Heſpanha,
Eſpantarem-ſe as Aguias d'Alemanha.

Reſto fatal, reliquias, que ficárão
Das ſubterradas ſemivivas gentes,
Que nunca mais os ſeus a ver tornárão:
Hoſpedes deſcontentes
Da Caſa de Thieſtes,
Que inda eſcapar-lhe á ſeva mão pudeſtes.

Quem

Quem ferrolhadas portas vós franquea,
Não he chave de novo induſtrioſa;
Quem vos rompe a duriſſima cadèa,
Não he a mão teimoſa,
Com lima gaſtadora,
He a voſſa Real Libertadora.

Como Eneas, de Troia, o caſo, a Dido,
Contai-lhe os voſſos caſos laſtimoſos,
Que inda vos preſta mais piedoſo ouvido:
De ſeus olhos formoſos
Vereis correr o pranto;
Mas nós, Rainha, não queremos tanto.

Teu Regio Throno, Throno affortunado,
Não he theatro, onde a Muſa intenta
Apparecer com funebre calçado:
Triunfos repreſenta,
E com tragica tinta
Nem o cothurno, nem as azas pinta.

A Paz dourada, a Manſidão ſerena,
A riſonha Alegria, o fauſto, a pompa,
São as figuras de plauſivel ſcena:
Boca de rouca trompa
Para a guerra não chama,
Grita o clarim ſó da tranquilla Fama.

Far-

Farpadas chammas de voraz fornalha,
Em vão no Etna vaporando eſtejão,
Refundindo o canhão, forjando a malha:
E em teu Reino ſó ſejão,
Os vaſados meraes,
Para os repiques, para as ſalvas Reaes.

Reinos com armas ſó, não eſtão ſeguros;
Do Ceo trombetas ſobre a terra ouvidas,
Deſtroem Capitães, arrazão muros:
Devotas mãos erguidas,
Com ſúpplicas ardentes,
Tem deſarmado mil contrarias gentes.

Por ti os Póvos teus obedientes
Ao duro freio, que até aqui mordêrão,
Por goſto ſó maſtigarão contentes:
Por ti vencer eſperão
O Turbante Africano,
E o viſtoſo pennacho Americano.

Partirão-ſe as algemas, que a ſubmiſſa
Pobreza conſentio: Novas balanças
Tornou a equilibrar a sá Juſtiça:
As doces eſperanças,
Que eſpantadas voárão,
Do Ceo baixando, para nós tornárão.

A innocente verdade, que gemêra
No eſcuro ſeio d'huma nuvem craſſa,
Torna a luzir na ſua antiga eſfera:
Vergonhoſa mordaça,
Que a boca lhe opprimíra,
Inda manchada no ſeu ſangue, tira.

As virtudes, que as azas encolhêrão,
Voão ſem ſuſto, abração-ſe comtigo,
E a teu Regio Palacio ſe acolhêrão:
Veja, por ſeu caſtigo
Syſtema ſanguinario,
Paſſar o gabinete a Santuario.

Em quanto deſta gente, e deſtas balas
Munir a Providencia os teus caſtellos,
Livres eſtão de ſubitas eſcalas:
Afiados cutellos
Pendem ſobre a cabeça,
Que o Rei os póde ver, ſem que eſtremeça.

Mas, com teu alto nome, ouvi, Senhora,
Soar o nome d'hum Varão de preço,
Com quem permittirás que eu falle agora:
A véla amaino, e deſço,
Que pede menos panno
O doce Lima, do que o Téjo ufano.

Em

Em quanto eu eſte canto, e a vós não poſſo,
Sublimes Reis, que em vão me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós, do Reino voſſo:
A breve erguido canto
Dareis materia digna
Da Regia ſombra deſſa mão benigna.

Sabio Viſconde, como a vil ſerpente,
Venenoſas liſonjas não vomito
A teus pés enroſcado perrendente:
Se de ti fallo, e grito,
He porque teme a Muſa
Ceo vingador, que o meu ſilencio accuſa.

Qual déſtro ſegador, não curvo o braço,
Com que truncar de huma ſó vez coſtuma
Muitas eſpigas em pequeno eſpaço:
Arranco-as huma e huma;
E para os teus louvores
Trarei, com tarda mão, mui poucas flores.

Obra das mãos Reaes, integro eſpelho
De completos Varões, que o mundo acclama
De vaſto eſtudo, de ſubtil conſelho:
Que obra de immortal fama
Para teus ſucceſſores!
As virtudes, materia, os Reis, Authores.

Da Luſa Eſféra, a máquina robuſta,
Que dos hombros rolou do velho Atlante;
Nos teus cahio, onde melhor ſe ajuſta;
Onde firme, e preſtante
Péza; mas de tal ſorte,
Que não implica c'o ſuave o forte.

A ti correndo, a vil neceſſidade
Vem por ſima d'abrolhos, e de eſpinhos
Bater de novo ás portas da Piedade:
Deſcalços orfãoszinhos,
Viuvas ſem Patrono,
Já tendes Pai commum: graças ao Throno.

Genios, que em guarda eſtais d'hum Throno invicto,
Fonte perenne de virtudes pias,
Inda maiores que as de Numa, e Tito:
Primeiro que os ſeus dias
Infauſtos dias ſejão,
Os noſſos dias acabar ſe vejão.

Em quanto durão, o ſeu Nome honremos,
E o novo Sceptro, ſobre os leves ares,
Com mil devotos Hymnos exultemos:
Beijemos ſeus Altares:
Babylonia deixámos,
E a famoſa Sião a ver tornámos.

Canção, voa atrevida,
Que em virtude do assumpto, que cantaste,
Sobre as azas da Fama recebida,
Ainda ha de escutar-te,
Se he possivel, do mundo a quinta parte.

EPISTOLA.

Desde que houve no mundo sociedade,
Da hospitalidade
Os sagrados direitos
Reinárão sempre em integros sujeitos.
Viste-me peregrino,
Moveo-se o vosso coração benigno,
De cujo centro para honrar-me agora,
Sahe a virtude trasbordando fóra.
Acceito, e prézo, Alcino, a vossa offerta,
Porque não vem cuberta
Com a traição do véo, que a Grega gente
Teceo tão subtilmente,
Que com rosto sereno
Deo a beber por nectar o veneno.
Do vosso bom caracter persuadido
Estou ha muito tempo: Não duvido
Sentar-me á vossa meza:
Sabei, que eu amo a simples Natureza:
Bebo com tanto gosto pela taça
Da mais grosseira maça,
Como desse metal,
Que o Sceptro obtem do Reino mineral.
A prosolana tão prezada, e fina,
Da alta Saxonia, da longicua China,

Que

Que tanto mar, e terras atraveſſa,
Que cuſta mais a ſomma da remeſſa.
O ſuſto de guardalla
Não move o meu deſejo, nem o abala;
E o mais he, a deſcuidos d'hum criado
Vai parar tudo a obras de embrexado:
Reprovarei tamanha frioleira,
Em quanto houver no mundo Panaſqueira.
Pois os manjares novos,
Qué o paladar de affeminados póvos
Introduzio, não tem valor comigo;
Sou muito mais amigo
De cozidos, e aſſados,
Que dos proxilos martyres, guizados;
A quem mais voltas dá hum cozinheiro,
Do que eu dou para achar álgum dinheiro.
Longe daqui, Madrazes, e Guiberes;
Renuncío refreſcos, e talheres,
Onde á liſa materia exceda a obra.
Quantas vezes me ſobra
O garfo natural, com que algum dia
O velho Adão comia!
Póde ſer lauta, e moderada a meza:
Penſo da meſma ſorte na grandeza
Da caſa, e do veſtido:
Eſtes são os dictames, que aprendido
Tenho da Natureza, e com razão,
Iſto lhe furto ſó, que os voſſos não.
Agora que recebo
Os voſſos, onde bebo
Correntes fraſes de innocente eſtilo,

Eu

Eu prometto ſeguillo,
E eſtudar de mais perto,
Pela voſſa alma, como em livro aberto.
Todos eſſes Authores
A mim (pobre de mim!) são ſupriores:
Eu vos mereço mais ſinceridade,
Pois não he ſer rebelde da verdade,
Dizer-me que vá ſer, no meio delles,
Qual entre Zeuzis, e Parrezio, Apelles?
Sabeis, entre elles, o que poſſo, e valho?
O meſmo que hum Eunuco no ſerralho:
Irei vellos, com tudo,
Nelles reſpeitarei o voſſo eſtudo.
Eſtes são os magnificos retratos,
Os veneraveis, naturaes ornatos
D' ordem mais alta, de melhor figura,
Que a ſubtil Thezifonia Arquitectura,
Dignos d' ornar com ſabia providencia,
O grande Templo da immortal ſciencia.
E em quanto inutilmente
Lhe eſtá batendo á porta tanta gente,
E a difficil entrada vos franquea,
Como promeſſas da voſſa alta idéa,
Offerecei-lhe as horas;
Sacrificai-lhe o fruto das ſonoras
Muſas, que o fertil campo vos cedêrão.
Baſta de carta já, que a pena ſinto
Incapaz do que eſcrevo, e do que pinto.
Do Parnaſo, o congreſſo todo junto,
Me vem tirar das máos tão alto aſſumpto;
E bem que me honrais tanto co' a licença

De

De ir á voſſa preſença,
Não vos dou dia certo,
Que hum franco coração, de trato aberto,
Como ſe foſſe agora,
Recebe a ſeu Amigo em qualquer hora:
Iſto aſſim ſe preſume;
Não que altereis o regular coſtume,
Que eu não vou ſer, nem tenho taes idéas,
No Egypto Antonio, em Carthago Eneas:
Irei fazer-vos ſó huma ſaude:
Brindarei á virtude;
Porque eu eſtimo mais ao voſſo lado
Hum engenho feliz, que hum alto eſtado:
E agora que a atrabilis ſe me altera,
Que o ſucco pancreatico exaſpera,
Só para ver ſe faz algum milagre,
Em vez de vinho, vou beber vinagre.

Ao Terremoto do 1. de Novembro de 1755.

ROMANCE HEROICO.

GEmem no ardor as rigidas entranhas
Da terra: Ferve a maſſa tão convulſa,
Que parece que a tremulos compaſſos
Os formidaveis membros deſconjunta.
Não d' Encelado a vaſta corpulencia,
Que jaz toſtado, a quem o Etna occulta:
Não d' outro algum apocryfo Gigante,
Que a idéa fez, que a fabula ſuppunha.
He quem produz tão horridos effeitos
Nas terraqueas porções: As noſſas culpas
A cauſa são, quem executa o golpe
He o braço Omnipotente da Lei ſumma.
No forte impulſo ao miſero deſtroço
Cahe de Lyſia a ſoberba contextura;
E tanto eſtrago á viſta manifeſta,
Quanto myſterio a Providencia occulta.
Comſigo meſma, a terra forcejando,
A vilèza dos homens não atura;
Como quem já não póde ſupportallos,
Quer ſacudir de ſi tão graves culpas.

Creſ-

Creſce o mar; e tão rápido quebranta
Os fervidos extremos da clauſura,
Que até parece que eſtranhando o centro,
Quer dilatar a praia pelas ruas.
E tu, mortal, que paſſas, ſe buſcando
Andas o objecto do clamor, que eſcutas,
Não profigas, detem-te, volta os olhos,
Que verás inda mais do que procuras.
Dilata a viſta pelo mappa informe
Deſſes deſenhos miſeros: Conſulta
Maior eſpanto, obſervarás mudada
Em ermo triſte a habitação jucunda.
Nota, que alto ſilencio recommenda
O ſitio enorme da fachada eſcura;
E até no horror da ſuſpensão, parece
Se agonia a triſteza de eſtar muda.
Tudo quanto o cinzel obra conforme,
Quanto a planta nos circulos debuxa,
Confuſo jaz no aſſombro; e ſe reſpira,
He ſó como Epitafio em ſepultura.
Dos Palacios, nas inclytas paredes
Dos Templos, na decencia das columnas,
Só da Morte a ſentença ſe ſoletra,
Só ſe lê de pavor o *Non plus ultra.*
Por toda a Corte vaga no eſcarmento
Clara a doutrina, a laſtima confuſa:
Trocou-ſe o ouro em mirra; mas no eſtrago
Mais brilha a cinza, do que a luz coſtuma.

Hum foge do eſtrago em que perece,
Outro na vida maior tranſe buſca;
He tão irreparavel a tormenta,
Que até no allivio a morte ſe rebuça.
Finalmente a Metropole adorada
Foi eſta; ainda nas regiões aduſtas,
Hoje em pranto Babel, Carthago em cinzas,
O cadaver das Cortes ſe divulga.
O Rei, o grande, o rico, o pobre, o ſerv
Brada, corre, lamenta, paſma, eſcuta;
E em todos gritão ſimultaneamente
As vozes da conſciencia que os accuſa.
Em fim, deſta geral calamidade
Nem ſe iſenta o ſurrão, nem livra a Murça
O porfido val tanto como o barro,
Não tem a choça inveja da Tribuna.
Olha a ſoberba, humilde nas cabanas
Que ha pouco, inchada, comprimia as ruas;
Mas não te eſpantes, não; ſempre na vida
Synonymo da quéda foi a altura.
Repara na avareza, como agora
Nas miſerias de Lazaro ſe muda:
De que ſerve o theſouro eſtar fechado?
Morre o corpo, ſe o ſangue não circula.
Vê ſem culto as ſacrilegas imagens,
A quem o ardor impudico perfuma:
Tem tão trocada a pompa, que parece
Mais feia a circumſtancia, do que a culpa.

Olha domeſticado o horrivel monſtro
Da raiva inſana, da vingança injuſta:
Unem-ſe os brutos aos da ſua eſpecie,
E cuſta aos homens perdoar á ſua.
Em quantos Ariſtipos, e Melancios
Faz hoje a fome, temperada a gula?
Oh! ſe foſſe virtude eſta abſtinencia,
E não caſtigo a precisão commua!
Contra a diſcordia, que ſemeia a inveja,
A reciproca laſtima repugna:
Daqui póde a vontade ter cubiça,
Onde he univerſal a deſventura.
Em fim, olha a preguiça diligente,
Que eſtava como morta em ſepultura:
Igualmente co' ignobil fatigado,
A trabalhar o grande ſe coſtuma.
A Caſa da Oração era paleſtra,
D' acções indignas, práticas immundas:
E talvez que inda agora o homem cego,
Muito mais que a de Deos, reſpeite a ſua.
Mas que muito, ſe Altar, Imagem, Tem-
Caia, ſe quebre, em fogo ſe conſuma; (plo
Tambem por evitar-ſe o deſacato,
Queimarem-ſe as Reliquias ſe coſtuma.
A nuvem conſagrada, o Pão dos Anjos
Tambem, ó Ceos! a Providencia occulta!
Entre os eſtragos fica! Ao proferillo
Naufraga o coração, a alma ſoluça.

Mas até entre os golpes do flagello
O amor reſpira com que os homens buſca:
E parece que até por não deixallos,
Segunda vez com elles ſe ſepulta.
E á viſta deſtes tragicos ſucceſſos,
Não ſuſpiras? Não paſmas? Não te aſſuſtas?
Inda immovel ſegunda vez eſperas
Que chore o mar, que a terra ſe compunja?
Não vibra mais a fulminante eſpada
Nos terriveis progreſſos de iracunda:
Não mais, Motor Supremo, porque baſta
Para deſaggravar-te, ver-te nua.
Vê que em tão repetidos ſobreſaltos
Até a contrição ſe nos perturba:
E fica malogrando-ſe a Doutrina,
Se a luz do exemplo no pavor ſe offuſca.
Mas ſe o clamor afflicto do teu Povo
Em ti não rompe os laços da teruura,
Fulmina, que ſe aſſim te ſatisfazes,
O peccador embora ſe conſuma.
Que no Eſcudo invencivel deſtas Quinas
Tomaremos os golpes, que executas;
As tuas Chagas são; tu meſmo as déſtes:
Agora ſe as deſtroes, comtigo pugnas.
Porém não ſeja aſſim; mitiga hum pouco
O ardor do teu ſemblante, não preſuma
A barbara cegueira mais immenſa,
Do que a tua piedade, a noſſa culpa.

Se-

Será brazão da tua Divindade,
Se da Juſtiça, a compaixão triunfa:
Que muito mais que em caſtigar offenſas,
Se glorifica em perdoar injurias.
Bem ſei, Senhor, que as minhas ſó baſta-
A provocar os Ceos a tanta furia; (vão
Porém tu meſmo revelaſte que era
Propenſa ao mal a humana creatura.
E tu, Monarca, em cujo eſforço altivo
Tão conſtante os pezares diſſimulas,
Que ficas inſenſivel á deſgraça,
Sem parecer á natureza injúria:
Conforta a inconſolavel Monarquia,
Não desfaleça a mão, que o Sceptro empunha:
Conſulte-ſe a razão, obre a verdade,
Que o Imperio de Chriſto não caduca.
Ainda o vaticinio do teu nome
Convaleſce no eſtrago, em que redunda:
Para melhor ſe perceber o augmento,
Talvez que o Ceo agora te deſtrua.
Para novas conquiſtas do teu Reino
Inda o Ganges tem palmas; para a tua
Fauſta abundancia, a ſacra Providencia
Fará que inda a America produza.
Porque aſſim como eſſa Ave paradoxa
Erige o berço, onde accende a tumba;
Com mais verdade a miſera Lisboa
Póde vir de ſi meſma a ſer ſegunda.

RO-

Aos annos d' huma Senhora contados em Domingo gordo.

ROMANCE PASTORIL.

QUe alegre amanhece o dia
A todas eſtas montanhas;
Pois té parece que o Sol
Vem hoje com luz eſtranha!
Alegra-ſe o valle, e o rio,
Em competencia mais grata;
Hum de cryſtaes ſe proſpera,
Outro de flores ſe eſmalta.
Deixa a ovelha alegre o paſto,
O cordeirinho não mamma;
E todos os guardadores
Vão enfeitando as cabanas.
Veſte-ſe qualquer Paſtor,
Não de tella, que alli falta;
Mas põe o melhor pelico,
Tóca a mais ſonora flauta.
Mil boninas no toucado
Traz a aſſeada ſerrana;
E nas portas dos caſaes
Botão juncos, e eſpadanas.

Tu-

Tudo no arraial he feſta,
Compõe letras, fazem danças;
Soa o motim das cantigas,
Eſtruge o ſom das ſoalhas.
Mas eu, de tal ver, confuſo,
Porque o motivo ignorava,
Então o pergunto a Aleixo,
Que me torna eſtas palavras:
Sabe, Albano, que eſte dia
A' Paſtora ſe conſagra
Deſtes campos, mais formoſa,
E tambem a mais ingrata.
Digo-lhe, que bem conheço,
Que me não diga mais nada;
Para ſaber que eras tu,
Só eſte informe baſtava.
Mas, Aleixo, continúa:
Ouve agora, amigo, a cauſa:
Tudo feſteja eſte dia,
Porque faz annos Ignacia.
Não quiz eu eſcutar mais,
Parto á carreira á choupana,
E depreſſa, como pude,
Entro a enfeitalla de ramas.
Pégo do cajado novo,
Do furrão tiro a navalha;
E nos troncos, que encontrei,
Vou lavrando *Viva Ignacia.*

Não mo differão mais cedo,
Que hoje teus annos contavas;
Porque ſempre a hum deſditoſo
Qualquer ventura lhe tarda.
Chego ao arraial contente,
Tocando na minha flauta;
E alli cantei como ſoube
Eſtas trovas mal formadas.

DECIMA.

Viva da morte ſegura
Sempre a noſſa Ignacia bella;
E das Paſtoras ſó ella
Dure mais, que o Cedro dura.
Fique a ſua formoſura
Sempre d' Abris vencedora;
Não he bem que tal Paſtora
(Pois o tempo a não aggrava)
Seja dos annos eſcrava,
Sendo das almas Senhora.

Queixas de Albano, expoſtas nas margens do Mondego, contra as falſidades, e mudança de Almena.

ROMANCE.

ERa o tempo, quando a luz
Lá neſſe Eſferico incendio
Eſcaſſamente nos montes
Eſpira em tibios reflexos:
Quando já no azul theatro,
Mais do que claro, ſereno,
A figura da mudança
Repreſenta os ſeus aſpectos.
E com ſuaviſſimo agrado
O manço Favonio freſco
Reſpira com mal diſtincto
Doce rumor nos ſalgueiros.
Em fim, já quando os Paſtores
Manſamente recolhendo
Vão a turba do rebanho
Para o ruſtico apoſento:
Junto ás arenoſas margens
Do cryſtallino Mondego,
Hia obſervando nas aguas
Da minha dita os eſpelhos.

Alli com triſte exercicio
O pincel do ſentimento
Retocava na memoria
As imagens do deſpenho.
E como ſe não pudeſſe,
Sem que lembre ao meſmo tempo
Nos affectos dos martyrios
Os motivos do tormento:
Na terrivel conjunctura
Do meu myſterioſo enredo
Contemplava eſſe d'Almena
Mil vezes fingido extremo.
Quando neſta idéa vaga,
Da memoria indigno emprego,
Dava lagrimas ao rio,
Dava ſuſpiros ao vento:
E imaginando que deſſa
Ingrata via o objecto,
Entregue a hum triſte ſemblante,
Comecei aſſim, dizendo:
Tu foſte, ah cruel, tu foſte
Aquella, a quem eu perplexo
Em alviçaras de ver-te,
Dei d'alma todo o ſocego.
Por ti o perdi, por ti,
Ah! Com que pejo o confeſſo!
Deſprezei o horror da tumba,
Eſqueci o ſer do berço.

Fui, mais que firme, obſtinado,
Mais que extremoſo, fui cégo;
Por cumprir da fé os votos,
Excedi a lei dos termos.
Por ti, ah tyranna! Ah falſa!
Chegou a enganar-me o tempo,
Tanto, que para auſentar-me,
Sempre me pareceo ſedo.
Por ti rejeitei mil vezes,
Para a vingança, os empregos,
E os ſacrificios do rogo
Ouvi ſó para o deſprezo.
Por ti, deſſe Amor nas pyras,
Queimando a fé novo incenſo,
Fiquei mais cégo dos fumos
Na repetição do obſequio.
Quiz-te, em fim; e ainda agora,
Se acaſo amar-te foi erro,
Para melhor caſtigar-me,
Chego a confeſſallo eu meſmo.
Dize agora: Quantas vezes
(Pondo a branca mão no peito)
Me juraſte de ſer firme,
A' fé dos proprios extremos?
Primeiro (ah cruel!) dizias,
Que ſe arruine eſte affecto,
Será flexivel o vidro,
Ha de ſer corrupto o cedro.

Eſſa máquina dos Orbes
Perderá da molle os eixos;
Ficará da quarta eſféra
Na carreira o Sol ſuſpenſo.
Mas eu, immovel, conſtante,
Nos cuidados, nos deſvelos,
Hei de ſer, pois das firmezas
Sou reſumo, ſou compendio.
Pois como aſſim de conſtante
Te mudaſte? E ainda vejo
Todos eſſes impoſſiveis
Na ſua exiſtencia os meſmos.
Dize, infame, aonde eſtão
Os votos, e os juramentos?
Se promettefte ſer falſa,
Poderias cumprir menos?
Ah cruel, que eſſe vertido
Pranto dos teus olhos ternos,
Quando pareceo piedade,
Já era arrependimento!
Neſſas lagrimas, que então
Produzia o fingimento,
Fizeſte o meſmo, chorando,
Que o crocodilo gemendo.
Aonde vive hoje o fino
Sacrificio deſſe affecto?
Porém como ha de haver fumo
Do que ſe entregou ao vento?

Pois esse hypocrito agrado,
Que a mentira fingio meigo,
Foi vario impulso do gosto,
Vil accidente do genio.
Offendeste-me, não sei
Como no horror de dizello,
Quando este termo declaro,
Não chego ao ultimo termo!
Não cabe na voz, não cabe,
Que a voraz chamma d'hum zelo
Só póde sahir a gritos
Pelas gargantas do Inferno.
Basta dizer me deixaste
Por tão incapaz empenho,
Que ainda não merecia
O favor dos teus desprezos.
Vê agora o que respondes?
Mas que has de dizer, se he certo,
Que ás arguições do delicto
Só he resposta o silencio?
Fica-te em paz, porque eu vou
Já do alvedrio esse ferro
Pendurar, como milagre
Do desengano, no Templo.
Eu me vou: morrerei antes,
Que torne a cahir enfermo;
Que aonde a vida he perigo,
Até a morte he remedio.

Eu me vou: fiquem extinctas
As frias cinzas do peito;
Porque até nelle não hajão
Vestígios de que houve incendio.
Que eu farei com que desta alma,
Arrancando-te cá dentro,
De que te guardou, só fiquem
Sinaes de arrependimento.
Se bem, tyranna, que em quanto
Respirar vitaes alentos,
Me has de offender, como aggravo;
Me has de lembrar, como exemplo.
Disse: E na aeria distancia
Vibrado este ultimo accento,
Se ouvirão gemer os valles
Na repetição dos écos.
Tremeo piedosa a robusta
Esféra do monte, e vejo
Que até para escutar mágoas
Tem ouvidos os desertos.
E ás luzes dessa triforme
Tocha, que no espaço Ethereo
He variavel nos influxos,
Inconstante nos aspectos,
Fazendo papel da area,
Penna fazendo do dedo,
Deixei escrito na praia
A verdade destes versos.

SO-

SONETO

Todo o que faz firmeza na ventura
Em peito feminil, que louco eſpera?
Se quando mais feliz ſe conſidera,
Então encontra a fé menos ſegura:
He das aguas producto a formoſura;
Ora em bonança exiſte, ora ſe altera;
Seguindo em tudo a movediça eſféra,
Deſſa, que tem no Ceo varia figura.
O deſengano, que hoje aqui reſpira,
Não he ſegredo, que revélo agora,
He já deſordem com que o mundo gyra,
Pois no peito, que cegamente adora,
Se chega a ſer conſtante, o goſto eſpira;
E ſe infeliz, a dor não ſe melhora.

Fazendo hum anno a Primogenita dos Excellentiſſimos Marquezes de Niza.

COPLAS.

COmo hei de cantar alegre,
Se em vez de feſtivas Muſas,
Só vejo ao redor de mim
Triſtes, deſgrenhadas Furias?
Deſamparárão-me as Graças,
Que já me forão jucundas;
Quando do ſeu riſo agora
Preciſava mais que nunca.
Da pállida mão tocado
Da doença, que me inſulta,
Com tremulo pé caminho
Para a fria ſepultura.
A ſanta, e Eterna verdade,
Mais bella, quanto mais nua,
Das minhas tribulações
Seja fiel teſtemunha.
Porém mudemos de tom;
E qual Ciſne, que coſtuma
Cantar antes de morrer,
Cantemos certa ventura.

Se-

Seja a minha empreza hum anno,
Que ha de eſcrevello a Fortuna
Nos doze Signos, por onde
O meſmo Apollo circula.
Não he hum daquelles annos,
Que nas Hiſtorias ſe inculca,
Célebre, por ſangue, e fogo
Entre as armas foribundas.
Não he grande, porque a Fama
D'algum Camillo triunfa:
Não, porque acaba Carthago;
Não, porque Roma ſe funda.
Ha de ir aos Faſtos glorioſos
Da nobre geração Luſa,
Para ſe contar com goſto,
Para ſe ler com ternura.
He hum anno, que completa
De vida, com gloria ſumma,
Dos Condes da Vidigueira
A primogenita Auguſta.
Hum anno, que em ſi a gloria
De muitos annos debuxa,
Já retratando os prodigios,
Como em ſubtil maneatura.
De ſeus grandes Pais, e Avós
Santas propenſões já buſca;
He grata, he meiga, he ſuave,
Que fará na idade aduſta?

Parece que a natureza
Impaciente do que occulta,
Quiz pullir antes de tempo
Nella a antrior eſtructura.
Salta em ſeus olhos a graça,
Anda em ſeus labios diffuſa;
E une á graça da innocencia
A natural da figura.
Quem obſerva as advertencias,
Com que ás vezes ſe regula,
Vê quanto na ſua Aurora
A luz da razão madruga.
Honra de Telles, e Silvas,
De Caſtros gloria fecunda,
Guardada para ſemente
Da ſua Prole interrupta.
Planta generoſa, a quem
Com prudencial eſtructura
Das virtudes maternaes
O ſanto orvalho borrufa.
Illuſtre Menina, pede
A teu Pai, que te deſcubra
Eſſa mão para beijar-te;
Eſſa mão formoſa, e pura.
Vai-te coſtumando a ver
A demonſtração profunda
Da vaſſallagem devida,
Que a morte conſagra, e jura.

Vive huma vida tão longa,
Que diſte do berço á tumba
Os infinitos eſpaços,
Que diſta o *ſempre* do *nunca*.
E ſe o Ceo determinar,
Como lei preciſa, e juſta,
Porque a tua ſe accreſcente,
Que a minha ſe diminua:
Seja aſſim, pois todos ſabem
Por natural conjectura
O muito que em ti ſe perde,
O pouco que em mim ſe lucra.

Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Eugenia Xavier Telles, filha dos Excellentissimos Senhores Marquezes de Niza.

QUINTILHAS.

EUgenia, que hei de eu dizer
Em teu louvor neste dia,
Que te cause algum prazer,
Se a minha melancolia
Me não deixa discorrer?
Bem quer a minha tristeza,
Resistindo o coração,
Tirar força da fraqueza;
Porém nem sempre a razão
Obedece á natureza.
Como ha de mão tão agreste,
Usada a pincel rasteiro,
Fazer debuxo celeste,
Se pintar verde Loureiro,
Sahirá negro Cypreste?
A vaidade não me engana,
Para esperar da Fortuna
Idéa tão soberana,
Que levante huma Tribuna
No lugar d'huma choupana.

Que

Que hei de eu dizer? Q' eſte dia,
Para ſempre aſſignalado,
Entre nós ficar devia,
E ſubir ao Ceo, levado
Sobre as azas da Alegria?
Que filha de Illuſtres Pais,
Neta de ſantos Avós,
Que por ſuas obras taes
Forão ficando entre nós
Divinos, ſendo mortaes?
Que es do grande Vidigueira
Entre affagos, e caricias
Huma preſumptiva herdeira,
E que de nós as delicias
Serás, de qualquer maneira?
Que es já diſcreta, e formoſa,
Raros dons, que herdaſte em vida
De tua Mãi virtuoſa;
E que em fim foſte naſcida,
N'uma Eſtrella venturoſa?
São verdades, que altamente
Por fama, que não repouſa,
Andão já de gente em gente;
E fora inſipida couſa
Affirmar que o fogo he quente.
Todos ſabem que te fez
O Ceo com perfeições taes,
Que ou huma das Graças es,
Ou que em ti creárão mais
Huma Graça, além das trés.

Quem

Quem vê teus louros cabellos,
Quem vê teus olhos graciosos,
Não sabe quaes são mais bellos:
Só sabe que por formosos
Nunca se farta de vellos.

Se fallas, oh quanta gente
Fica, só por te escutar,
Da tua boca pendente,
Vendo a razão madrugar
Tão anticipadamente!

Em palavras, tal prudencia?
Em acções, tanta constancia?
Maravilhosa innocencia,
Que dá nas flores da infancia
Os fructos da adolescencia!

Alma, que do Ceo vieste
Esta nova idade honrar,
Pois tanto bem nos trouxeste;
Tu não podias deixar
De te rir, quando nasceste.

Teus alvos dias serão
Como o Platano frondoso,
Plantado em fecundo chão;
E a pezar do Tempo iroso,
Alongando o fio irão.

Não he a mão, que se estende
Submettida ás leis da morte:
Outra mão de quem depende,
Isto; a que se chama sorte,
He que aos teus annos defende.

Delles, por alto ſegredo,
Ver-ſe-hão poſtas em fugida
As duras Parcas com medo,
Que não he huma tal vida
Para ſe acabar tão ſedo.
Do Ceo as virtudes bellas
A ſer guarda do ſeu bem
Já baixão, pizando Eſtrellas;
E eſtendendo as azas, vem
Para te cubrir com ellas.
Deſcança, Eugina, deſcança
No ſeu virginal regaço,
Em quanto aos teus ſe lança
Eſte louvor tão eſcaço,
Sinal da minha lembrança.
Mas o dia he de perdão;
E ſe entre os mais me não vês
Ir beijar-te a tua mão,
Ajoelhado a teus pés,
O Ceo bem ſabe a razão.

ELOGIO

DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO D. FRANCISCO XAVIER TELLES,

Recitado na Academia dos Domeſticos no dia dos ſeus annos.

SENHORES

QUando me annunciárão a eſcolha, que vós tinheis feito em mim, para ſer quem hoje formaſſe o Elogio aos annos do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Franciſco Xavier Telles, adoravel Protector noſſo: Quando vi que eu meſmo era obrigado a trazer a eſte lugar a minha pequena, e inda tão mal ſegura reputação, ſacrificalla á iſta de todos, e ſer a hum tempo o Sacerdote, a victima de mim meſmo: Quando vi que oje, mais que nunca, havia de dar conta dian- de vós do proveito que tenho tirado das voſ- s repetidas lições, ſementes, que a minha ne- igencia tem feito tão inuteis, que nem ſe ier á flor da terra vedes em mim apontar os utos, ou ao menos a eſperança delles: Quan- o finalmente todas eſtas circumſtancias temi- is, que ſe apreſentárão em tumulto na mi- ha agitada imaginação (dizia eu comigo, Se-

nhores) os meus Socios, os meus amaveis Socios esperão, e esperão com fundamento, que o meu espirito alumiado com a brilhante cultura das suas penetrantes, das suas claras doutrinas, possa já ter algumas luzes proprias que o guiem, sem tropeço, por hum caminho, posto que arduo, nem por isso inacessivel; mas eu ainda não sou tal, qual elles me suppõem. Então, Senhores, que perplexidade, que confusão, que temor, que desfalecimento não combatião a minha idéa! Eu ficaria de todo gelado na minha inacção, se hum golpe de luz, que ainda pode ferir a minha alma no meio do seu desacordo, da sua perturbação, me não recobrasse as forças, me não animasse, e me não convalescesse. Sim, Senhores, a minha mesma fraqueza me deo forças, o mesmo pezo da materia fez que eu lhe metteſſe os hombros com mais affinco.

O medo tambem faz valentes: a desesperação he huma especie de valor, que tem salvado muitos timidos dos mesmos perigos, em que já ficárão sepultados muitos valerosos. Eu olho para o objecto, que fui obrigado a acceitar por assumpto do presente Elogio. Eu vejo hum espectaculo tão novo, tão magnifico, e tão respeitavel, que o mesmo assombro, que me enche de horror, he hum farol, Senhores, que me serve de guia, e que vai fazendo toleravel, e ao mesmo tempo venturosa a minha temeridade, e provocada a cada passo a minha ad

dmiração: E eu vou, Senhores, eu vou já de
nais perto examinar este impulso que a lison-
ea, que a encanta, e que a arrebata. Mas aos
lhos não communica o Sol as suas luzes, por
nais distantes que estejão dellas. Quem deixa
e admirar, e conhecer as sublimes virtudes
o nosso Excellentissimo Protector? Ellas são
quelle golfo, em que eu receava perder-me;
nas ao mesmo tempo que elle me preparava
naufragio, me offerece a taboa para surgir
vre delle. Sim, Senhores, porque he o Illus-
rissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco
avier Telles quem faz annos, he que eu receio
enos fallar de annos. Se elles fossem de hum
omem, a quem o seu escuro nascimento, a
ua indole barbara, o seu procedimento ordina-
o tivesse submergido na grosseira escuridade
o indocil, do insensato vulgo, que embara-
ado, Senhores, me não veria eu? Mas dos
orecentes, dos fecundos annos do nosso Excel-
entissimo Protector, huma daquellas grandes
mas, na presença das quaes até hum Orador,
l como eu, não teme fallar, porque não te-
e faltar-lhe campo não só para hum peque-
o Elogio, como este, mas ainda para mui-
s, e volumosos tratados, que posso eu te-
er? Desfigurar as suas bellas qualidades com
faltas perduraveis da minha eloquencia. Não,
enhores, elle que se serve mais da pureza,
ue do estrondo do sacrificio; elle que sabe o
eu animo; elle que tem provado muitas ve-

zes

zes quão limpas são as suas intenções; elle que tem anatomizado em vida o meu coração; e elle finalmente, que como verdadeiro Fidalgo sabe reprovar os erros, e como homem desculpallos; porque não será indulgente com hum, que o serve com amor, que o respeita com submissão, e que o louva com singeleza? Pois que mais resta que temer? A esterilidade da materia? Tambem não, Senhores; a seccura do mirrado Estío póde diminuir as fontes, e empobrecer os rios; só o vasto mar já mais experimenta nas suas perennes aguas a mais pequena diminuição: são inesgotaveis, Senhores, os motivos, os altos motivos, que no nosso Excellentissimo Protector farão para sempre recommendavel hum tão grande dia, o dia dos seus annos. Elle nasceo Illustre; Elle se fez Illustre; Elle será sempre Illustre. Este he, ó Diogenes, o homem, que buscavas pelas Praças de Athenas á luz de huma tocha; se tu ainda existisses, e se tu tivesses nascido na Lusitania, ou elle na Grecia, tinhas feito a tua imaginada descuberta; mas aquelles tempos não merecêrão tanto, para os nossos he que tinha a Providencia guardado huma Epoca tão feliz que fechou o seu faustissimo principio no formoso dia de 24 de Fevereiro, em que nasceo o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Telles. Este he o dia, Senhores este he o dia, que nunca havia de anoitecer por isso aquelle Filosofo ainda então não podia achar

achar o homem que buſcava. Elle não nos diz as boas partes, que neſte homem havião de encher, havião de ajuſtar com as rigoroſas medidas, que elle tinha tomado na ſua idéa; mas eu, Senhores, atrevo-me a dizer, que queria Diogenes achar hum homem, que temeſſe os Deoſes, que reſpeitaſſe as Leis; hum homem de eſpirito robuſto, de coſtumes ſuaves, deſprezador dos perigos, conhecedor dos ſucceſſos, prudente, moderado, firme, finalmente, virtuoſo, porque o queria ſabio.

Ora ſe eu, Senhores, agora, ſem eſtar tão próvida a voſſa attenção, vos pintaſſe hum homem com eſtas operações, com eſtas meſmas cores, vós não voltarieis repentinamente os olhos para o noſſo amabiliſſimo Protector? Sim, Senhores, eſta pintura, ainda de morte côr, e ſem aquelles ultimos, e delicados toques, de que o pincel da Eloquencia na minha tremola, e principiante mão ainda não he capaz, não póde convir ſenão áquelle original. Oh maravilha! Oh privilegio dos objectos extraordinarios, que até nos ſeus toſcos raſcunhos ſe dão a conhecer! Ah, Senhores, ſe eu fora capaz de copiar todas as virtudes do noſſo Excellentiſſimo Protector, que ſubidas, que vivas côres não tinha eu para illuminar a brilhante carreira de ſeus aſſignalados annos!

Naſceo o noſſo Excellentiſſimo Protector diſoſo ramo de huma Arvore tão reſpeitavel, que Principes, e Reis são as ſuas Raizes; tanto ſe eſ-

eſtendêrão, tanto ſe profundárão! Mas não ſatisfeito deſte primeiro, deſte involuntario naſcimento, a quem ſó devia huma gloria accidental, em que não tinha parte, iſto he, pela qual elle não tinha trabalhado; quiz fazella ſolida, quiz fazella propria, quiz merecella, canſando-ſe; quiz, naſcendo ſegunda vez das ſuas acções, dar huma nova, e immortal origem a ſi meſmo; e elle ſe glorêa tanto mais deſte ſegundo naſcimento, quanto fica mais illuſtre o que ſe faz digno de o ſer.

Logo que lhe amanheceo a razão, foi a luz dos ſeus reflexivos dictames por quem ſe dirigio; e eſtas forão as Eſtrellas, que influírão no ſeu eſclarecido naſcimento. Elle conhece que eſta circumſtancia de naſcer illuſtre talvez não baſte ſó para conſtituir huma indole rara, que muitas vezes não ſe herda; porque nem ſempre do forte naſce o forte. Elle, que já confiava pouco dos principios de huma Filoſofia tão abſtracta, já penſava por hum modo mais ſeguro. Já as Mathematicas lhe tinhão dito como os Aſtros fazião as ſuas revoluções; e que pela diſtancia em que ficavão da terra, não podia a ſua actividade inſpirar nos homens ao tempo do ſeu naſcimento nem vicios, nem virtudes. Elle ſabía que á meſma hora em que naſceo Alexandre, naſcêrão muitos homens; mas que ſó elle fora Alexandre. Elle ſabía finalmente que o homem era livre, que podia governar as ſuas acções, formar o ſeu eſpirito, e dominar a ſua fortuna.

Aſ-

Assim, Senhores, principiou o nosso Excellentissimo Protector a filosofar, logo que entrou a discorrer. Que se esperava, Senhores, de quem já tinha gravados no seu tenro, mas já grande coração, estas verdadeiras idéas da obrigação do homem Illustre? O amor da Patria o leva debaixo da vocação militar a ser hum dos membros do respeitavel corpo da nossa marinha. O serviço do seu Rei o faz demandar os Portos da America; os da sua Religião, os do Mediterraneo; em humas, e outras expedições trabalha, soffre, serve, e manda. Respira muitas vezes ares grossos: vê por muitos dias o mar em serra, o vento em furacões: ouve desfechar a prumo horrendas trovoadas: força a sua delicada constituição para endurecer o corpo com os trabalhos maritimos, que hão de fazer o seu mais particular destino. Assim tem sido os annos do nosso adoravel Protector cheios de riscos, mas glorioso. Assim he que se vive: assim he que se contão.

Annos bem poucos tinha Carlos XII; e lendo que Alexandre morre de 32, achou que era já viver muito, depois de vencer batalhas, e de conquistar Reinos; mais desejava igualallo nos triunfos, do que excedello nos annos. Os grandes homens, Senhores, tem hum novo cálculo, por que contão os seus dias. O que fizer obras mais dignas de memoria, mais prolongará com a mesma memoria a duração dos seus annos. Assim, Senhores, he que o nosso Illustris-

triſſimo Protector trabalha na fabrica do Templo, em que ha de ſer adorado o ſeu nome; mas vós não viſtes mais que as primeiras pedras para os alicerces deſta grande obra; eu vos irei moſtrando qual he a ſegurança com que a vai eſtabelecendo. Sobre as pégadas dos Heroes ſeus predeceſſores he que elle lança os ſeus paſſos. Não he a grandeza em que lhos repreſenta a tradição, e a Hiſtoria, porque ſe jacta de ſer ſeu deſcendente; eſta grandeza para elle, conſiderada unicamente como pompoſos titulos de huma apparente, de huma fallivel fortuna, não he que o eſtimúla a fazer-ſe ſeu ſemelhante, ainda que os não iguale na felicidade, elle quer imitallos, elle quer excedellos no merecimento, elle ſuſpira por accreſcentar novas inſignias aos fortes, aos armigeros Eſcudos, que lhe deixárão.

Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor, mitigue Voſſa Excellencia o ardor deſſa heroica impaciencia, ſenão he já, ou ſe não vier a ſer, como elles forão. Eſta falta não he de Voſſa Excellencia, he dos tempos. Agora, Senhores, já não ha deſcubertas perigoſas, conquiſtas arriſcadas, choques ſanguinolentos: a Voſſa Excellencia ſó lhe faltão eſtas occaſiões (e queira a Providencia que ſempre lhe faltem); mas ſe lhe falta a gloria deſtes triunfos, Voſſa Excellencia tem em ſi meſmo emprezas mais á mão, em que cevar a ſua ambicioſa vontade.

Não

Não só os canhões disparados, não só as lanças arremessadas são armas para o vencimento; com as acções, com os exemplos, e com os ditames tambem se triunfa; e assim he que Vossa Excellencia coroou a sua fama de tão prosperas, e pacificas victorias. Sim, meus amados Socios, a quem não admira ver o nosso Excellentissimo Protector produzir na primavera dos annos aquelles frutos, que o farião recommendavel ainda no outono da idade? A quem não admira ver ao nosso Excellentissimo Protector magoar-se ternissimamente do ocio vil, em que vê passar huma vida móle, e affeminada tantos homens de qualidade, reprovando até nos ordinarios este abominavel princípio de todos os vicios; contagio capaz de corromper não só huma Provincia, mas ainda hum Reino, hum Imperio, o mundo todo? He maxima sua, que todos se podem fazer grandes, enchendo a sua esfera, sem exceder os limites, que lhes prescreveo a sua condição.

Patricios do nosso Excellentissimo Protector; vós, Grandes da terra, que encostados ao tronco antigo da vossa Arvore Genealogica, dormís á lisongeira sombra dos seus frondosos ramos, despertai, vinde ver hum homem, que sendo vosso igual, se tem feito vosso superior: Vinde-o ver entregue ás profundas meditações da Arithmetica, da Trignometria, e da Nautica, resolver Problemas, ajustar calculos, e figurar manobras: Vinde ouvir-lhe recontar hu-

mas

mas vezes as infalliveis obſervações das ſuas derrotas, outras vezes as piedoſas expedições das ſuas cravanas. Eſtes são, Senhores, os troncos; e os eſteios nobres a que ſe encoſta o Excellentiſſimo Senhor D. Franciſco Xavier Telles. A gloria dos trabalhos he a cama, em que elle deſcança; he a cama, onde os Heroes acabão; ſe vós quereis preferir a eſte modo de vos fazer eternos, a calma podre, em que conſumís inutilmente os voſſos annos, ficai embora para ſempre como eſtaveis, bocejando nos preguiçoſos leitos, nos eſtufados ganapés; nós, Senhores, nós ſó teremos o prazer de o vermos, de o ouvirmos, de o tratarmos; nós caminharemos ſobre os ſeus paſſos; nós obſervaremos os ſeus mais pequenos movimentos; nós deixaremos hum raſcunho, ainda que imperfeito, das ſuas acções, que offerecido á poſteridade, ſervirá como de principio para a famoſa hiſtoria da ſua vida. Com que admiração não ſerá lida dos vindouros! Sim, Senhores, quando lerem tantos illuſtres feitos, de que foi capaz o ſeu alto naſcimento, do ſeu esforço militar, e as ſuas virtudes Chriſtans, Moraes, e Politicas. Quando lerem, que eſtava o noſſo Excellentiſſimo Protector em hum dos Portos da America; e recebendo alli a noticia fatal da morte de ſeu grande Pai, a quem amou terniſſimamente; depois de adorar com huma conformidade incrivel eſte Decreto da Providencia, eſte golpe da Natureza, eſte tributo, que indiſpenſavelmente

te todos havemos de pagar á noſſa corrompida humanidade; fez convocar em hum Templo toda a Nobreza daquella Povoação, para ſer teſtemunha com elle das ultimas, e funebres ceremonias, com que o ſeu magoado, e reconhecido coração honrava a reſpeitoſa memoria de ſeu Illuſtre Pai. Quando lerem que o noſſo Excellentiſſimo Protector, hum Fidalgo ſem ſoberba, hum ſabio ſem inchação, hum valeroſo ſem temeridade, hum ſóbrio ſem meſquinhez, hum politico ſem induſtria, hum ſizudo ſem melancolia, e que até a ſua meſma figura reſpirava hum talho militar, que unido a hum eſpirito ſuave, que ſobreſahia nos ſeus géſtos agradaveis, era hum daquelles homens raros, que trazem a alma retratada no ſemblante: Quando lerem finalmente que o noſſo Excellentiſſimo Protector cumprio ſempre tão eſcrupuloſamente as ſuas promeſſas; que a ſua palavra era hum artigo de fé humana: Então, Senhores, então a poſteridade ſempre imparcial, porque já a liſonja, nem a inveja coſtumão ſubornar a juſtiça; então verá que com menor razão que o noſſo Excellentiſſimo Protector, conſeguio Archimedes que aquelle Rei de Cecilia mandaſſe por hum Decreto a todos os ſeus Vaſſallos, que acreditaſſem tudo o que lhe ouviſſem. Eſta graça nem antes, nem depois a peſſoa alguma conferida, logrou aquelle grande Architecto, por fazer facilmente ſahir do ſeu eſtaleiro huma Náo de tão maravilhoſa grande-

za,

za, que os mais habeis maquiniſtas do ſeu tempo não achárão em todas as Leis da ſua Eſtatica forças baſtantes para lançalla ao mar. O noſſo Eſclarecido Protector já não neceſſita de que o ſeu Principe lhe faça huma mercê tão extravagante. Todos nós, Senhores, eſtamos perſuadidos da infallibilidade das ſuas promeſſas; tanto ſabemos que elle ſacrificaria voluntariamente os ſeus maiores intereſſes ao ſanto amor da verdade, que eſta virtude tão difficil de encontrar-ſe nos homens, quanto he natural nelles meſmos, querer fingilla ſempre, parece que entre muitas, que des do berço baixárão do Ceo a reinar no coração do noſſo amavel Protector, he a verdade, Senhores, a que mais trabalha, a que mais aſpira a diſputar a gloria, e a preferencia de lhe formar o ſeu diſtinto caracter. Elle, que conhèce que eſta he a chave dourada, que ſó ſerve na porta da Sabedoria; que a verdade deve ſer o unico objecto das noſſas acções; que ellas, não ſendo informadas por eſte Eſpirito creador, e univerſal, não differem dos movimentos, que ſó são proprios das Eſtatuas automatas; que o eſtudo das letras leva o homem ao deſcubrimento de muitas verdades uteis, neceſſarias, e honeſtas ao meſmo homem; por iſſo, Senhores, elle ama, por iſſo elle honra, por iſſo elle ampara tanto eſta reſpeitoſa, e literaria Aſſemblea; por iſſo elle vai abrindo, e eſtendendo mais e mais ſobre nós as azas favoraveis da

ſua

ſua continuada protecção, para que a tão benigna ſombra buſquemos no ſeu principio a verdade, limpa de todo o erro. Eſta he a obrigação do noſſo officio, eſte he o dever de homem de letras. Eu, Senhores, atrevo-me a dizer, que nunca tomei nas minhas mãos hum aſſumpto nem tão honroſo, nem tão conforme ao meu inſtituto.

Que são, Senhores, ſenão verdades puras, ſolidas, e brilhantes os altos merecimentos de que eſtão cheios os annos do noſſo Excellentiſſimo Protector. He certo que eu as expuz aos voſſos olhos totalmente faltas, e deſpidas de todo o adorno, de todo o artificio; mas nua era tambem a Eſtatua, que os Lacedemonios erigírão ao ſeu Alexandre; porque não havia no mundo (dizião elles) roupas, que foſſem merecedoras de a cubrir. As verdades, Senhores, quanto mais nuas, mais parecem verdades; ſó ellas tem o privilegio de irem deſpidas á preſença dos mais ſeveros Magiſtrados, e dos mais reſpeitaveis Thronos, ſem que a modeſtia lhe ſeja preciſo nunca abaixar os olhos.

Não ſe lhe dè Voſſa Excellencia, Senhor D. Franciſco Xavier Telles, de inclinar os ſeus, e ver, com a ſua coſtumada benignidade, os humildes, mas verdadeiros louvores, que acaba de lhe conſagrar o meu fiel, e candido coração. Eu bem ſei, Excellentiſſimo Senhor, que os annos de Voſſa Excellencia he materia, que clama por hum Orador mais conſummado;

do; mas não sei se ella acharia hum Panegyrista nem mais innocente, nem que com tanta affouteza, como eu, pudesse vir diante de Vossa Excellencia para o louvar, sem a suspeita de que talvez fosse guiado pela mão artificiosa de huma servil, e de huma detestavel lisonja. Ainda a minha inextinguivel dependencia não pode introduzir no meu coração, nem derramar nos meus escritos a malignidade deste subtil veneno.

Sim, Excellentissimo Senhor, sabem todos, que eu nunca fui daquelles genios, que á maneira de serpentes, arrastando o peito pela terra, se vão enroscando aos pés dos Poderosos para obterem delles ou manifestas injustiças, que não devem pedir, ou grandes fortunas, que não devem esperar.

Este testemunho público assás que justifica o meu animo; aquelle animo, com que eu, e creio que todos nós, Senhores, penetrando as Estrellas com as nossas ardentes súpplicas, as fariamos chegar, se pudessemos, até ao Throno do todo Poderoso; e com as mãos erguidas lhe pediriamos para a preciosa vida de Vossa Excellencia huma excepção, se isto fosse possivel, daquella Lei indelevel, que ha de precipitar sem distinção todos os homens no abysmo de hum sepulchro universal, e de que a vida de Vossa Excellencia era tão merecedora de ficar isenta.

Daquella Lei, que nem se modifica, nem admitte outra interpretação da que sabemos

que

que a virtude não morre, que o justo não acaba.

Mas Vossa Excellencia contenta-se, Senhor, de que assim o desejavamos, e de que sejão os nossos corações a pedra branca, em que gravemos, ainda melhor que nos escritos, a memoria faustissima de tão assignalado dia, em quanto Vossa Excellencia nas suas altas virtudes vai preparando para os seus annos o balsamo mais preservativo da corrupção dos seculos.

MOTE

Amar, e ſaber amar
São dous pontos delicados:
Os que amão, são ſem conto;
Os que ſabem, são contados.

GLOZA.

SEi que não ha coração
Tão duro, que amor não ſinta;
Que qualquer eſcreve, e pinta
Como ſabe, eſta paixão:
Mas amar com diſcrição,
Saber a tempo fallar,
Emmudecer, ſuſpirar,
Tão facil como ſe penſa
Não he: tem muita diffrença
Amar, e ſaber amar.

Inclinação para amar
Todos tem, homens, e feras;
Mas ſaber amar devéras,
He difficil de encontrar:
Nem todos ſabem penſar
Subtilmente em ſeus cuidados:
Os que bem exprimentados
Nas leis d'Amor eſtão promptos;
Só ſabem que eſtes dous pontos
São dous pontos delicados.

No

No vaſto Imperio d' Amor
Ha diffrentes jerarquias;
Huns amão por ſimpathias,
Outros, ſeja como for:
Huns vão á ſuperior
Eſfera, a que eu me remonto:
Por iſſo, até certo ponto,
Todos amor podem ter;
Pois ainda, ſem ſaber,
Os que amão, são ſem conto.

Nem todos podem chegar
A ter amor ſem defeito;
Porque iſto d' amor perfeito
He para os meſtres d' amar:
He preciſo diffrençar
Eſtes pontos delicados;
Porque ha entre os namorados
Ignorantes, e peritos;
Os que amão, são infinitos;
Os que ſabem, são contados.

MOTE

Bem conheço nos teus olhos
Que me querias fallar;
Mas não queiras meus amores,
Que te hei de maltratar.

GLOZA.

SE queres ver a paixão,
Que eſcondo dentro em meu peito,
Cheios d'amor, e reſpeito,
Os meus olhos to dirão:
Elles d'alma a lingua são:
Fallão, ſem nenhuns refolhos;
Mas que hei de colher abrolhos
Por fruto do querer bem,
Bem o vi no teu deſdem,
Bem conheço nòs teus olhos.

Com elles, quando me attendes,
Fallas; mas com tal ſegredo,
Que parece que tens medo,
E que logo te arrependes:
Os meus, tu bem os entendes:
Os teus, fazem-me encantar;
Eu te ſoubera explicar,
Meu amor, por outro modo,
Se conheceſſe de todo
Que me querias fallar.

Se

Se eſte bem me permittíras;
Se comigo amante foſſes,
Eu te juro, que os mais doces
Segredos de amor, ouvíras:
Não daquellas vans mentiras,
Que dictão mil falladores;
Sim verdades ſupriores,
Em que ſó eu ſou diſtincto:
Ora eſcuta, ouve o que ſinto;
Mas não queiras meus amores.

Não queiras, que coſtumada
Não eſtás a meus gemidos,
E ſerão aos teus ouvidos
Muſica deſconcertada:
Huma alma mortificada,
Que ſó ſabe ſuſpirar,
Que prazer te póde dar?
Falla tu, que eu emmudeço,
Pois com meus ais reconheço,
Que te hei de maltratar.

MOTE

Zelos, esperança, amor
Fazem guerra no meu peito:
Algum dia pagarão
A guerra, que me tem feito.

GLOZA.

EU tive zelos hum dia
De Clori, e della esperava
Que pela fé com que a amava,
Satisfações me daria.
A ingrata zombava, e ria
De meu contínuo temor;
Té que armado de valor,
Consegui por huma vez
Metter debaixo dos pés
Zelos, esperança, amor.

Tanto em meu valor me fio,
Vencendo inimigos taes,
Que em mil batalhas campaes,
Cara a cara os desafio.
Tambem zombo, tambem rio,
Como a ingrata tinha feito:
Já seu valor não respeito:
Ouço-a sem perturbação:
Vejo-a, e seus olhos já não
Fazem guerra no meu peito.

Já ſe ſuſtentou de vellos
Mil vezes o meu deſejo;
Mas hoje, por mais que os vejo,
Já me não parecem bellos:
Novos ſuſtos, novos zelos
A outros olhos farão;
Mas eſſes me vingaráõ,
Já que eſtes meus não puderão;
E os damnos que lhe fizerão,
Algum dia pagaráõ.

Em fim, zelos, eſperança,
Amor, tudo deſſa ingrata
Nem me aſſuſta, nem maltrata:
Feliz bemaventurança!
Vem ſuccedendo a bonança
A' tormenta do meu peito:
Já lhe não vivo ſujeito;
Nenhuma guerra me faz;
Que Amor converteo em paz
A guerra que me tem feito.

MOTE

A cauſa, por que eu ſuſpiro,
Não a poſſo declarar:
Os ſegredos do meu peito
São motivos de eu penar.

GLOZA.

SEu theſouro, Amor, abrio,
E huma Ninfa appareceo,
Que eſta alma iſenta rendeo,
E a todo o Mundo que a vio.
Porém Amor, mal que ouvio
O meu primeiro ſuſpiro,
No ſacro, e eſcuro retiro
De hum Nume me fez entrar,
Onde eu juraſſe occultar
A cauſa, por que eu ſuſpiro.

Era o ſilencio, eſte Nume,
De triſte, e pezado roſto,
Como quem cala hum deſgoſto,
Que as entranhas lhe conſume.
Hum ſó ai, hum ſó queixume
Já mais ſe lhe ouvio formar:
Luz eſcaſſa, eſcuro Altar:
Qual ſeja a triſteza, o medo,
Que inculca o Deos do ſegredo,
Não a poſſo declarar.

Fui

Fui ao Nume apreſentado;
E elle a jurar me aſſenava,
Que os beiços lhe afferrolhava
Diamantino cadeado.
Foi-me o juramento dado
Nas máos do auſtero Reſpeito;
Sacerdote ao Nume acceito,
Sem que o voto eu proferiſſe,
Só porque ninguem me ouviſſe
Os ſegredos do meu peito.

Deſde então ſe foi nutrindo
Calada chamma nas veias:
Crem-me livre entre cadeias,
Chóro, e pareço eſtar rindo:
Ver da Ninfa o géſto lindo
He o premio do meu amar;
Mas não lhe poder narrar
A paixão, que o peito cala,
Nem poder deixar de amalla,
São motivos de eu penar.

MOTE

Entrei no Templo d' Amor;
E depois de o adorar,
Alli fiz voto de amar
Sempre firme ao meu Paſtor.

GLOZA.

QUe era meu ſó, proteſtava
O meu Paſtor, certo dia:
Jurou-me, por quanto havia,
Que pura fé me guardava.
Quando menos o eſperava,
(Dos Ceos, ſem nenhum temor)
Foi perjuro, foi traidor:
E então, deſta vil mudança,
A pedir a Amor vingança,
Entrei no Templo d' Amor.

Pois ſei (aſſim fallo ao Nume)
Quanto odeas a traição,
E aquelle, que jura em vão
Por teu ſacroſanto Lume:
Com elle abraza, e conſume
Hum Paſtor, que atraiçoar
Soube as finas leis d' amar,
Enganando huma mulher,
Antes de a correſponder,
E depois de o adorar.

Eis-

Eis-que o Miniſtro d' Amor,
Que me ouvíra a imprecação,
Abrindo hum livro, onde eſtão
As culpas, do que he traidor,
O nome do meu Paſtor
Examinou, ſem o achar:
Dei graças, ante o Altar,
Deſenganada, e contente,
E ao meu Paſtor novamente
Alli fiz voto d' amar.

Alli, depois que votei
Fé, com palavras formaes,
E as véſtes ſacerdotaes
Do grão Miniſtro beijei,
Já fóra do Templo, dei
Hum ai, que o ouvio Amor:
Então reſpirei melhor,
Pelo goſto de trazer
Novas razões, para ſer
Sempre firme ao meu Paſtor.

MOTE

Já fiz voto de querer-te,
Mil empenhos de adorar-te;
Fortuna foi conhecer-te,
Desgraça será deixar-te.

GLOZA.

NO peito hum Altar ergui,
Por dar-te culto melhor:
Foi o Sacerdote, Amor,
Por mão de quem to offreci.
Por mim, por elle, e por ti
Jurei de nunca offender-te;
E para a alma offrecer-te
Entre premissas mais claras,
Pondo as máos nas santas Aras,
Já fiz voto de querer-te.

Sempre em querer-te empenhado,
A terra, e o Ceo me verão;
Ambos fiadores serão
Deste amor, deste cuidado.
Meu cruel, e antigo fado,
Por mais que de ti me aparte,
Não tem poder, não tem parte
Neste empenho tão distincto,
Onde, a cada instante, sinto
Mil empenhos de adorar-te.

Co-

Conheci que tu ſó eras
Digno de empenho tão puro;
E pelos teus olhos juro,
Que nunca o fiz tão devéras.
Ah! Meu bem, ſe tu ſouberas
O mais que eu não ſei dizer-te,
Virias a convencer-te
De que, para o meu amor,
No mundo a ſua maior
Fortuna, foi conhecer-te.

Muitos terão por loucura
A minha juſta paixão:
Cegueira lhe chamarão;
Mas eu chamo-lhe ventura.
De triſteza, e de ternura,
Suſpirar por toda a parte,
Continuamente adorar-te,
Sem poder cahir-te em graça;
Se ha quem cuide que he deſgraça,
Deſgraça ſerá deixar-te.

MOTE

Eu tive hum bem, cujo bem
He hoje todo o meu mal;
Porém como lhe quiz bem,
Não lhe posso querer mal.

GLOZA.

EU tive hum bem, que acabou,
Porque era bem, e era meu:
A Fortuna o converteo
Neste mal, que me ficou;
Mas se acaso a dizer vou
(Porque mo pergunta alguem)
Quem mo levou? Quem mo tem?
Cheio de dor de o não ver,
Posso apenas responder:
Eu tive hum bem, cujo bem

Este, e aquelle me importuna;
(Porque a resposta profiga)
Mas quer Amor que o não diga,
Por não culpar a Fortuna.
Por mais que a razão repugna,
Contra Amor, nada lhe val:
Foi-me tambem desleal:
No melhor, voltou-me o rosto:
Foi hontem todo o meu gosto,
He hoje todo o meu mal;

Meu mal, e meu bem diviſo;
Mas o meſmo bem foi tal,
Que inda convertido em mal,
Querer-lhe bem me he preciſo.
A's vezes fico indeciſo,
Se tanto amor me convem?
Eu náo ſei quem me detem,
Que a eſte mal, mal náo quero?
Inda o amo, inda o venero;
Porém como lhe quiz bem,

Já me empenhei para ver
Se de meu mal, o rigor,
Poderia hum bem d' Amor
Todo em odio converter.
Mas vê, que náo póde ſer
Em contenda tão fatal,
Que em mim haja força igual
A' força que eſte amor tem;
Que a hum mal, que já foi bem,
Náo lhe poſſo querer mal.

MOTE

Meu mantimento são penas,
Com meus ſuſpiros converſo;
Em mim perſiſtem triſtezas,
Já de alegrias me eſqueço.

GLOZA.

VEr-me acabar da agonia
Tu não eſperes, traidora;
Porque eu não poſſo já agora,
Senão morrer d'alegria.
Póde a tua tyrannia
Conſervar-me vivo, apenas;
Mas matar-me, como ordenas,
Iſſo não, que em penar tanto,
Não poſſo morrer; por quanto
Meu mantimento são penas.

Soffro o ſeu effeito ingrato,
Tão ambicioſo dellas,
Que quando chego a dizellas,
Só a mim he que as relato:
Dellas vivo, e dellas trato
Por influxo do meu berço;
E em ſeu deſtino perverſo
(Porque nem o ſaiba a gente)
Sózinho, continuamente,
Com meus ſuſpiros converſo.

A

A materia, que entretem
A noſſa converſação,
Alegres imagens sáo,
Que ſempre á idéa me vem.
Mas tão pouco valor tem
Comigo eſtas vans emprezas,
Que em obſequio das finezas
Tróco os prazeres em mágoas;
E como em ſeu centro as agoas,
Em mim perſiſtem triſtezas.

Soffrellas com roſto enxuto
Já poſſo, por natureza;
E o meſmo que era fineza,
Vai paſſando a ſer tributo.
Comigo ás vezes diſputo
Se acaſo algum dó mereço
Do mal que por ti padeço,
Pois, ſem que o genio violente,
Por triſte, naturalmente,
Já de alegrias me eſqueço.

MOTE

Que mal te fiz, ó ingrata,
Para ser de ti deixado?
Se o bem querer he delicto,
Só nisto serei culpado.

GLOZA.

QUem differa, doce encanto,
Que logrando os teus favores,
A impulsos dos teus rigores
Formassem meus olhos pranto.
Hei de padecer, em quanto
Te não vir outra vez grata;
E se teu rigor só trata
Augmentar os meus pezares,
Para assim me atormentares,
Que mal te fiz, ó ingrata?

Se eu fora menos amante,
Talvez lográra ditoso
Nos braços de venturoso
Glorias d'amor, cada instante.
Mas ai! Que da penetrante
Setta desse Deos vendado
Tenho meu peito abrazado;
Sinto o coração ferido,
Pois te não tenho offendido,
Para ser de ti deixado.

Di-

Dize-me pois, deshumana,
Se deixar-me pertendias,
Para que correſpondias
A minha fé ſoberana?
Mas ainda que tyrana
Maltrates meu peito afflicto,
Como fino me acredito;
Hei de ſempre idolatrar-te,
E podes de mim queixar-te,
Se o bem querer he delicto.

Por mais que deſſe teu peito
Me atormenta huma eſquivança,
Sem que em mim haja mudança,
Será meu amor perfeito.
Bem ſei que vivo ſujeito
A's leis do teu deſagrado;
Mas por deſtino do Fado
Não poſſo o contrario obrar:
Por falſo, não; por amar,
Só niſto ſerei culpado.

MOTE

Roubárão-me os teus agrados,
Melhor fora não te ver;
Mas eu não poſſo, meu bem,
Deixar já de te querer.

GLOZA.

VI-te, meu bem; e baſtou
Inda mal ver-te, ſómente,
Para ficar de repente
Tão perdido, como eſtou.
Amor contra mim ſe armou
Nos teus olhos requebrados;
E com dous mil delicados
Accidentes tão modeſtos,
Cativárão-me os teus géſtos,
Roubárão-me os teus agrados.

Se de ver-te, conſequencia
Lograr teus agrados fora,
Sentira então muito embora
D' Amor a doce violencia.
Mas ſentir a tua auſencia,
Sem de ti novas ſaber;
Finalmente, não poder
Dar a meus alentos fim,
Confeſſo, meu bem, que aſſim,
Melhor fora não te ver.

Qui-

Quizera viver comtigo,
Chegar, dar-te muito beijo,
Ver os affectos do pejo,
Que eſtes lances traz comſigo.
Fazer-te, o mais que não digo,
Sem que nos viſſe ninguem;
Oh quem tal lográra! Oh quem
Subíra a tão alta eſfera!
Oh quem vencello pudera!
Mas eu não poſſo, meu bem.

Tão magicamente urdida
Foi d'Amor eſta prizão,
Que morrêra o coração,
Se pudera achar ſahida.
Eu meſmo beijo a ferida,
Que por ti me faz morrer;
E quem ſabe adoecer
D'hum amor tão incuravel,
Como ſerá ponderavel
Deixar já de te querer?

MOTE

Depois que os teus olhos vi,
Sinto, mas não sei o que:
Quero dizer, mas não posso;
Morro sim, mas para que?

GLOZA.

Fechai-vos, olhos mortaes,
Se já vistes a Marfiza,
Que quem seus olhos divisa,
Não lhe fica que ver mais.
Para ver reflexos taes,
Meus mortaes olhos abri;
Mas apenas reflecti
Em tanto resplandecer,
Já não tenho mais que ver,
Depois que os teus olhos vi.

Quem sente o mal, ignorando
A causa, que está sentindo,
Será porque está dormindo,
Ou porque vive sonhando.
Pouco se padece, quando
Se dorme, ou sonha, porque
Sem liberdade se vê;
Mas quem sente o mal dobrado,
Sou eu, que estando acordado,
Sinto, mas não sei o que.

A

A não ser voſſo reſpeito,
Meus deſignios explicára,
E de vós, meu bem, fiára
Os ſegredos de meu peito.
Diſcorri, formei conceito
Deſte meu grande alvoroço:
Vereis que tudo o que he voſſo,
Digo puro, ſem que minta,
Só huma couſa diſtincta
Quero dizer, mas não poſſo.

Sempre he, Marfiza, loucura
Entregar-me á morte fera;
Só ſe em teus braços morrêra,
Seria a morte ventura.
Mas ſe a tua formoſura
Não logro, como ſe vê,
Tomára ſaber, porque,
Porque eſtatuto, ou preceito,
Marfiza, por teu reſpeito
Morro ſim, mas para que?

MOTE

Campos bemaventurados,
Tornai-vos agora triſtes,
Que os dias, em que me viſtes
Alegre, já são paſſados.

GLOZA.

VIçoſo, e florído monte,
Longas, e verdes campinas,
Que cubertas de boninas
Alegrais eſte Horizonte:
Juſto he que agora vos conte
Meus tormentos dilatados,
Já que dos goſtos paſſados,
Que Amor conceder-me quiz,
Foſtes theatro feliz,
Campos bemaventurados.

No meio deſta eſpeſſura,
Quando eu ditoſo vivi,
Bem ſabeis que mereci
Todo o amor, toda a ternura.
Mas ſe da minha ventura
Então inveja ſentiſtes,
Já que alegres me affliſtiſtes,
Quando eu vivia contente,
Agora, que chóro auſente,
Tornai-vos agora triſtes.

En-

Entre eſtas mimoſas flores,
Em quanto a ventura o quiz,
Cantei mil vezes feliz
A dita de meus amores.
De tanta gloria, os louvores,
Vós meſmos me repetiſtes;
Em fim, julgai do que ouviſtes,
Nos enleios amoroſos,
Se houve dias mais goſtoſos,
Que os dias, em que me viſtes?

Mas todo o contentamento,
E toda a felicidade
Se tornou em ſaudade,
Em dor, em mágoa, em tormento;
Pois quando de vós me auſento,
Oh campos tão deſejados!
Só afflicções, ſó cuidados
Levo em minha companhia,
Que os tempos, em que eu vivia
Alegre, já são paſſados.

MOTE

Ao pé de huma clara fonte
Adormeci ſuſpirando.

GLOZA.

DA minha Paſtora, auſente,
Me vi tão ſaudoſo hum dia,
Que enfadado aborrecia
O proprio trato da gente.
Da Aldêa vou deſcontente
Buſcalla ao vizinho monte;
E ſem achar quem me conte
Noticias de Marcia bella,
Chorando, fui dar com ella
Ao pé de huma clara fonte.

Diſſe-lhe, que o meu cuidado
Tão fino ſe deſvelava,
Que, ſó por vella, deixava
A Aldêa, a cabana, o gado.
Ouvio-me a queixa; e mudado
O duro genio, mais brando
Lho fui ſentindo: Mas quando
Neſtes amantes eſpaços
Me reclinou nos ſeus braços,
Adormeci, ſuſpirando.

MO-

MOTE

Não quero nada comtigo,
Nem quero nada d' Amor.

GLOZA.

Filena, eu não me desdigo;
Já agora sei quem tu es;
Enganaste-me huma vez,
Não quero nada comtigo.
Já do meu erro em castigo
Renuncio o teu favor:
Olha, eu me explico melhor:
Desfez-se a nossa prizão:
Eu já não te adoro, não,
Nem quero nada d' Amor.

MOTE

Se de mim tens compaixão,
Profunda mais a ferida.

GLOZA.

Cruel, farta os teus rigores
Em mim, nega-me os affagos;
Mas se fizeste os estragos,
Ao menos ouve os clamores:
Torna a soltar os furores,

Le-

Levanta de novo a mão
Contra hum triſte coração:
Darás, tirando-me a vida,
Sinaes de compadecida,
Se de mim tens compaixão.

Eu renuncio o ſoccorro,
Que inda talvez poſſas dar-me,
Pois dás-me a vida em matar-me,
Que eu morro, porque não morro.
Não preſumas que diſcorro
Em buſcar remedio á vida:
Quero ſó que enfurecida
Me tires de todo o alento:
Carrega neſſe inſtrumento,
Profunda mais a ferida.

MOTE

O meu coração ferido
Eſtá com ſetta envenenada.

GLOZA.

O Mal, que trago eſcondido,
Remedio já não conſente;
Não, porque eſtá mortalmente
O meu coração ferido.
O ferro, que introduzido
N'alma a tem já traſpaſſada,
He de huma materia hervada,

Por

Por mão, que a tudo fujeita:
Morro, que a ferida feita
Eſtá com ſetta envenenada.

Outra.

SE alguem, de compadecido,
Pertende meu mal curar,
Não faça tal, deixe andar
O meu coração ferido.
Não ſe chegue inadvertido
A tocar-me a deſgraçada
Chaga, ainda enſanguentada:
Tema, em fim, de pôr-lhe a mão,
Que ferido o coração
Eſtá com ſetta envenenada.

MOTE

Viva a dona do Caſal,
A maioral das Paſtoras.

GLOZA.

PAſtores deſte arraial,
Se gratos me quereis ſer,
Vinde ajudar-me a dizer:
Viva a dona do Caſal.
A ſementeira, o curral
Deixai por algumas horas;
E tu, que as mais condecóras,

Se-

Serás sempre, entre as choupanas,
A tutelar das Serranas,
A maioral das Pastoras.

Outra.

VIva huma vida immortal,
Da Arabia, essa Fenix bella;
Mas inda mais annos que ella,
Viva a dona do Casal.
Venha o Serrano, o Zagal,
E inda as Ninfas mais senhoras,
Applaudir por muitas horas
A dona deste montado,
Pois he quem domina o gado,
A maioral das Pastoras.

MOTE

As bandeiras de Cupido
Já por mim forão vencidas.

GLOZA.

SEndo d'Amor combatido,
Vi, entre settas hervadas,
Contra mim desenroladas
As bandeiras de Cupido.
Receei não ter partido
Contra as settas despedidas;
Mas a pezar das feridas,

Que

Que inda gotejando eſtão,
C' os ſoccorros da razão,
Já por mim forão vencidas.

MOTE

Que parenteſco chegado
Tem o Amor c' o ciume?

GLOZA.

O Ciume, deſcendente
Dizem que he d' Amor; porém
Não ſei o grão, em que vem
A ſer, hum do outro, parente.
Se alguma de vós o ſente,
Diga delle o que preſume;
Pois quem ama por coſtume,
Sabe, como exprimentado,
Que parenteſco chegado
Tem o Amor c' o ciume.

MOTE

Paſſo em triſte ſolidão,
Auſente de ti, meu bem.

GLOZA.

SE neſta ſeparação,
O que por ti ſinto, ignoras,

Vem

Vem ver, meu bem, como as horas
Paſſo em triſte ſolidão.
Em deſerto, a povoação,
Meu mal convertido tem:
Não me diverte ninguem;
E crê, que não poſſo ter
Allivio, em quanto eſtiver
Auſente de ti, meu bem.

MOTE

Não acceito os ſacrificios.

GLOZA.

Filena, a fé que abonaſtes,
Rota em breves tempos vi:
Vê como hei de crer em ti,
Faltando á fé que juraſtes?
Já agora o tempo não gaſtes
Em dar-me de amor indicios,
Faço delles deſperdicios;
E outra vez de amor tyrano,
Nas azas do teu engano
Não acceito os ſacrificios.

MOTE

Em tanto bem, tanta pena.

GLOZA.

METteo a Fortuna a mão
Da Eſtigie na agoa eſcuta,
E por ella aos Deoſes jurá
De fazer-me oppoſição:
A melhor occaſião
Me converte em triſte ſcena;
Por pouco tempo me ordena
Que goze o bem de aqui eſtar,
Sómente para me dar
Em tanto bem, tanta pena.

MOTE

Teus olhos são meus ſenhores.

GLOZA.

ANtes de teus olhos ver,
Livres os meus olhos erão;
Outros olhos não puderão
Cativar-mos, nem prender:
Reſervado eſte poder
Aos teus, ó lindos amores,
Foi dos Deoſes ſupriores;

E ainda os faz mais seletos,
Ver, que sendo huns olhos pretos,
Teus olhos são meus senhores.

MOTE

Eu, sem ti, não quero nada.

GLOZA.

Metter a mão me consente
Nos seus cofres a Ventura,
Para que escolha segura
O modo de ser contente:
Metto a mão; mas de repente
Poz-me a clausula pezada
De te deixar: Que enganada
Hoje a Ventura se vê!
Feche os seus cofres, porque
Eu sem ti, não quero nada.

Outra.

Se algum dia te perder,
O que não permitta Amor,
Não hei de nenhum favor
Da Fortuna pertender:
Antes se ella me offrecer
Tudo o que aos mortaes agrada,
Direi, de dor traspassada,
Que do systema não mudo;

Pois

Pois como em ti perco tudo,
Eu, sem ti, não quero nada.

MOTE

Não sei descifrar Amor.

GLOZA.

QUem quer Amor descifrar,
Engana-o a fantasia:
Descifrar Amor, seria
O nó Górdio desatar:
Mais se ha de nelle enredar,
Se mais o quizer expôr:
Que ninguem tenha valor
De o descifrar, não me espanto;
Se eu, com saber amar tanto,
Não sei descifrar Amor.

Outra.

AMor he fraco, e he forte;
Neve huma vez, outra fogo:
No principio he brinco, he jogo,
No fim dor, e ás vezes morte:
He das almas hum transporte,
He mansidão, e he furor,
Ora amigo, ora traidor,
He todo contradicção,
Se isto Amor não he, então
Não sei descifrar Amor.

Outra.

NAõ poſſo em tão curto eſpaço
Fallar d'Amor, como devo;
Porque no pouco que eſcrevo,
Não cabe o muito que paſſo:
Cortar deſte Enigma o laço
Quer tempo, e força maior:
Só digo, que eſte traidor
Não he razão, he vontade;
E que com mais brevidade
Não ſei deſcifrar Amor.

MOTE

Ninguem tenha dó de mim.

GLOZA.

DO meu Fado, a máo atroz
De ferir-me, já ceſſou;
Que aſſim que te vio, ficou
Pendente da tua voz:
Por tal bem que o Ceo diſpoz
Se dem mil graças ſem fim
Ao amigo com quem vim:
Fez-me outro eſſa voz ſonóra:
Sim fui triſte; mas já agora
Ninguem tenha dó de mim.

MO-

MOTE

Entre os Paſtores, Felinto.

GLOZA.

O Meu Felinto adorado
Fugio, não ſei para onde;
Se o chamo, não me reſponde;
Se o buſco, tudo he baldado:
Humas vezes deſço ao prado,
Outras o outeiro ſubindo,
Niſto as horas conſumindo,
Encherei de anſias o ar,
Em quanto, ó Ceos! não achar
Entre os Paſtores, Felinto.

MOTE

Sal-vou-ſe o Amor nadando.

GLOZA.

NO rigor de Marcia bella
Triſte a vida naufragou;
Roto o baixel ſe alagou,
Fez-ſe em pedaços a véla:
Não tive huma ſó Eſtrella
Por quem me foſſe guiando:
Perdeo-ſe tudo; e chorando

No

No mar do pranto que fiz,
E para ſer mais infeliz,
Sal-vou-ſe o Amor nadando.

Outra.

SAudoſo o Deos Cupido,
De ſua Mái Venus bella,
Embarcou, e foi-ſe à véla
Lá para o Porto de Egnido:
Eis-que lhe vem ao ſentido,
Senhora, o teu géſto brando;
E o leme deſamparando,
Tranſportado naufragou;
Mas como por ti chamou,
Sal-vou-ſe o Amor nadando.

MOTE

Eſtou aqui deſeſperada.

GLOZA.

DIALOGO.

Vizinha.

COmadre, chamou? Que tem?

Comadre.

Que hei de ter, minha Theodora?
Foi Manoel para fóra,
Sem me deixar hum vintem.

Vizinha.

Dem-me cá mulher de bem,
Que eu a darei desgraçada!

Comadre.

Já por mim, não digo nada;
Mas os pequenos sem pão,
Corta-me isto o coração,
Estou aqui desesperada.

MOTE

Morrendo estou de saudades.

GLOZA.

NA triste ausencia, em que estou,
Nenhum remedio me val;
Nem tem allivio este mal,
Senão em quem o causou:
Se por divertir-me vou
Fugindo das sociedades,
Nessas mesmas soledades,
Onde Amor faz mil mudanças,
Firme nas minhas lembranças,
Morrendo estou de saudades.

Outra.

ANdo de noite, e de dia
C' os olhos cheios de pranto,

En-

Envolto no eſcuro manto,
Da minha melancolia:
Só me fazem companhia
Penas, e enfermidades:
Calo outras muitas verdades,
Sinto outro mal mais agudo,
Eu digo de huma vez tudo:
Morrendo eſtou de ſaudades.

Outra.

JÁ não ſei quando ha de vir
Aquelle inſtante dourado
De me ver c'o meu amado,
De lhe fallar, de o ouvir:
De brincar com elle, e rir
Nos dias das ſociedades:
Então, cheia de vaidades,
Morrerei d'alto prazer,
Como agora, ſem o ver,
Morrendo eſtou de ſaudades.

Outra.

TOmára ſaber, em fim,
Se ſe lembra alguma vez
Das promeſſas, que me fez,
Quando ſe apartou de mim:
Tomára ſabello, fim,
Ou ſe em outras ſociedades,
Amante das novidades,

Vi-

Vive acaſo de alegrias,
Como eu triſte, ha tantos dias,
Morrendo eſtou de ſaudades?

MOTE

Morro de huma ſaudade.

GLOZA.

Tenho paſſado mil dias,
Sem ver mais do que eſpantalhos:
Tenho tido mil trabalhos
Por amor de minhas Tias:
Já paſſei manhans mui frias,
Já comi da Caridade,
Já dei, por caſualidade,
Huma quéda no Soccorro;
Mas de nada diſto morro,
Morro de huma ſaudade.

A huma Lavadeira.

DECIMAS.

EU sei que tem Josefina,
Rustica de condição,
Hum seixo por coração,
Que a nenhum rogo se inclina.
Eu sei que hum bruto a domina,
Que em pobre alvergue descança,
E que a desgrenhada trança
Rara vez ata, e penteia,
E que nutre a sua idéa
D'huma servil esperança.

Sei que em grosseiro trabalho,
Sobre inclinados penedos,
Gréta os tortuosos dedos,
Mais broncos do que hum carvalho.
Sei que o vento, o Sol, o orvalho
Lhe tem crestado o carão:
Tudo sei; mas a paixão
D'Amor a pinta tão bella,
Que morro d'amor por ella,
Sem saber dar a razão.

Se eu a amaſſe de maneira,
Que me cegaſſe o amor,
Teria do meu error
A deſculpa na cegueira.
Eu bem vejo que he groſſeira
No géſto, e n' alma tambem;
Que outros mil defeitos tem:
Mas ou ſeja boa, ou má,
Amor he Rei, e não dá
Satisfações a ninguem.

Ah Joſefina, que mal
Reparte os bens a ventura!
Huns ſempre a fazer figura,
Eu ſempre ſem ter real:
Mas em vez do cabedal,
Que o mundo avarento adora,
Toma as lagrimas, que chóra
Eſta alma, porque he, em fim,
Mais, ſer ſenhora de mim,
Que ſer do mundo ſenhora.

Quando cheirando á barrella
Sahes d' agua feita huma ſopa,
Erguendo o cargo da ropa,
C' o pé na rota chinella:
Tirce, Marcia, Jonia, Isbella
Não tem tanta formoſura,
Como tu neſſa figura:
Olha o que póde a paixão!
Loucura lhe chamarão,
Mas eu chamo-lhe ventura.

Que importa huma loura trança?
Hum corpo isbelto, e bem feito,
Fazer por ſecia hum tergeito,
Entrar n'uma contradança?
Veſtir á moda de França,
Levar huma Senhoria
Por engano, ou ironia?
Se falta certa virtude,
Que inda neſſe géſto rude
Fez em mim tal ſympathia.

Joſefina mais humana,
A ouvir meus ais te coſtuma:
Vê que eu poſſo fazer-te huma
Ninfa da Samaritana:
Mas ſe ingrata, ſe tyrana,
Como mulher me offenderes,
De ti, nem por iſſo eſperes
Que me vingue como poſſo,
Porque eu já não tomo em groſſo
O que me fazem mulheres.

Embora murmure a gente
Da baixa eſcolha que fiz,
Que ella não ſabe o que diz,
E eſta alma ſabe o que ſente:
Eu ſei quem mais torpemente
A huma vil paixão ſe entrega:
Amor he fogo, e não péga
Só no que he materia nobre,
Que em tronco, ás vezes, bem pobre
Mais o ſeu ardor emprega.

Quem reprova o mal que ſigo
Penſa com pouca cautella:
Se he homem, que tem com ella?
Se he mulher, que tem comigo?
Se errei, que maior caſtigo,
Que por huns defeitos taes
Dar mil ſuſpiros, mil ais?
Não ha maior ſem razão,
Quererem que hum coração
Ame á vontade dos mais!

Joſefina, eſtá ſegura
De que no meu coração
Ha' de arder ſempre a paixão,
Que em meus verſos ſe figura:
Pelos teus olhos o jura,
Amor, vive deſcançada,
Que has de ſer ſempre louvada,
Por gloria do meu querer,
Em quanto no mundo houver
Quem viſta roupa lavada.

Ditoſa arêa da fria
Praia, que piza o meu bem,
Todas as praias te dem
Louvor de noite, e de dia:
Do ſolto vento a porfia,
Nunca te revolva o mar:
Inda quando ſe empolar,
Não te enviſta, antes pareça
Corre, por vir mais depreſſa
O teu diſtricto beijar.

Sitio, coſtumado a ver
O milagroſo ſemblante,
Que fez ſuſpirar amante
Hum coração, ſem querer:
Conta-lhe, ſe aqui vier,
Que ſaudoſos ais por vella
Lhe ouviſte dar: E ſe a bella
Salvage inda duvidar,
Aqui lhe deixo ficar
O meu pranto, veja-o ella.

Vem,

Vem, meu bem, não me dilates
De ver-te a nova ventura:
Olha que isso he ser mais dura,
Que a dura pedra em que bates:
De saudades não mates,
Quem morre d'amor: Ufana
Vem ver, que a ausencia tyrana
Tal pranto me fez chorar,
Que nelle podes lavar
A roupa d'huma semana.

Vem, assim mesmo molhada,
Deitando essas gottas bellas,
Tão parecidas áquellas
Lagrimas da madrugada:
Quando ella vem, e orvalhada,
Deixa esta praia, não vem
Com tanta graça, nem tem
Tanto poder de alegrar-me,
Como tu, só com mostrar-me
O teu semblante, meu bem.

DECIMAS.

NAõ sou eu, nem ser podia,
Quem destina a minha ausencia;
Que huma tão cruel violencia,
Por gosto, não buscaria.
He do Fado a tyrania,
Quem move a separação:
He huma satisfação,
Que elle mesmo tem disposto,
Porque ande huma vez o gosto
Sacrificado á razão.

Sabe, Amor, o quanto eu vou
Entregue á minha saudade:
Sabe, que desta verdade,
Ais por testemunhas dou.
Sabe a dor que me causou
Dizer-te *a Deos* finalmente:
Sabe, que ha de ver a gente
Hum continuo, e amargo pranto
Banhar meus olhos, em quanto
Estiver de ti ausente.

Não presumas que em mim faça
O que costuma a distancia;
Porque na minha constancia
Não tem poder a desgraça:
E o tempo, que despedaça
O mais rigido diamante,
Não ha de em meu peito amante
Mais leve abalo causar:
Hei de constante tornar,
Assim te eu ache constante.

A huma Senhora, que escreveo ao Author em verso.

DECIMAS.

COm tão vivas cores pintas,
Déstra Marcia, que ninguem,
Como tu, sabe tão bem
Preparar as suas tintas.
Ou falles verdade, ou mintas,
Todos sabes persuadir.
Finalmente, quem te ouvir,
Cuidará que tens razão:
Que isto póde hum coração
Acostumado a mentir.

Não

Não cuides que o ser vilão
Me obriga a fazer assim:
Sou vilão, mas não ruim;
Falso, mas ingrato, não:
Sobre a lingua, o coração,
Quando te fallo, ou te escrevo,
Limpo de malicia levo:
Ao teu favor corresponde;
E sabe mui bem té onde
Chega a mercê que te devo.

Dizes, que os meus males sentes?
Olha, Marcia, senão fora
O ver, que es huma Senhora,
Havia dizer que mentes.
Ouves gemer os doentes,
E entras a rir, e a zombar?
Dize-me: Se eu melhorar,
E me chegares a ver,
De gosto, o que has de fazer?
Has de te pôr a chorar?

Confeſſa, Marcia, a fraqueza
Do teu vario coração;
Onde, ſe acaſo ha paixão,
He, ſem nunca ter firmeza:
He paixão da Natureza,
Que unida a huma tenra idade,
Faz mais forte a variedade
No peito d'huma mulher,
Que he rara a que ſabe ter
Huma conſtante amizade.

Mandas-me que te vá ver?
Eu havia de eſperar
Que me mandaſſes chamar,
Marcia, ſe pudeſſe ſer?
Eu havia de fazer
Ao meu goſto eſſa violencia?
Não ſinto eù a tua auſencia
Tão pouco, que por vontade,
Nas negras mãos da ſaudade
Sacrificaſſe a paciencia.

Porém, Marcia, fiquem eſtas
Couſas para outra hora:
O que eu ſó pertendo agora
Era dar-te as boas feſtas:
Mas ſe hum triſte, que em funeſtas
Anſias vive a ſuſpirar,
Póde boas feſtas dar,
Neſta noticia tas mando;
E he: Que ſabe Deos quando
Has de tornar-me a fallar.

DECIMAS.

SE eu sou, Illustre Rodrigo,
Capaz de dar-te conselhos,
Hoje a teus pés de joelhos
Tudo o que entendo te digo:
Quem he do seu Rei amigo;
E quem tem de obrigação
Expôr-se a qualquer acção
Por sustentar-lhe a Coroa,
Bem póde deixar Lisboa,
Só por ir beijar-lhe a mão.

A molle paz não te faça
Esquecer da dura guerra:
Ao menos, em Salvaterra,
Vai ver-lhe a Imagem na caça:
A destreza, a força, a traça
Contra os animaes astutos
São exercicios, são frutos,
Que eu te aconselho que tómes,
Que enfina a vencer os homes,
Saber sujeitar os brutos.

Acompanha ao Caro Irmão:
Imita o seu alto exemplo,
Se queres entrar no Templo
Da heroica reputação:
Perdoe a tua paixão,
Se isto grato te não for:
Tira da espada, Senhor;
Faze o que Alexandre fez,
E corta por esta vez
Esse nó Gordio d' Amor.

Nenhum intento estragado
Te faça mudar de empreza,
Porque sempre foi fraqueza,
Desistir do começado.
Finalmente, sem cuidado
Pódes jornada fazer:
Vai, que não podes temer
Contrarios ventos, que então
Em popa te levarão
O empavezado escaler.

DECIMA.

Peço-lhe, Senhor Marquez,
Que em louvor de tão bom dia,
Perdoe á minha Poesia
Não o louvar esta vez.
Só digo, posto a seus pés,
Que a pezar d'algum taful,
Será ouro sobre azul,
Se contar com brevidade
Sobre os trinta e tres de idade,
Os dezoito do Paul.

DECIMA.

Quem escuta a suavidade
Do teu canto, he bem que infira,
Que nem tudo foi mentira,
Que escreveo a antiguidade.
Em ti passa a ser verdade
Toda a força das Medeas;
E de sorte nos enlêas
Com tua voz, que ninguem
Duvidará, que tambem
No nosso Tejo ha Sereas.

Senhor D. Joſé Xavier
Mil annos viva; e ſe acaſo
Julga que he pouco eſte praſo,
Olhe, viva os que quizer.
Viva, e torne a reviver
Com ſaude que lhe ſóbre,
Creſça-lhe a mezada, e o cobre:
Mas ſe ſe vir ſem dinheiro,
Faça por morrer primeiro,
De que ſaiba o que he ſer pobre.

DECIMA.

Nos teus olhos vive Amor;
Porém os lugares tróca,
Pois procura a tua boca
Para te eſcutar melhor:
Elle a beija, e ao redor
Do teu ſoberano roſto
Tem nelle mais brando encoſto;
Onde eſtá da tua voz,
Para nos ferir a nós,
Forjando ſettas de goſto.

DECIMA.

Sem ſaude, e ſem dinheiro
Paſſo eſta vida infelice:
A maldita boca o diſſe
Do fatidico Agoureiro:
Mas hoje o teu liſongeiro
Louvor tem tanta virtude,
Que por mais que o Fado eſtude
Em fazer-me deſgraçado,
Val mais ſer por ti louvado,
Que ter dinheiro, e ſaude.

ADIVINHAÇÕES.

DECIMA.

Em morrer, fui sepultado
Noutro mundo, donde venho;
E logo na côr que tenho,
Pareço desenterrado:
De novo mortificado
Venho a ser cada vez mais;
Mas por mim, não por meus pais,
Em todo o mundo sou visto,
Ou com habito de Christo,
Ou com as Armas Reaes.

Outra.

Já em quatro pés andei,
Agora só em dous ando:
Mil gentes, em eu fallando,
Me obedecem, como Rei:
Eu mesmo procuro a Lei,
Que ponho aos homens; em fim,
Só se atreve contra mim
Hum cruel, de mão armada,
Que me dá muita pancada,
Sendo elle hum vilão ruim.

Outra.

A vida, sem dar hum passo,
Levo, e sou tão desgraçada,
Que ainda, sem fazer nada,
Hum grande peccado faço.

Outra.

Voo, e não venço caminho:
Mastigo, mas não engulo:
Sustento aos mais, quando bulo,
Dentro do meu proprio ninho.

Outra.

Gostão de mim as crianças,
Tomárão-me sempre ter;
Mas podia desmammallas,
Se me chegarem a ver.

Outra.

Com tres olhos,
Com dous braços,
C'um só pé
Assisto em paços.

DECIMA.

FOi para mim eſte dia
Dia tão aſſignalado,
Que ficará conſagrado
Todo á minha idolatria.
Vi nelle a bella Maria
Por huma caſualidade:
Vi, em fim, a raridade,
Que poucas vezes ſe vê:
Quereis vós ſaber qual he?
He belleza com piedade.

DECIMA.

ELOGIO FUNEBRE
DO
ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
D. FRANCISCO XAVIER TELLES.

HUM daquelles Homens, que depois de naſcer nunca devêra acabar, foi o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Franciſco Xavier Telles. Aſſim o dicta a razão; mas não o faz aſſim a natureza. Ha pouco tempo que a ſua vida, e a ſua morte ſervirão de aſſumpto á funebre Eloquencia de hum Orador ſagrado, diante do qual me não atrevêra a fallar, ſe não temeſſe que as obrigações que me cércão, foſſem outros tantos accuſadores do meu culpavel ſilencio. O Elogio das ſuas virtudes, que ha poucas horas acabámos de ouvir, não he algum quadro imperfeito, que eu pertenda retocar; he ſim hum original, de que apenas poderei tirar, com mão tremula, hum ſimples deſenho. Eu mais devo chorar a ſua morte, que deſcrever a ſua vida. Eſta empreza não he para mim. Eu me contento em miſturar os meus pezares com os voſ-

voſſos, e ajudar com elles o grito univerſal d
noſſa inconſolavel dor.

Todos conhecêrão o ſujeito de que trato
Todos ſabem que o Senhor D. Franciſco he fru
to de hum Ramo, cujo Tronco forão Reis. Iſt
baſte para idéa da ſua Arvore Genealogica
Todos ſabem que a ſua vocação militar o le
vou deſde menino a contender com os perſe
guidores da noſſa Fé, em odio da qual infeſ
tão todos os dias as ondas, e os portos do Me
diterraneo; e onde já o noſſo Heroe, filho d
Sagrada Religião de Malta, aprendendo a af
frontar os perigos, deo as primeiras provas d
ſua Chriſtandade, e valor. Todos ſabem qu
elle, depois de complerar as ſuas caravanas, vol
tou á Patria mais cheio de merecimentos
que de premios. Que elle era alli hum inimig
capital da ocioſidade; e que a louvavel applica
ção, com que a entretinha no tempo da paz
era reſolver problemas da Nautica; ajuſtar cál
culos da Arithmetica; e parece que dos ſolido
principios deſtas Sciencias tirava os acertos, con
que regulava as acções da ſua vida. Todos ſa
bem, que elle do meſmo campo de Marte fa
zia ſala de Minerva. Que á ſombra da ſua pro
tecção principiava a florecer huma Academia
de que foi Preſidente muitas vezes; e que j
daria ſazonados frutos, ſe lhe não faltaſſe n
Senhor D. Franciſco o ſeu providente, e infa
tigavel cultor. Todos ſabem a affabilidade con
que tratava os ſeus domeſticos; o acolhiment
com

com que recebia os que mais dependião delle. Mas talvez que nem todos saibão com tanta miudeza, como eu, as particulares acções da sua vida privada, de que não posso fazer agora especial menção, porque me falta o tempo, e as forças. Tudo isto pede mais hum livro, que hum Discurso. E eu me considero mais capaz de dar apontamentos para a historia da sua vida, que para tecer elogios dignos da sua memoria. Virá tempo, Senhores, em que algum Escritor tome nos seus hombros, sem curvar-se como eu, o pezo de tão alta, de tão brilhante materia.

Agora assaltada a minha idéa daquella dor, que a lembrança deste dia nos faz tão vivamente renovar, não devo, nem posso apartar-me da triste representação da sua morte. Sim, Senhores, eu considero ao Senhor D. Francisco no ardor do memoravel, do enganoso combate, em que perdeo a vida. Eu o considero esforçando os soldados para a peleja; animando os marinheiros para a manobra. Parece-me que o vejo correr através da sua não para distribuir as ordens; que humas vezes vigia no bordo; que outras manda no cataveuto, desejando estar todo em todas as partes. Parece que soa aos meus ouvidos o estrondo da artilheria, o zunido das balas, e que entre enroladas nuvens de denigrido fumo apparece o nosso Heroe vigilante, impávido, e forte. Com todas estas imagens tristes, com todos estes horrorosos ob-

jectos se não perturba absolutamente opprimida a nossa consideração; porém o que a desordena de todo, o que deixa de hum golpe o nosso espirito sem resistencia, he a imaginação, e a certeza de que o Senhor D. Francisco recêbe huma bala na perna esquerda, que o fere mortalmente.

Tu, primeiro Inventor da polvora: tu, primeiro fundidor de balas, que tiraste o merecimento ao valor; que tens reduzido a montes de cinza tantas Cidades, a cemeterios tantos arraiaes, malditos sejão os teus descubrimentos. Não bastavão os furacões para derribar as casas? As enfermidades para diminuir os homens? A natureza corrupta não tem dentro em si mesma os principios da sua destruição? Eu não sei se cada vez durão menos as vidas: sei que ellas nos vão fugindo, e desapparecendo a cada instante diante dos nossos olhos. E ainda a vossa diligencia, a vossa industria, a vossa malicia procura accelerar cada vez mais o rápido impulso da sua impetuosa carreira? Malvados authores! Risque-se da Historia o vosso nome, e consuma o tempo a vossa memoria até nas traições. Ah! que se vós não fosseis, talvez que ainda o nosso Heroe vivesse, que ainda respirasse; e póde ser que dentro em pouco tempo, entrando pela Foz do Téjo a sua não empavezada, e victoriosa, com a do seu contendor desarvorada, e ao reboque tornasse a saudar os muros de Lisboa, a piza-

as

as saudosas praias de Xabregas, e dalli sobre os nossos braços, como em triunfo, o levassemos a descançar no centro pacifico do seu respeitavel Palacio, onde eu primeiro que todos lhe beijára a mão; aquella mão para mim tantas vezes bemfeitora. Mas, Senhores, não o quiz assim nem o seu destino, nem a nossa fortuna; e para fallar mais christámente, não o quiz assim o Arbitro Supremo, que desde a Eternidade tem lançado as nossas sortes na Urna adoravel da sua incomprehensivel Providencia. Vejamos pois os seus effeitos nesta morte, que nos parece intempestiva.

Tornemos ao campo da batalha, aos mares da America, á altura da Ilha de Santa Catharina, que foi testemunha, ainda que de longe, da nossa lastimosa tragedia. Eu bem sei que vou correr o panno a huma scena tristissima; que vou apresentar aos nossos olhos o espectaculo mais capaz de mover a nossa compaixão, e a nossa saudáde; porém he preciso que tornemos a ver ferido ao Senhor D. Francisco: he preciso vello morrer para o vermos triunfar: são caros os louros, que se comprão á custa dos cyprestes; mas o Heroe em quanto vivo, sim he Heroe, porém só depois de morto he que se faz eterno. Animemos-nos, Senhores: aprendamos a ter valor com aquelle mesmo, que ainda depois de morto parece que o está inspirando. Imitemos a sua constancia, e a sua conformidade; virtudes, que o

acompanhárão tão fielmente até o ultimo inſtante da ſua vida, que pareceo querião morrer juntamente com elle.

Sente-ſe ferido o Senhor D. Franciſco: correm todos para acudir-lhe: não ſe queixa; antes com a ſerenidade, que lhe era natural nos conflictos, não quer que ſe interrompa o ſeu mandamento; e porque não affroxe a prompta execução das ordens, continúa a paſſallas: recebe os Sacramentos, que primeiro pedio: ouve a noticia de que he preciſo que lhe ſeparem a perna: com huma paciencia heroica, e com a meſma ſoffre a operação, em que teve tão grande, e inivitavel perdimento de ſubſtancia, que a natureza desfalecida deixou deſatar aquelle laço, que ha entre o corpo, e o eſpirito; e com huma precioſa morte deo finalmente a vida a quem lha tinha dado.

Aſſim foi cortado em flor o noſſo Heroe: Aſſim ſe atalhárão as noſſas eſperanças, e delicias: Aſſim acabou tingido do ſeu ſangue, e amortalhado na ſua gloria, o Nauta perito, o Soldado valente, o Capitão experto, o Politico conſummado, o Protector das Muſas, o temido das Parcas, o remedio de muitos, o amigo de todos os homens, o Senhor D. Franciſco Xavier Telles.

Oh ſe as ondas do Oceano, que lhe abrírão ſepulchro nos ſeus abyſmos, nos pudeſſem ao menos reſtituir o ſeu cadaver para chorarmos ſobre elle a perda de tantas virtudes, ſepul-

pultadas ſem pompa! Mas que digo? Sepultadas as virtudes! Não, Senhores, as virtudes não morrem; e as do Senhor D. Franciſco ſão taes, que nellas, como embalſemada a ſua memoria, ha de permanecer na poſteridade contra a corrupção dos tempos. Aquella Mão, que incurtou a carreira de ſeus annos, eſtenderá ſem termo a ſua gloria em recompenſa dos ſeus arriſcados, dos ſeus famoſos trabalhos.

O amor á Religião; o zelo do ſerviço da Patria; a fidelidade para com os amigos; a ſatisfação para com os criados; e a humanidade para com todos, ſão couſas, que não podem ficar ſem premio; ſão monumentos, que na falta do ſeu Mauſoléo ſubiráõ tanto ſobre a terra, que irão tupetar com os Orbes celeſtes. O ſeu Nome eſcrito no livro da vida, melhor que na faſtoſa campa de ſoberba ſepultura, ſerá, em vez do ſeu Epitafio, a Inſcripção do ſeu Epinicio. Sintamos, Senhores, a noſſa ſaudade; mas offereçamos-lhe com ella a noſſa mortificada paciencia, conformada na piedoſa certeza de que eſtá cortezão de hum Reino, que já mais ha de ter fim, e de que para gloria dos Heroicos Aſcendentes, de quem procedeo, e a quem ſempre imitou, naſceo illuſtre, viveo ſabio, morreo valeroſo.

FIM.

TABELLA

De todos os Soneros, que contém eſte terceiro Tomo, aſſinalados alfabeticamente com as paginas, onde vão lançados cada hum per ſi, e juntamente as mais Obras grandes, e pequenas.

A

A'Luz do cirio Nupcial, que ardia, 17.
A minha natural melancolia, 34.
Aos louvores de tanta ſuavidade, 39.
Aonde aquelle amor, que promettias, 72.
Acceita, e piza, ó bella encantadora, 75.

C

Canſado de cuidar neſta canſada, 11.
Cria Apollo, ſegundo affirma a gente, 42.
Cheguei ao Porto, e fui para a eſtalagem, 44.
Contão-ſe por exemplo da amizade, 55.
Ceſſe de hum rogo inutil a porfia, 63.
Campos, reverdecei: rebentai, flores, 78.

D

Dezoito vezes, Phebo, a grão carreira, 33.
Dizemos nós, os Socios da Aſſemblea, 48.
Debaixo deſta pedra fria, e dura, 52.

E

Embora, de me ler, tende faſtio, 1.
Eu já diſſe, Senhor, que a Fidalguia, 13.
Eu não compro, nem vendo, o meu cuidado, 20.
Em quanto de ſolicitos criados, 46.
Eu parto, a Deos, cruel, e deſterrado, 49.
Eſſe ſuſpiro, ó Nize, que animado, 71.

Eſ-

Eſſas prizões indignas, que a vontade, 74.
Eſſe fogo de Amor, em que alguma hora, 80.

F

Fazer annos, Senhor, será ventura, 32.
Faz o Sol, com perenne actividade, 40.
Foge o cervo, ferido na montanha, 78.

H

He tempo, Marcia, de chegar o dia, 7.
Hontem, Senhora Laura, caſualmente, 37.

I

Já enfadado Amor de ſer fréxeiro, 5.
Inda não creio que de Amor vingado, 9.
Inda a minha feliz puerilidade, 10.
Irou-ſe Marte, e c'um pelouro ardente, 41.
Já vencedor tributo em teus Altares, 68.
Ir viſitar inhoſpitos lugares, 76.

L

Luctando Albano no ſeu barco andava, 4.
Li huma vez em certa obra impreſſa, 14.

M

Meu coração de tempera tão dura, 6.
Maura gentil, pede a razão que ſintas, 8.
Meu amigo Doutor, mil conjecturas, 19.
Mal haja aquelle dia, aquelle inſtante, 22.
Meu bom Franciſco, eu te agradeço o grato, 23.
Meu Limano gentil, meu bom Limano, 45.
Mudar de terra não pertendo, amigo, 50.
Mil vezes vou ao rio, e não te achando, 54.
Mais depreſſa que o lume fuzilado, 61.
Mil dias ha, cruel, que vivo expoſto, 62.

Não

N

Não sei, Marcia formosa, que exquisito, 36.
Nas margens de hum ribeiro conversando, 58.
Não são de flores, mil festões pendentes, 27.
Não he com meus louvores, que eu podia, 28.
Não sei se será bem que em verso escrito, 66.
N'um valle de boninas matizado, 70.
No tempo que aos desgostos offrecido, 73.
Não sei o que acho em ti, que tão distante, 77.
Nesta, sem crime, accidental vileza, 43.

O

Os joelhos no chão, as mãos alçadas, 29.
Ou seja precursora, ou fique herdeira, 31.
O Tempo, que de nós foge apressado, 35.
O Patrio Téjo, fóra da agua, hum dia, 38.
Ora diga-me cá, Senhor Marquez, 51.

P

Pizando andei da mocidade as flores, 3.
Prevendo Jove na sua alta idéa, 12.
Para traçar a Imagem da tristeza, 15.
Porque o dar he de amor prova a mais certa, 18.
Pastora, nesta nossa despedida, 56.

Q

Quando eu nasci, hum funebre Agoureiro, 2.
Quando fogem do monte as neves frias, 30.
Que terna commoção! Que grato effeito, 59.

S

Se o cantor Grego, se o cantor Latino, 16.
Sahio hoje de Phebo a luz dourada, 25.
Solitaria se vê esta espessura, 60.

So-

Sonhando eſtava agora, que a ventura, 69.
Solto o cabello, o roſto abrazeado, 67.

T

Torna a vir, bella Jonia, o ſuſpirado, 24.
Tem-me poſto a Fortuna em tal eſtado, 53.
Tudo quanto eſperei, tenho perdido, 64.
Torna, Excelſa Marqueza, o ſuſpirado, 65.

V

Ver premiado o teu merecimento, 21.
Vem, amavel, belliſſima Paſtora, 26.
Vá de furia, Senhores, vá de feſta, 47.
Vai, ó ſabio Alvarenga, expende ouſado, 56.

OITAVAS.

Sabes quem he o Rei ſabio, e conſtante, 81.

EGLOGA.

A' freſca ſombra de hum frondoſo outeiro, 93.

ODES.

Compõe, ó Muſa, a deſgrenhada teſta, 113.
Eu vejo em altos mares engolfado, 119.
Longe de mim as fabuloſas filhas, 115.
Ocioſos amores, 124.
Que importa que amanheça, 127.

CANÇÕES.

Ditoſa geração, que vê contente, 147.
Jazia recoſtado, 137.
Perdoem-me eſta vez as Muſas bellas, 131.
Torna, Marilia, faze que eſtes prados, 143.

EPISTOLA.

Deſde que houve no mundo ſociedade, 160.

ROMANCES.

Era o tempo, quando a luz, 173.

Ge-

Gemem no ardor as rigidas entranhas, 164.
Que alegre amanhece o dia, 170.
COPLAS.
Como hei de cantar alegre, 180.
QUINTILHAS.
Eugina, que hei de eu dizer, 184.
MISCELLANIAS.
Motes alheios glozados pelo Author.
QUADRAS.
Amar, e saber Amar, 204.
A causa, por que eu suspiro, 210.
Bem conheci nos teus olhos, 206.
Campos bemaventurados, 226.
Depois que os teus olhos vi, 224.
Entrei no Templo d' Amor, 212.
Eu tive hum bem, cujo bem, 216.
Já fiz voto de querer-te, 214.
Meu mantimento são penas, 218.
Que mal te fiz, ó ingrata, 220.
Roubárão-me os teus agrados, 222.
Zelos, esperança, amor, 208.
COLXEAS.
Ao pé de huma clara fonte, 228.
As bandeiras de Cupido, 232.
Não quero nada comtigo, 229.
O meu coração ferido, 230.
Que parentesco chegado, 233.
Se de mim tens compaixão, 229.
Viva a dona do Casal, 231.
Passo em triste solidão, 233.

MO-

TABELLA

MOTES.

Não acceito os ſacrificios, 234.
Em tanto bem, tanta pena, 235.
Teus olhos são meus ſenhores, ibi.
Eu ſem ti não quero nada, 236.
Não ſei deſcifrar Amor, 237.
Ninguem tenha dó de mim, 238.
Entre os Paſtores, Felinto, 239.
Salvou-ſe o Amor nadando, ibi.
Eſtou aqui deſeſperada, 240.
Morrendo eſtou de ſaudades, 241.
Morro de huma ſaudade, 243.

DECIMAS.

A huma auſencia.

Não ſou eu, nem ſer podia, 251.

A huma Senhora.

Com tão vivas cores pintas, 252.
Se eu ſou, Illuſtre Rodrigo, 256.

Annos.

Peço-lhe, Senhor Marquez, 258.

A huma Senhora cantando.

Quem eſcuta a ſuavidade, ibi.

Annos.

Senhor D. Joſé Xavier, 259.

A huma Senhora cantando.

Nos teus olhos vive Amor, ibi.

Reſpoſta a hum elogio feito ao Author.

Sem ſaude, e ſem dinheiro, 260.
Foi para mim eſte dia, 263.

TABELLA

A huma Lavadeira.

Eu sei que tem Joſefina, 244.

Adivinhações, 261.

PROSA.

Elogio do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo D. Franciſco Xavier Telles, recitado na Academia dos Domeſticos no dia dos ſeus annos. 189.

Elogio Funebre do dito Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor. 265.

PRO-

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Deſtino, Divindade, &c. empregadas ſómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma couſa de commum com os internos ſentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo ſe ſubmette ás determinações della.

ERRATAS.

	Erros.	*Emendas.*
Soneto 5. v. 7.	Agoural	Augural
Soneto 9. v. 10.	Diſpoſto	Deſperto
Soneto 15. v. 12.	Ficou-lhes	Ficou-lhe
Soneto 23. v. 1.	a grato	o grato
Soneto 46. v. 2.	Em rico	o rico
Ibid. v. 3.	o rico	em rico
Ibid. v. 14.	lhes	lhe
Soneto 62. v. 10.	Não	Nem
Ibid. v. 12.	Nem	Não
Epiſtola p. 161. v. 11.	no	em hum
Romance p. 167. in fine	a Providencia	ó Providencia
Coplas p. 182. in fine	a morte	Amor te
Quintilhas p. 184. v. 1.	Eugenia	Eugina
Gloza p. 225. v. 5.	Diſcorri, formei	Diſcorrei, formaî
Soneto p. 179. v. 2.	Em peito	E em peito